



CONCURSO LITERÁRIO  
**OSÓRIO**  
ALVES DE CASTRO



Contos  
VOL. 2



UFOP



*Contos*  
*vol.* 2





CONCURSO LITERÁRIO  
**OSÓRIO**  
ALVES DE CASTRO

*Contos*  
*vol.* **2**



UFOP

Copyright © 2023 Universidade Federal do Oeste da Bahia

EDIÇÃO

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

CAPA

Jairo Rodrigues,  
releitura de esboço a lápis de O violeiro, de Cândido Portinari

DIAGRAMAÇÃO

Cícero Félix

REVISÃO

Natacha Stefanini Canesso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Oeste da Bahia  
Biblioteca Universitária

---

U58 Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Contos. / Universidade Federal do Oeste da Bahia. Barreiras/BA: Ipanema  
Gráfica e Editora, 2023.

220 p. – (Concurso Literário Osório Alves de Castro; v.2)  
ISBN: 978-85-60065-03-5

1. Contos 2. Literatura 3. Oeste da Bahia. 4. Cerrado I. Título. II. Série

CDD – B869.3

---

Bibliotecária: Alizete Neves Silva : CRB5/1658



**UFOB**

**Universidade Federal do Oeste da Bahia**

Rua Professor José Seabra de Lemos, 316.  
Recanto dos Pássaros, Barreiras (BA).

[www.ufob.edu.br](http://www.ufob.edu.br)

## **Sumário**

**APRESENTAÇÃO**

Identidade corrente, 11

**PREFÁCIO**

Novamente, um cheirinho de alecrim, 15

**RAFAEL DE FIGUEIREDO LOPES**

Vapor de mercúrio, 23

**MARIA CLARA ROMEIRO MOTA SILVA**

Vazio, 39

**RUBIA MARQUES PYLO DE SÁ**

O poder de um encontro, 55

**THÉO DE ARAÚJO SANTOS**

O Casamento do Nêgo D'Água com a Noiva da Mata, 67

**CLEBER DA SILVA REIS**

Varal de cordel, 79

**ÁUREA GABRIELA MOURA GUMES**

Um presente do tempo, 91

**SAMUEL SOUZA DE OLIVEIRA**

Do outro lado da rua, 103

**MARIANE SOUZA DA ROCHA**

Por trás da guerra, 115

**JOÃO NEWTON VARGAS ALVIM**

Vanja e as vivandeiras, 127

**ILAN CARLOS SANTOS DE CARVALHO**

Valeu a pena?, 141



ALYSSA YASMIN DA ROCHA FERREIRA

O próximo herdeiro, 153

JEANLUCAS FRANK ESCOBAR GOMES

Um dia de trabalho, 165

LAYANE MOURA SILVA

Um tormento viral, 179

SAMUEL SANTOS

A identidade Napolitano, 191

ANTONIO OLIVEIRA DE SOUZA

Mão tácita, 203



# Identidade corrente

Em 2015, orientei uma pesquisa de iniciação científica chamada “Identidade corrente”. A palavra corrente tinha dupla função: localizar a pesquisa (que foi realizada no Território de Identidade Bacia do Rio Corrente) e dizer que a identidade é algo fluente, que corre, que é corrente. Está em permanente incompletude, sempre em processo, sempre em formação, como explica o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall.

Antes de mudar para o Oeste da Bahia, em 2009, fiz algumas pesquisas na internet para conhecer a região. O assunto agronegócio predominou nos resultados dos motores de busca. A sensação era a de que tudo na região se resumia àquela atividade econômica. Era como se a região só existisse a partir dali. Mas ela sempre existiu, e não surgiu do nada. Todo lugar reivindica uma trajetória, uma ancestralidade, uma encruzilhada.

A formação identitária de um povo se dá em um processo de interação do eu com o outro e com o espaço. Logo, identificar o Oeste da Bahia exclusivamente pelo perfil de uma atividade econômica, é privilegiar um aspecto e negar os demais. Esta região não é uma ficção

“pop”, ela é real! E a realidade são-franciscana está além de tudo isso.

Este 2<sup>o</sup> volume de contos do Concurso Literário Osório Alves de Castro, promovido pela Universidade Federal do Oeste da Bahia, desvela realidades de um viver na região que ignoramos – talvez pela naturalização, talvez pela baixa autoestima, talvez pela forma como nos ensinaram a olhar para as nossas realidades.

Por isso, ao passar os olhos pelos contos deste livro sinto um alento em encontrar essas realidades são-franciscanas, em perceber que estamos descolonizando o nosso olhar, nossa sensibilidade, nossos estímulos sensoriais. Digo isto porque parece que com o passar do tempo perdemos o apreço pelas miudezas da vida e pelas vidas e as coisas ao nosso redor no mundo. O poeta Manoel de Barros era craque nisso. Ele dizia: “Sobre o nada eu tenho profundidades”. E desfiava realidades poéticas com seu olhar de menino, que “conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores”.

Os 15 autores deste livro não trazem nenhuma conversa profunda com sapos, mas aprofundam a percepção sobre esse espaço e sobre as pessoas que nele vivem. Falam de afetos, relações pessoais, encontros e desencontros, fé, desejos, conflitos, lutas, dramas, alegrias, tristezas... tudo que compõe o dia a dia da vida nessa região. Um dia a dia com sabor de licor de jenipapo, biscoito de tapioca, à sombra do buriti, da carnaúba, do pequiizeiro; tudo ao som das águas do Urucuia, que lambem a terra por cima e por baixo a matar a sede dos viventes; um dia a dia marcado pelas espetacularidades extracotidianas das comunidades tradicionais que cantam, dançam e entoam seus versos sa-gracionais com o latim rural; um dia a dia infindo, diverso e rico de biodiversidade.

Enfim, ao incentivar a criação literária e estimular o olhar sensível sobre o Oeste da Bahia, a UFOB, com este Concurso Literário Osório Alves de Castro que está indo para a 3<sup>a</sup> edição, contribui para expandir a compreensão sobre a formação identitária dessa região, sem ro-

mantizar a realidade e invisibilizar a trajetividade de seu povo. Como disse certa vez o poeta e jornalista potiguar Francois Silvestre: “Só é cantador quem traz no peito o cheiro e a cor de sua terra, a marca de sangue dos seus mortos, e a certeza de luta de seus vivos”.

**Cícero Félix**, *coordenador de Arte e Cultura da Universidade Federal do Oeste da Bahia.*



# Novamente, um cheirinho de alecrim

Uma universidade. Uma celebração literária. Um livro de contos. Vértices de um triângulo cultural que se apresenta mais uma vez. Para alegria e satisfação de quem, lobatianamente, escreve, lê, promove a escrita e a leitura. E, claro, de quem acompanha com olhos inquietos, como os das crianças, tantos esforços, êxitos, sonhos e desejos, individuais e coletivos. Sim, em tempos e sociedades que vão deixando a cultura letrada pelos prodígios, fáceis e rápidos, da cultura digital. No Brasil, sequer usufruímos adequadamente os benefícios da vida social compartilhada entre pessoas e livros, antes das novíssimas Fake News.

Leitoras e leitores têm aqui, ao alcance das mãos e dos olhos, outras figuras, nascidas de outra geometria, ancorada na observação, na experiência, na afeição e na criatividade. Nela, ângulos deslizam, circunferências expandem e contraem diâmetros, sociais e políticos, de um país que guarda também nos formatos geométricos e nas cores contrastantes a imagem da diversidade, da coesão e da complementaridade. Contudo, entre nós, ainda prevalece uma geometria ordenadora, de linhas demarcatórias rígidas e de alta precisão. Retângulo,

losango, a circunferência do céu azul, pontilhado de estrelas individuais, solitárias, autônomas entre si, resplandecentes em conjunto, no mosaico prateado e tremulante.

A metáfora da ordem natural das coisas, da vida e do mundo, é reiterada nas formas e nas cores da terra, do mar, das matas, na órbita celestial da civilização. Resignificação das cores da dinastia e da autoridade pessoal da Casa de Bragança, o verde e amarelo. Das bandeiras republicanas tricolores, com a astuta incorporação do vasto céu anil. Metáfora divina. A da razão acima das crenças, quando a tarja branca e com dizeres estampados recobre o firmamento, desvenda os olhos e define a nova autoridade suprema: ordem e progresso acima de todos. Ideal de civilização que tudo dispõe e que tudo comanda, que tudo controla e que tudo pode. Raridade política, a bandeira do Brasil torna-se singular pela incorporação de palavras aos significados e simbolismos pátrios, nacional tecnificados, nacional racionalizadores.

Natureza e técnica. Barbárie e civilização. Binômio da aurora da Nação e do Estado nacional, tido e havido como violento, hierárquico, discriminador, desde os primeiros anos do século XIX. Assim, ainda hoje. Bárbaros, selvagens, somos todos. Pobres. Pretos, pardos. E os quase pretos, de tão pobres. Povos indígenas, migrantes, crianças, meninas e mulheres, moradores de rua, idosos, enfermos, adolescentes e jovens, em busca de um lugar nesta sociedade excludente, perversa, hostil e truculenta.

As narrativas curtas que integram este volume movimentam a régua e o compasso literário da Bahia, do Oeste da Bahia, das águas, do gerais. Há diversidade de temáticas, objetivas e subjetivas, de incelências e de acalantos. São cores e formas da terra e do povo, da vida e da história. Patrimônio coletivo em letras de forma, em imagens oníricas e insurreições analógicas, inconformistas, sentimentais, metafóricas e sensoriais. Sensitivas, como os bichos e as plantas.



A Bahia textualista de que falava Osório Alves de Castro esquadrinhada na ancestralidade dos neobaianos, ex-mineiros, ex-pernambucanos, ex-cariris, geraizeiros, malungos, pescadores, roceiros, vaporzeiros, sem-terra, são-paulistas do São Francisco, baianos do Tietê. Privados da leitura e da escrita. Quase sempre, quase todos. Quem sabe o que está escrito na bandeira da República? Aqueles poucos que aprenderam a “ler o mundo”, mais do que as palavras, o rumo e o sentido da vida, na passagem do século XIX para o XX. A República do Brasil e sua bandeira, suas ideias e seus símbolos, mitos e personagens.

E se não há pecado em contar as estrelas no céu, tão pouco haveria em contar as estrelas da bandeira republicana... Houve quem nela sonhasse com nova estrela, o estado do São Francisco. De lá despontaram trombetas da críticas, de saudações e de incompreensão da e pela República. Cesariana, pela espada do Império. Cesarista, pela filosofia da Física Social, regeneradora e preventiva de todos os males. Sobre-tudo, os da rebeldia dos oprimidos, dos famintos, dos excluídos, da migração em massa.

Não estava aí, Canudos! Um alerta aos incautos, aos imprevidentes, aos apressados. Um exemplo, em prédicas de neocanudenses... o velho Osório, Clodomir Santos de Moraes, Jehová de Carvalho, Altair Sales, Jairo Rodrigues da Silva, Norma Borba, Zeto, Hermes Novais, Joaquim Lisboa Neto, Ione Rochael, César Lisboa, Rosa Tunes, Leandro Caetano, Julita Abreu, Gleyce Bastos, Mazzo, Washington Souza Andrade, Josiel Rusmont. Ao elenco somam-se autoras e autores, editores, neste livro.

A palavra, aqui também, é republicana, é democrática. Dinâmica e transformadora, a república democrática permanece aberta às esperanças de futuro, à imaginação criadora no presente. Aquelas fazem com que esta germine, como as águas do rio, lambendo, fecundando

as úmidas margens da renovação social e cultural. Universidade, celebração literária e livro de contos reunidos convertem-se em atracadouros bem-aventurados da alma. Carranca na proa. Bússolas de mudanças sociais, necessárias e inadiáveis, húmus da inventividade emancipadora. São palavras que acolhem e compartilham, que unem e libertam, que clamam e chamam. Resta apenas saudá-las, roseadamente... Ave, palavra! E, por que não, algum cheirinho de alecrim?!

**Paulo Henrique Martinez**, *professor na Universidade Estadual Paulista (UNESP).*

*No 25 de abril de 2023,  
49<sup>o</sup> Aniversário da Revolução dos Cravos, em Portugal,  
e dos ventos de renovação cultural na lusofonia.*









# Vapor de Mercúrio

**RAFAEL DE FIGUEIREDO LOPES**

Eram como micro erupções solares as labaredas espirais que perfaziam o contorno disforme daquele corpo cadente. Não era cometa, nem chuva de meteoritos deixando o rastro espetacular pela atmosfera, sequer uma estrela anã traçando um arco de luz até sumir. Era um homem em chamas no espaço. Acabara de ser parido como quem é expatriado violentamente por uma força poderosa e punidora. Surgira por entre grandes lábios rubro-arroxeados que figuravam como um balão inflável à deriva no cosmos.

Ao vê-lo despencar da imensa vulva sideral, tive a impressão de que o homem aflorava em decomposição, incriminado por querer ser livre. De seu ventre aberto, as vísceras alastravam-se como aliens pelos ares. Flutuavam quase tão vermelhas e viscosas quanto a ferida no coração que pulsava em descompasso dentro do buraco aberto no peito. A cabeça procurava um eixo. Tentava dizer algo. Os sons emitidos pela boca flácida eram incompreensíveis embora, em pensamento, ainda evocasse reminiscências da linguagem que soubera falar. As carquilhas profundas do semblante catatônico demarcavam abismos de emoções reprimidas e a estranheza de quem intui fenecer. Os olhos, quase sem alma, cerravam pela última vez as janelas que outrora resplandeceram. E, assim, morreu antes de chegar ao solo. Ao me apro-

ximar, como um periscópio espião, tive a certeza. O homem era eu.

Foi um choque emocional acordar do pesadelo. Só não tenho certeza se despertei. As experiências oníricas tanto me perturbam quanto me encantam. Inseguro, temo códigos que não decifro. A angústia me tira o chão. Narcísico, gosto das imagens simbólicas dos meus sonhos. Mas, não as retenho por muito tempo. Pensando bem, acho que não sonhei a minha morte. A inventei acordado, sonhando lúcido, falsamente. Ou já morri. Contudo, as imagens continuam a estampar uma espécie de tela de projeção que não é palpável. Se apresentam num espectro intangível. Só eu as vejo aqui por dentro.

Preciso escrever sobre isso, pintar em óleo sobre tela, compor uma partitura, pôr para fora. Mas, o sono e a vontade de agir oscilam como ondas. Precisaria escrever. Ele precisará ler. Quem será ele agora quando sou eu quem fui para o amanhã desde ontem.

Acordo. Pois, não havia acordado antes. Acordarei depois. Acordaria, se possível.

Odeio não entender a minha letra nos rascunhos que faço no bloco de anotações na cabeceira. Às vezes, nem acendo a luz, simplesmente psicografo. Outras vezes perco o prazer de escrever tais impressões. Não quero ser obrigado a enfrentar minha arrogância submersa. Poderia ter um sonhário exclusivo para esses registros. Preguiça, depois afã.

Quero me mexer, mas permaneço inerte. Continuei deitado, no entanto fui. Não sei explicar. Consegui ler ou será que imaginei ter lido. Não era o registro do último sonho. Era o de outro. Talvez um não sonho. Naquele bilhete decifrei os garranchos. Estava no verso de um tíquete que tinha na frente um texto impresso em preto. Cine Dragão. A Serpente – Legendado. Hora: 15:30. Data: 08/01/2020. Inteira. Popular R\$ 15,00. Volte sempre! No verso branco, já não totalmente alvo pelos rabiscos da caneta, um verso. Ame, depois rasgue.

Odeio rimas, mesmo assim as faço sem lâminas de aço. Nunca



cortei os pulsos. Não, não enlouqueci, pensei. Tampouco em plena sanidade. Meu nome é. Esqueci meu nome, minha idade, cidade. Deslembrei de quem eu era, até da minha promiscuidade. Eparrei Iansã. Me assusto com o pulo da rã. Estava escuro na minha mente quase oca. Um breu naquele lugar incerto. A cama me era estranha, senhora aranha. Minhas costas doíam. Dormência, as pernas moíam. Aflição. Ouvia a tempestade arrombar a janela. Tração, temia de frio. Ardia em febre, eu brasa. Vazio. Voa a lebre sem asa. Fora de casa.

Aferição de rotina. Alguém diz que é o protocolo para diagnóstico e tratamento. Será que teriam colocado um termômetro na minha boca. Sim, invadido pelo tubo gelado que percutia um som serrilhado ao deslizar se chocando pelas arestas dos meus dentes. Meu corpo encandecia a ponto do hálito ameaçar derreter o canudo de vidro com a bola de mercúrio. Mas, preferi mordê-lo. Os caquinhos perfuraram minha língua. O sangue digladiou com o metal líquido e a saliva, amargando meu paladar, até se dissipar.

Eu, gás entorpecido, vapor de mercúrio. Fuji, percorrendo os cipóis da mente na vertigem da alucinação. Sei que realidade é uma invenção. Ora, admito, isso é tão lugar-comum. Divagar, devagar na intravenosa. Resvalo suave por um cilindro que gira em trezentos e sessenta graus. A emissão da radiação ionizante desvenda minhas entranhas e me revela em contraste de imagem. Preferiria em vinte e quatro quadros por segundo. Lançaremos no ano que vem. Quem sabe será um blockbuster. Já começou a exibição.

O nevoeiro encobria a praia na noite de lua cheia. Um véu translúcido pairava na atmosfera. Carcaças de barcos na margem eram como esqueletos de baleias naufragas. Pescadores, ao longe, passavam com lamparinas e redes. Dava para ver outros vultos sumirem pelas dunas. Parecia que o tempo estava lento quando um cargueiro cruzou o horizonte ultramarino. Numa casa de madeira e palha, encravada

na restinga, o vento uivava por entre as frestas. A vela acesa tremia projetando fantasmas nas paredes e no teto. Todos dormiam até que a porta rangeu avisando aos sonâmbulos que alguém adentrava clandestinamente. Três senhoras cegas atadas por cordas de âncoras. Corta.

Voltamos por um corredor. Alguém me conduz numa cadeira de rodas. Apago. Depois da pancada de Morfeu, sobressalto. O grito não brada, abafa. Abro os olhos. Vou sem ter chegado. As pálpebras caem forte novamente enquanto ouço apitos no cais. Meu corpo zarpa em um bote de madeira. Remo sozinho para alto mar. Tenho medo do oceano e do que ele oculta. Um rio desagua perto. Subo o curso d'água contrariando o fluxo. Peixes boiam intoxicados por mercúrio. Estou faminto. Devoro os peixes mortos. Preciso dormir, estou tão cansado. Uma serpente me engole. Sou dragão no horóscopo chinês.

Alerta. Cuidado. Perigo. Nem tanto, é só efeito colateral da tomografia, diz o doutor. A náusea irrompe. Não consigo prendê-la, rebenta. Me afogo em meus dejetos de carne podre e areia. A fetidez rançosa é insuportável. Quero me lavar, mas se eu levantar desmaio. Tenho medo de cair, me quebrar. Me contorço. As entranhas continuam em guerra. Que horror, não consigo me desligar para burlar a dor. No meu último fio de fé, rogo a Deus e a todo o universo sagrado para acabar com o suplício. Sou um menino mimado. Isso dói, exaspera, esgota. Quero minha mãe, mas acho que ela já morreu.

Lembro que na manhã do meu aniversário de quinze anos, acordei irritado por causa do insuportável cheiro do creme de rosa mosqueta que ela besuntava na pele todo o santo dia. O aroma dos cosméticos populares que usava para se hidratar, maquiar e perfumar me insultava. Era a confirmação da decadência das nossas condições econômicas. A vaidade simplória não era um pecado capital, o problema é que o odor barato que subia pelas escadas vinha misturado à catinga

de frango frito. Isso sim, despertava minha ira. Lá de baixo, gritava perguntando se eu não ia descer para comer. Eu não respondia, me achava superior e não falava antes do meio-dia. Logo, ela aparecia na porta com seu semblante de moleca e um prato feito fumegando. Me desarmava. Era linda, mas eu não tinha essa consciência na época. Uns dizem que eu tenho os olhos dela.

A pupila dilata. Até quando dilatará. Prolongo a midríase. Olho para a lâmpada incandescente no teto. O filamento daqui denuncia que alguém acabara de desligar o interruptor. Já no corredor, as fluorescentes acendem pela ionização dos átomos de argônio e vapor de Mercúrio, filho de Júpter, mensageiro dos deuses. Passou por aqui, mas qual o recado deixado no seu rasto imperceptível. Outro dia, se não me engano, comprei lâmpadas de LED para enfeitar a decoração de Natal. Sei que as crianças vão se divertir. Estou com fome de doce, mas o enjoo segue em alta voltagem. Alguém poderia me trazer comida de luz. Água, por favor. Não sei a quem chamar, nem teria coragem. Sou um estorvo absorvendo radiação ultravioleta. Há quanto tempo estou aqui. Será que alguém se importa comigo. Cerro os olhos com força e outra vez enxergo minha mãe.

Melancolia. Na tarde cinza ela desvanecia. Seu rosto cadáver decompunha-se. Seu olhar vidrava-se ao me contemplar na despedida. Seu corpo ia deformando e secando como um esqueleto. Depois, esfacelava-se em cinzas ao despencar do penhasco. Sua poeira dissipava-se junto às lágrimas que eu derramava como magma de um vulcão fundindo-se ao mar, amar... Numa manhã branca ela voltou de surpresa. Brisa fresca, alegria. Me acordou perfumada, como sempre. Beijou meu pescoço, sussurrou no meu ouvido, fez cócegas. Rimos descompassadamente de tanta felicidade. De repente, sumira pelos mesmos lençóis de onde surgira.... Até que na lua âmbar regressou plena e serena. Me pôs no colo, como uma madona a ninar seu rebento. Sen-

sação de voltar ao útero. Seus braços me envolveram num abraço de fundo de alma. Quente, forte e delicado até eu perceber que ela não estava mais ali. Quanta saudade, só.

Apenas soro com glicose, ele teve uma noite calma, bem tranquila, diz a moça. Ainda está escuro. Silêncio. Mas, ouço estranhos bips. Ao lado, vejo luzinhas verdes, vermelhas, brancas. Gráficos numas telas. Um coração bate. Lampejo de consciência. Estou num hospital, é claro. Indígenas guerreiros com cocares de girassóis entram pelo corredor e me cercam. O desassossego me faz ofegante, nunca fui corajoso.

A cicatriz está em processo de cura. Antibióticos, bandagem, pós-necrose. Volto.

Meu pai tomava o café da manhã sentado em um banquinho na cozinha. Era um homem bom e trabalhador. Sério, meio austero. Exceto quando bebia e expressava um humor quase sem graça. Naquele dia, pediu para que eu apanhasse o jornal na porta do vizinho. Ainda era cedo. Que estranho, ao abrir a porta dei noutro lugar. Não estávamos mais em casa e eu era bem menor do que segundo atrás. A lanchonete localizava-se no meio de uma praça em que leões de bronze saltavam de um imenso bloco de granito.

O monumento do lado de fora impressionava, mas, lá dentro, em cima do balcão, uma garotinha de olhos remelentos se esgueirava como um gato e remexia no pote de uma conserva com ovos cozidos esverdeados. Próximo à janela, uma mulher loura de sombra verde e batom rosa flertava com meu pai levantando um brinde de cerveja. Ele fingia não vê-la, enquanto eu comia um pão com margarina e mortadela. Que asco. Queria guaraná, sorvete e chocolate. Ameacei contar do namorico dele para minha mãe. Na volta para casa, parou a moto e discutiu comigo. Estava enfurecido, não só daquele dia, mas tentou corrigir tudo o que não gostava em mim. Não me bateu, mas a força da violência dita continuou por anos reverberando. Chorei seco e o odiei meu pai.

Só voltamos a nos abraçar no dia de minha formatura do ensino médio. Ele estava orgulhoso e me deu um relógio. No transcurso dos anos seguintes, às vezes, conversávamos banalidades ou nos cruzávamos pelo corredor sem trocar palavras. A convivência oscilava entre a tolerância e o estranhamento. Havia sempre uma tensão no ar, em nossas presenças ausentes. Éramos como operários em uma usina nuclear.

Surto. Os bips enlouquecem. Oxigênio, rápido.

Os solavancos do ônibus na estrada esburacada não me deixavam cochilar. Era a excursão para o campeonato de futebol. Meu pai era goleiro. Não daquele time amador, mas em outros quase importantes, bem antes daquela viagem em que ele era o treinador. Na curva fechada, o ônibus virou, revirou. Depois dos gritos, vi meu contorno translúcido estilhaçado na janela embaçada. Passei a manga da camisa pelo vidro descortinando o reflexo daquele homem deitado sobre minhas pernas, enrolado num cobertor de lã xadrez de tons de azuis. Eu o puxei e o abracei com ternura. Ele não dormia, já estava sem vida. Senti um amor tão forte por ele. Estava tudo perdoado, sem mágoas. Afinal, fim.

Despertei quando a agulha perfurou meu braço. Labaredas furiosas veia a dentro. Tudo focou mais lento. As coisas em volta, as gentes que não conheço, tudo virava gelatina e eu derretia em sabor limão.

Bom dia, senhor, estaremos iniciando o procedimento em três, dois, um.

Os lençóis e a fronha molhados colam em minha pele. Eu encharco a cada cochilo breve. Quero trocar de roupa. Se eu levantar desmaio. Que quarto é esse cuja a luz anil entra pelas persianas das paredes de gelo. Ouço passos se aproximando. Quem será. Prefiro fingir que durmo. Alguém abre a porta. Um aroma delicado de frutas cítricas adentra por minhas narinas e anima meus pulmões. Sim, é ela. A mudança na atmosfera me faz crer. Será que ela ainda dança.

Me asseiam. Que alívio. A hora da sopa não chega. Ela ainda não foi embora. Está comigo, como sempre. Nos conhecemos por acaso, numa festa de garagem. Isso foi pouco antes das convicções políticas familiares deixarem de ter importância e eu assumir as minhas próprias. Era verão e passeávamos de mãos dadas, cambaleando por entre as ondas que invadiam o calçadão da praia. Época em que os tubarões ainda não ultrapassavam os arrecifes e os encantadores de crocodilos ostentavam os répteis em coleiras góticas. Ao entardecer, a ressaca transbordava pelas ruas. O vai e vem da água lambia nossas pernas e salpicava alto, salgando os nossos lábios. Nos beijávamos com fome e sede um do outro. Gargalhávamos quando a espuma nos rendava a pele e nem sentíamos medo dos monstros uniformizados que nos perseguiram para acabar com a farra da cannabis. Naquelas horas éramos alados e surfávamos pelo labirinto de edifícios.

A floração das nossas descobertas adolescentes revelava o horizonte como um jardim de delícias divertido e brega, tal qual o parque de diversões temático que anos depois visitamos com as crianças. Comíamos churros para saciar a larica sentados nas pedras do Porto de onde avistávamos a cidade alta e o campanário da capela colonial de Nossa Senhora da Boa Esperança. Após as dezoito badaladas, víamos o que pareciam formiguinhas em procissão. Beatas com rosários dourados saiam da hora do ângelus e ao descerem a ladeira, embebidas do Espírito Santo, já nem se importavam mais com pegação explícita da galera na batida do funk. O paredão dos carros pulsava atômico, mais intenso que o cântico dos cânticos.

Perto dali, por trás da chácara dos pomares de laranja, as casinhas populares compunham mosaicos coloridos escalonando o morro que, ao anoitecer, cintilava como um bando de vaga-lumes. As mansões dos ricos tinham muros de pedra e seus coqueirais pendiam para o lado de fora, balançavam no vento fresco que corria livre. Desejávamos morar

lá. Estávamos tão alienados de felicidade que nem lastimamos quando vimos os corpos de jovens chacinados apodrecendo nos escombros da obra abandonada do metrô.

Paraliso, visão eclipsa, emudeço. Tato. Ela aperta minha mão. Queria reagir.

Antes do namoro, bem antes de nos casarmos, éramos os melhores amigos. Um dia, deitados na cama dela, sobre as cobertas bagunçadas, me falou sobre uma nova coreografia. Era autoral e, por isso, não sabia se teria chance de colocar em cena, já que a companhia em que atuava tinha um repertório mais clássico e jamais daria espaço para criações experimentais. A narrativa em movimento era uma alegoria sobre seus pais e as constantes brigas do casal durante a sua infância. Falou que não guardava rancores, até porque ambos já tinham morrido. Tínhamos essa órfã coincidência. Mas, pelo que a performance transmitia, concluí que ela ainda sofria os traumas.

Algo acontece, a cama sobe e desce. Sensação de flutuar. Sou um flaneur.

A campainha tocou na casa da bailarina. Eram os tios do interior, bem camponeses e vestidos com roupas muito simples. Francos e sem cerimônia nos modos, contrastavam com a delicadeza da anfitriã. Tinham chegado mais cedo e aproveitaram que a chuva havia estiado para fazer compras no supermercado. Nos juntamos a eles na sala. Em seguida, chegou outro casal amigo da família e começaram a conversar animados contando causos do passado. A tia fez pipoca e a bacia de plástico rodava por mãos impacientes. O croque-croque da mastigação e as risadas retumbavam no ambiente apertado e nublado da fumaça de cigarro. O tio tinha um violão e cantava eloquente, com tom sertanejo que ia do grave ao falsete sem desafinar. A bailarina foi até a cozinha e me chamou com a cabeça. Fizemos algumas caipirinhas e distribuimos entre os convivas.

Bateram à porta com força numa sequência em senha. Eram outros parentes próximos. Beijos, apertos de mãos, abraços de tanto tempo. O trovador se perdeu na letra e no ritmo com o pessoal agitado. Ficou meio constrangido. Só eu percebi. Depois continuou e cantou mais dramático, quase flamenco. Aplaudimos e rimos. Mais caipira com pipoca. Que combinação esdrúxula, ainda pensei cantando em coro, sou caipira Pirapora, naquela tertúlia insólita.

Depois, a bailarina cantou uma música que estava no topo das paradas. Eu não gostei muito do timbre dela, mas demonstrei admiração. Lembrei que quando recitei meu poema sobre a primavera na sétima série a professora criticou minha entonação, demonstrando desprezo. Me senti tão humilhado. Refletindo agora, creio que, na verdade, não gostei da melodia nem da letra. Geralmente, detesto músicas da moda. Ela estava graciosa e cantava rodopiando na sala. A saia subia e revelava pernas esculpidas por mestres renascentistas. Usava alpargatas chiques, de veludo, mas andava com elas só em casa. Naqueles dias chuvosos preferia galochas de borracha na rua.

Inverno úmido. Odeio frio. A artrite grita. Naquela época, ainda não. Nem a sífilis.

Decidimos sair de casa. Éramos onze. E já eram onze e onze. Os tios camponeses queriam espairar e celebrar o nascimento do primeiro neto. Mas, já estávamos comemorando. Que estranha comemoração em cadeia. A avó da bailarina foi conosco. Havia esquecido de mencionar que ela morava com a avó desde a morte dos pais naquele acidente de avião que explodiu no aeroporto. Ela não precisava trabalhar, vivia dos rendimentos aplicados da indenização paga pela companhia aérea. Por isso, dançava sem culpa nem preocupação com o amanhã. Fazia arte pela arte. Artista independente, dizia.

Chamamos uns três carros por aplicativos. Ou nos amontoamos em dois, se não me engano. Que doido, francamente acho que fomos de



ônibus bebendo vinho em garrafas de plástico cortadas como copões. Não recordo muito bem do caminho, mas passamos por uma avenida movimentada, com casarões decadentes transformados em inferninhos. Descemos no ponto por trás do prédio da antiga Santa Casa convertida numa boate-motel chamada La Taberna. A bailarina falou que o retrofit havia ficado lindo. Os tios não entenderam e não entramos para ver por dentro.

A avó contou que antigamente andava à noite, sem medo, sozinha, por aquelas ruas. Só que agora as adjacências eram perigosas. Mesmo assim, andamos por ruas tortas. Eu sabia mais ou menos onde estávamos, mas não tinha certeza. Perambulamos felizes, embriagados do vinho e caipirinhas, mas quem tropeça é a ruiva que passa de botas de vinil e salto agulha. Na esquina, um boteco com luz neon lilás reunia personas do universo StarWars. Não sei se eram cosplayers ou se realmente havíamos atravessado para outra dimensão. Gostamos de lá, mas a bailarina sugeriu que entrássemos num outro lugar.

O Khalabouço ficava no porão de um sobrado. Ainda na frente, notei que fazia muito frio pela fumaça que saía da expiração. O álcool na corrente sanguínea nos protegia da glaciação externa. Uns já estavam de máscaras e outros recolocaram. Eu tinha esquecido da minha, mas alguém achou uma sobressalente no bolso. Estava usada, e daí. Na recepção encaramos um scanner. Ele via tudo. Até a marca das roupas ou a nossa falta de grife. A gente tinha chip na nuca e só naquela hora me dei conta desse lapso, pois não era só em filme. Mandaram tirar tudo dos bolsos. Quase um procedimento de inspeção em aeroporto. Eu não tinha celular, mas ficou uma moeda no bolsinho dentro do bolso da calça. Apitou. Voltei, retirei e depois passei. Em seguida, passamos pelo aspersores de sanitização. Eles desinfetavam até nossos poros. Entramos. Era um teatro sadomasoquista. Consumimos todos os luxos etílicos falsificados possíveis. Dançamos

um pouco de valsa, rock, baião, techno-brega, ciranda, strip-tease. Noivamos naquela festa.

Foi uma noite linda, mas estava tarde e a avó da bailarina tinha que trabalhar cedo. Uma professora proletária na resistência pela boa formação intelectual no ensino público. Nem adiantava ter neta bailarina. Bobagem, o que isso tem a ver se ainda não era uma artista famosa nem rica. Achei a avó uma mulher sensacional, não era deslumbrada, nem se inferiorizava pela idade, rugas e condições econômicas. Queria dizer mais sobre ela e também sobre a bailarina, seus tios e amigos. E, também, sobre as pessoas da noite pelas ruas, pelos bares. Mas não saberia expressar no meu vocabulário bêbado. Voltamos à pé, cambaleando, abraçados, cantando a alegria de não sermos divinos nem importantes.

Sempre quis ser importante, um deus. Cheguei sozinho em casa. Chovia. Eram cinco e cinco da manhã. Eu poderia dormir até às sete e meia, mas a vizinha já estava com o rádio ligado e o locutor perguntava ao entrevistado se as espécies evoluíam porque não víamos nenhuma surgir diante dos nossos olhos. Será que já sou ciborgue. Ri de mim.

Depressão e crise de ansiedade. Não conseguirei explicar às crianças que quando o sol desaparecer levaremos oito minutos para perceber. Eco. Quem é o homem que me encara através do reflexo. Não quero decifrar isso agora. Mas, já estamos em 2026 ou 46.

A bailarina sorria imersa na banheira de espuma. Bebia champanhe enquanto eu fazia a barba. Tempos atrás ela lavava o cabelo no tanque da área de serviço do nosso primeiro quitinete alugado. Mas, convenhamos, morar numa cobertura duplex era bem mais confortável. Nos tornamos fúteis. Sempre fomos, só que durante um tempo não tínhamos condições de exercer nossas frivolidades nem doar cestas básicas para likes.

Que dia é hoje. Qual será amanhã. Que horas são. Quantas faltarão daqui pra lá.

A coletiva estava marcada para às nove horas da manhã no salão de eventos do hotel. A mídia ansiava pelas declarações. Eu, aflito. Antes da entrevista começar, precisei ir ao banheiro. Whisky e cocaína. Paranoia. Ando como se câmeras me perseguissem o tempo todo. De fato, me perseguem. Não vivo. Atuo. Condicionado ao comedimento dos gestos, palavras, atos. Um aprisionamento ao politicamente correto que roteiriza uma ficção banal e destrói possibilidades de existir sem premeditações. O tempo da valsa.

Bip, bib, bi, b. Tic, tac. TikTok. Monitor multiparâmetro de sinais vitais.

Dizem que sou uma pessoa pública e esse é o preço de ser quem sou. Me irrita a obrigação de ter sucesso. No fundo, eu só queria aprender a conviver comigo mesmo. Fluir sem ostentação e me desmascarar da persona de prestígio duvidoso que construí para atender expectativas dos outros. Queria frustrar as armadilhas auto impostas, me despojar sem recorrer aos artifícios para parecer seguro e brilhante. Outras vezes, acho que é vã a luta contra meu ego, minhas obsessões, vaidades e inseguranças. Suspeito que não adianta tentar combater a natureza da minha essência, porque o instinto quase sempre se impõe mais forte do que qualquer tentativa de modificá-lo. Sou um fracasso.

Sinto que a agulha hipodérmica agirá novamente, sorrateira. Morfina. Flor vermelha. Cultivaremos campos de papoulas à la Monet e traficaremos ópio. Brindemos.

Quanta dor. Dor passa. Será que adoeci de câncer. Tentei me matar. O que fiz se não me vejo por inteiro. Reivindico o direito de informação, mas não expresso tal anseio pelo megafone. Corpo-mente em desordem. Tive um AVC, um enfarto, sofri um acidente de carro. Levei um tiro, pulei da sacada, tomei veneno. Cicuta, caro filósofo. Perco a memória resgatando fragmentos delirantes dela. Nós já sabemos disso. É fato, fake.

Folha A4 do lixo. Quem dera papel de alta gramatura e resistência. Rascunho.

Foram poucos encontros. Intensos, ilícitos, deleitosos. Um prazer paralelo, secreto. O desenho era teu exercício de observação em carvão sobre o papel de pão. O retrato expressivo também revelava minha dissimulação sobre o que havia entre nós. Você captou o mistério na minha expressão tímida, mas não entendeu que era a revelação do ponto final. Foi na nossa última vez, no mesmo quatinho ordinário de motel. Depois de fodermos, ainda tomamos um café na esquina e caminhamos pelas ruas adjacentes. Você se exibia no passeio público enquanto eu me camuflava entre os arbustos. Vimos um baobá no meio do parque e a fortaleza branca com militares de farda verde descendo a escadaria. Do outro lado, um palácio em ruínas onde poderíamos ter proclamado a nossa independência. As pombas deslocavam as asas e o ar balançava sua franja desfiada. Você personificava um ideal de liberdade. Mas, era tarde demais para ultrapassar a fronteira e transgredir meu vácuo pequeno-burguês. No fundo, eu tinha medo da sua coragem ao percorrer rumos errantes, sem temer os riscos, estampando sua verdade. Você era quem eu queria ter sido. Infelizmente, não pude guardar teu traço, nem teu abraço, muito menos cultivar nossa paixão, nosso sexo. Perdoe-me por te rasgar de mim. Agora sou pai, pensei, mesmo não me convencendo do argumento de marido margarina. Você foi e eu entrei num cinema. Ninguém na matinê. Na pele do dragão uma serpente, tatua-me.

Despenco em chamas no espaço. Espasmo hípnic. Desadormeço. Deserto. Chão.

Sem trânsito lá fora. Faz horas que ninguém entra aqui. Madrugada nada, o sol encandeia. Deve ser domingo. Quando vou embora, desemaranhar passagens de tempo e ordenar tempos verbais. Minha voz ativa é inconsciente da onisciência desta narrativa tecida por de-

lírios que entram e saem da memória. Informação retórica. Lá fora, sem.

Cores e afetos. Vamos festejar, vejamos. Mandaremos convites. Ou msg no zap.

Confetes de papel espalhados pelo chão do salão no baile de carnaval. Confetes de chocolate salpicados no topo do bolo de aniversário. Um casal de gêmeos me fez mais feliz. As crianças pintam com guache as máscaras de papelão que fizeram na escolinha. Mia deu cria, seis gatinhos rajados. Queria tanto ver meus filhos crescerem. Não teremos futuro. Poderia ter fruído sem nexo, divertido melhor nossos momentos juntos.

Síncope, arritmia. Córtex, luz estroboscópica. O mar é absinto no infinito celeste. Bebo-me. A cada três voltas sobre si Mercúrio dá um giro em torno do sol. O primeiro planeta do sistema solar é o mais excêntrico, se desvia do centro. Prata líquida, Hg, óxido, tóxico, gás monoatômico. Não me tornei cientista, nem cineasta. Só um charlatão.

Mais oxigênio, oxigenarás, oxigenaremos, não. O gene, a gênese da beleza vã.

Mulheres e homens de branco entram e saem. Estão ao meu redor. Manipulam estranhos equipamentos. Me abrem, violam órgãos, tecidos. Não os reconheço. Nunca os vi. Falam ao mesmo tempo, não os compreendo. É tenso, denso, blackout.

Silêncio. Amanhece lindo. Uma fásca de lucidez ativa sinapses para o último passeio da mente, não minto. Depois de tudo, só consigo chorar agora. Não é um choro físico, mas a lembrança da sensação. Não é tristeza, mas uma espécie de contemplação. Vem como correnteza e lava a alma. Me leva, leve. Evaporo em plena teia de interconexões. Não me sinto só. Já não sou mais eu, somos nós.



# Vazio

MARIA CLARA ROMEIRO MOTA SILVA

Talvez tenha sido um vírus, uma bactéria, um parasita ou quem sabe uma mutação causada pelos agrotóxicos que nos enfiaram à força, fosse pela água e comida ou, até mesmo, pelas nossas narinas, pela nossa pele. Alguns disseram que era uma encenação, outros especularam ser uma armação dos governos mundiais, claro, houveram outros a dizer que tudo era uma punição divina. Mas nenhuma dessas teorias importa agora. Não importa onde, como e nem porque começou, já que agora a humanidade não passa de um monte de carne podre vagando sem rumo como um corpo seco que nem a terra, nem o capeta, e muito menos porque algum deus quis.

\*\*\*

Liz acorda de supetão, o coração acelerado, a respiração falha. Como em todas as outras noites, sabe que foi um pesadelo, então ela respira e tenta se acalmar, mas é difícil quando se sabe que o pesadelo é real. Ela encara o teto por um tempo, antes de tatear o relógio de bolso largado ao seu lado na cama, um lugar que deveria ser ocupado por uma pessoa, não por um objeto. Duas e meia da madrugada, só conseguiu fechar os olhos por uma hora e, sabendo que talvez não conseguiria pegar no sono de novo tão fácil, segura o relógio contra seu

peito e volta a encarar o teto. Ela odeia o silêncio, pois ele a perturba à noite. O silêncio a faz ouvir coisas.

A verdade é que os pensamentos nunca vão embora, mas os pesadelos são terrivelmente vívidos. Toda vez que fecha seus olhos por tempo demais, tudo volta. As sirenes, os gritos, os alarmes, os grunhidos, os tiros, tudo. É como um fantasma sussurrando incessantemente em seu ouvido, mantendo-a sempre alerta a tudo à sua volta, a qualquer sinal de morte que se aproxime. Tudo em sua cabeça é uma bagunça, assim como em seu peito, então, ela sente raiva e tudo o que se acumula nela se prende em um nó na garganta, mas sai através de suas lágrimas tão silenciosas quanto a noite.

Liz continua encarando o teto e apertando o relógio contra seu peito e tenta focar, ela precisa dormir, pois terá um longo dia amanhã. Ela sabe tudo o que está deixando para trás. Ela sabe que será difícil, mas nenhuma falsa segurança, nenhuma ilusão de que possam voltar a viver como antes iria torná-la uma prisioneira, afinal nada mais importava para ela além de Rubens. Então, ela fecha os olhos, respira fundo e deixa todo o cansaço tomar conta de seu corpo até que, lentamente, ela cai no sono.

\*\*\*

Era cedo, Liz e Cornélio, o velho líder de olhos tristes e cansados da comunidade, já estavam se encarando fazia um tempo.

– Liz, não precisa fazer isso, está sendo precipitada, vamos achar um jeito de resolver o problema, mas não podemos agir por impulso.  
– disse ele, por fim.

Liz cerrou os dentes.

– Já fazem duas semanas. Duas. Semanas. Era para terem voltado a quatorze dias atrás e não há nenhum sinal deles! Você os enviou para a cidade, você é o responsável. – Rosnou as últimas palavras. –



O que pretende fazer? Se sentar em sua cadeira de balanço, pensar calmamente em uma solução e esperar que as pessoas estejam bem enquanto isso?

– Você conhece os riscos. – A idade havia o ensinado a ser calmo, mas não muito paciente. – Seu marido também sabia deles. Minha responsabilidade como líder é garantir o funcionamento e continuidade dessa comunidade. Precisamos dos recursos que só podemos encontrar nas cidades. Se eu pudesse, iria eu mesmo, mas o tempo não está sendo generoso comigo como sou com vocês. – Liz fez menção de que iria rebater, mas o velho interviu, levantando sua mão. – Basta. Não vou quebrar minhas próprias regras e te amarrar em uma cadeira. Você e Rubens ajudaram muito nossa comunidade, por isso te daremos um pouco de comida e água, o suficiente para ir e quem sabe para voltar, mas não irei te impedir, se quer ir, vá. – O homem sentiu um gosto amargo na boca.

A mulher não mais rebateu, afinal não havia mais o que ser discutido. Marcus, um dos homens que cuidavam dos animais, ofereceu a carroça para levá-la até um pouco depois aos limites seguros da cerca que protegia o aglomerado de fazendas na qual residiam e ela aceitou. Eram aproximadamente sete e meia da manhã quando ela partiu. Levou a mochila às costas, arrumou o boné velho em sua cabeça, amarrou a bandana em seu rosto e torceu para que os tênis surrados dessem conta da longa caminhada. Liz preferia evitar andar na escuridão da noite, então, definiu que às seis e meia da tarde, ela já deveria estar alojada em algum canto no meio do caminho.

Decidiu andar mais para o mato do que para a estrada, pensou que se fosse fácil para ela, também poderia ser para outras coisas. Além disso, preferia evitar de encontrar com pessoas cujas intenções ela desconhecias. Pensou também que talvez as árvores, mesmo que algumas finas, tortuosas e algumas com poucas folhas, pudessem pro-

tegê-la da severidade do sol.

Quando o sol quente estava a pino, Liz se sentou na sombra de um umbuzeiro para beber um pouco do café guardado em uma garrafa térmica. Aproveitou para comer o cuscuz que havia sido preparado naquela manhã e apreciou com vontade sua refeição. Esperou um pouco após comer. Estava quente e não seria uma boa ideia andar debaixo daquele sol, logo após seu almoço, mas assim que pôde, se levantou e continuou o percurso.

Já era quase hora de repousar quando passou por uma cidadezinha. Ela não descansaria ali, sabia que poderia andar um pouco mais, mas parou na pracinha que ficava no centro da cidade. Subiu o coreto, observou o local e encostou-se em um de seus pilares para beber água. Já esteve ali algumas vezes, mas muito tempo atrás, em uma época na qual havia vida, mas não demorou muito. Desceu do monumento, assim que viu corpos cambaleantes por ali e se apressou para continuar seu caminho, não gastaria forças lutando.

O sol não tardou de baixar, mas antes que estivesse tudo escuro, Liz achou uma casinha quase à beira da estrada. Não havia pessoas e, também, nenhuma outra coisa por perto. A casa se assemelhava aos desenhos de infância, uma construção simples com uma porta na frente, outra no fundo e poucas janelas, mal tinha três cômodos e, ao lado, havia uma árvore. Um carro bem velho estava estacionado ali por perto, ela até cogitou dormir dentro dele, mas uma cama, mesmo que empoeirada, ainda é uma cama.

Procurou por algum prato nos pequenos armários e, assim que encontrou, acendeu uma vela com seu isqueiro e a grudou no objeto. Fechou a porta da frente e a do fundo, bem como todas as poucas janelas da casinha, entrou para o quarto e fechou a cortina que separava os cômodos. Tirou o lençol da cama com cuidado para não derrubar muita poeira e o colocou no chão, em seguida sentou-se para beber

água e comer uns pedaços de pão com carne seca. Estava tudo escuro, exceto pela luzinha da vela. Liz lembrou que quando criança, ela tinha medo do escuro e, na verdade, ainda tinha, só que antes, ela não podia imaginar o que havia nele, mas agora sim.

Se deitou na cama e fechou seus olhos quase inconscientemente quando sentiu o cansaço bater, ela nem percebeu quando caiu no sono.

\*\*\*

Liz gostava de ir à praia, mas ela raramente entrava na água, gostava de andar com os pés na areia de tardezinha, ou de bicicleta pelas calçadas. Gostava de sentir o vento em seu rosto. Imaginava como seria ser um pássaro e voar livremente pelos céus, sentindo essa mesma sensação, ou talvez uma melhor. Foi em uma dessas viagens que conheceu Rubens, um garoto com o sorriso mais tímido e bonito que ela já havia visto, o que, de alguma forma, combinou perfeitamente com sua cara fechada. Eles não se viram com muita frequência, mas conversavam mais do que já haviam feito com qualquer outra pessoa. Se beijaram pela primeira vez quando Liz tinha dezenove e ele vinte e um, na última noite da viagem. Aquela foi a primeira vez que Rubens a viu chorar. Os anos se arrastavam, nada nunca foi exatamente fácil para eles, mas isso não os impedia de sonhar.

– Eu não gosto de cidades grandes, a gente podia construir uma casinha boa e ir viver na roça mesmo. – A voz doce e metálica do rapaz passava pelo celular. Liz gostava de se deitar e colocar o aparelho ao lado de seu ouvido. – Ou na praia, eu gosto da praia também, mas acho que só quero voltar a morar em um lugar assim, quando eu esquecer como é viver aqui e passar a sentir falta. – Ela sorriu.

– Seria bom viver em um lugar tranquilo quando formos, sei lá, velhinhos, mas agora eu acho que seria chato. O que tem para fazer em cidades pequenas? – Ambos riram e Liz encarou o teto em silêncio. –

Por que não quer ir para uma cidade maior?

– Cidades grandes me assustam. – Ele não precisou pensar muito para responder. – Houve uma pausa em que a garota pensara sobre.

– Ficar sem você me assusta, então, onde você for, eu quero ir também.

As lembranças pairaram pela cabeça de Liz. Sentia uma paz estranha que a incomodava. Não parecia correto, então, logo sua mente a levou para outro lugar. Ela abre os olhos. Vazio. Não há nada ao seu redor além do vazio infinito que ela sente crescer dentro de si e consumir tudo. Ela sente a pele gelar, o ambiente frio, aquela sensação de um segundo atrás sumiu com todo o resto.

– Boa noite, querida. – Uma voz conhecida a atravessa em cheio. Ela gela quase tanto quanto o lugar. – O que houve? Problemas para dormir? Outro pesadelo? Você precisa parar de ver filmes violentos, eles atrapalham sua cabeça a descansar. – Liz treme, um nó se fixa em sua garganta e ela não consegue evitar as lágrimas. A voz gentil de sua mãe, o mesmo tom de voz que ela não escuta há anos. Ela daria tudo para ouvi-la novamente, para lhe dar mais um abraço. – Por que está me ignorando? – Ela chega mais perto. – Algum problema?

Liz pode sentir sua presença gélida, não há respiração próxima, mas ela pode sentir o frio. Ela fecha os olhos. “É apenas um pesadelo”, ela diz a si mesma, mas quando os abre novamente, tem que encarar a visão perturbadora de sua mãe. As veias pretas em suas têmporas, os olhos esbranquiçados e sem brilho, sem vida, vazios. Ela não consegue se mexer, a tristeza, a saudade e o desespero tomam de conta de seu corpo e, então, ela sente as mãos gélidas em seu rosto, o sorriso de sua mãe some, dando lugar a uma expressão tão fria quanto seu toque.

– Está na hora de acordar! Bom dia, Liza.

\*\*\*

Uma onda de adrenalina passa por todo seu corpo e quando ela abre os olhos, de verdade agora e, mesmo tremendo, tenta normalizar sua respiração. Há suor cobrindo todo o seu corpo, tudo o que ela queria era um rio, mas infelizmente não passará por um no caminho. Após uns instantes, pensou que poderia respirar novamente, até ouvir os grunhidos do lado de fora. Andou devagar até a janela, estava amanhecendo, o sol começava a iluminar o ambiente e ela pôde ver um pouco através das frestas da madeira. Eram três cadáveres lentos, ela podia sentir o cheiro pútrido, assim como as moscas que os rodeavam. Eles tinham sentidos, conseguiam ouvir, sentir cheiro e ver, mas nenhum deles era bom depois de muito tempo transformados, logo não iriam conseguir se sustentar de pé.

Os antigos diziam que se matasse uma cobra, deveriam enterrá-la para que outras não viessem se vingar, Liz sabia que isso não era verdade, mas com esses monstros, era. Para matá-los, era preciso ser certo, para que não se sentissem ameaçados e não liberassem um fluido que atraísse mais deles. Transformados antigos não tinham mais a capacidade de marcar presas, um risco a menos. Não teria como enterrá-los, mas se corresse, poderia evitar outros.

Já preparada para sair, respirou fundo e com cuidado, tirou a madeira que trancava a porta, segurou o facão em sua mão e com rapidez abriu a porta e correu em direção à uma das coisas, a que estava mais à sua frente. Com um golpe certo ela cortou fora sua cabeça. A mulher não ficou ali para esperar os passos lentos (ou não) de outro corpo daquele, nem mesmo olhou para trás, focou na pista e correu.

\*\*\*

Foram horas de caminhada e quando chegou na entrada da cidade, procurou um lugar para ficar. Não era uma casa, mas conseguiu

achar um carro. Nenhum vidro estava quebrado, então, talvez pudesse ser mais seguro do que ficar do lado de fora. Tirou da bolsa um *walk talk*, ela e Rubens sempre carregavam para se caso precisassem se encontrar e agora, por estar perto da cidade, ela poderia usar.

– Rubens? Câmbio. – Ela tentou mais de uma vez, mas não obteve resposta. A esperança ia dando lugar ao desespero. Mesmo se não estivesse com o rádio, ainda poderia estar vivo, certo? Ela varreria aquela cidade atrás dele se fosse preciso. As lágrimas escorriam. – Por favor, me responde, por favor. Eu preciso. – Ela tentou respirar. – Eu tô andando quase sem parar a dois dias, eu iria até o inferno para te ver. – Ela soluçou. – Nada na minha vida faz sentido sem você. Nas viagens, quando nos mudamos, quando toda essa merda aconteceu, quando tive que me despedir da minha família, quando chegamos às fazendas, você sempre esteve comigo. Mesmo quando saía naquelas missões, eu gostava de pensar que quando eu segurava seu relógio e não importa o que aconteça, eu sei que você vai estar lá. Então, por favor, me responde. – De início pareceu um ruído baixo, mas, logo, Liz pôde reconhecer que era uma voz.

\*\*\*

Já estava quase anoitecendo, mas ela tinha pressa e, sabendo que Rubens estava vivo e onde encontrá-lo, não perderia tempo. Os cadáveres mal enxergavam à noite, o que poderia dar errado? Bom, aparentemente tudo. Liz correu até os pulmões doerem para conseguir escapar dos recém-transformados que estavam na cidade, eles eram capazes de correr e marcar, aos tropeços e com uma péssima mira, mas ainda sim, o faziam. Podiam não ver, mas sentiam cheiro. Estava quase chegando, apenas mais duas ruas e chegaria à escola onde seu marido estava. Entrou no campus e correu em direção à biblioteca.

– Liz! – Ela podia jurar que seu coração havia parado por pou-

co mais de meio segundo. Liz não pensou duas vezes antes de correr em direção à porta recém-aberta, em direção ao seu objetivo final, em direção a Rubens. Assim que ela entrou, ele fechou a porta com força e a trancou, arrastando uma mesa para tentar garantir uma maior segurança.

Os dois arfavam, ela por estar mais cansada que nunca e ele pela adrenalina que corria em seu corpo. Rubens não pensou que ela de fato iria até ele, mas também não poderia dizer que estava totalmente surpreso. O homem abriu a boca, mas não teve tempo de falar nada, já que fora interrompido pelo abraço sem força de Liz. Ela queria apertá-lo mais, mas aquilo era tudo o que tinha. Mãos batiam nas portas e nas janelas, então Rubens a carregou para dentro, logo, a memória curta daquelas coisas as fariam esquecer o porquê de estarem ali, então começariam a vagar sem rumo novamente.

Depois de se sentar, beber as últimas gotas de água de seu cantil e voltar a respirar novamente, ela o olhou, uma das lentes dos óculos estava trincada, que perigo. Estava pálido, talvez estivesse sem comida ou sem o contato direto do sol.

– Você veio. – Ele afastou o rosto da mulher para que pudesse vê-la, então a acariciou. – Você é louca. – Eles riram e logo voltaram a se abraçar. Aparentemente, as pessoas não buscavam muitos recursos em escolas, focavam nos mercados e farmácias, mas não no lugar onde tinham livros. Rubens explicou que quando estava alojado ali com seus companheiros, conseguiu trazer o fogão e o botijão de gás da cantina para a biblioteca e com isso puderam cozinhar e esquentar a água que conseguiam no banheiro, tanto para beber quanto para se banhar. Se não fossem os cadáveres que rondavam aos montes, seria um bom lugar para se alojar. O banho foi uma ótima notícia para Liz, a forma como Rubens perdeu seus companheiros, nem tanto. Ela conhecia cada um deles e sabia a dor que seu marido sentia, por isso, não insistiu.

– Vai acender velas no meio de tantos livros? – Rubens sorriu e Liz também.

– Pensei que gostasse de viver perigosamente. – Ela colocou a vela em cima do prato que trouxera da casinha. Deixou-a afastadas de seus cobertores e claro, dos livros. – Velas são românticas e eu gosto de ver seu rosto à meia luz, assim. – Sentou-se ao lado do homem.

– Por que? Sou feio demais a luzes inteiras?

– Sim. – Rubens fingiu estar ofendido, Liz riu e, então, o abraçou, mas ele esboçou um grunhido de dor e pousou a mão em sua perna. Ela se afastou preocupada. – O que houve? – Tentou chegar perto, mas ele impediu.

– Torção. – Ela não pareceu acreditar. – Na verdade, pode estar trincado, mas não se preocupe, eu achei alguns remédios e já estou me medicando, quando sairmos daqui, poderei me tratar melhor nas fazendas. Liz não falou que havia abandonado o lugar, mas se engolissem o orgulho, talvez pudessem voltar.

Rubens falou dos livros que leu, afinal teve muito tempo livre e Liz não tardou a dormir, olhava para o rosto de seu marido que lhe fazia carinho, mas estava tão cansada que logo pegou no sono, sentia falta daquilo. Naquela noite, não houve pesadelos.

Pela manhã, quando a mulher acordou, Rubens já estava de pé. Como aquela agora era uma missão de resgate, Rubens pediu que Liz guardasse em sua bolsa apenas um livro, o que mais gostara em suas leituras. Parte boa do apocalipse? Pegar livros de graça, se encontrou e quer, é seu. Observaram o lugar pela janela, parecia tranquilo, pela manhã os cadáveres eram mais lentos, talvez um resquício humano neles. Com cuidado, os dois tiraram a mesa da frente da porta, Rubens estava mancando e, por isso, se apoiou em Liz.

Saíram com calma e silenciosamente para não chamar atenção, mas Rubens estava começando a sentir muita dor e as fisgadas na per-



na os fizeram tropeçar, chamando a atenção de seus ex-companheiros. Liz se virou para ele rapidamente, uma onda de tremor percorreu seu corpo. O homem, ela o reconheceu, era horrendo. Os olhos esbranquiçados, as veias pretas que os rodeavam, o corpo torto, levemente retorcido, as manchas de sangue, agora seco, que escorriam de seu nariz, boca e ferimentos abertos. Era recente, o pior tipo. Soltou Rubens, assim que viu o monstro, subiu sua bandana para o rosto, ajeitou o boné, sacou seu facão e correu em direção à coisa. Quando chegou perto, desviou de seu ataque indo para trás dele e em um golpe certeiro cortou-lhe fora a cabeça.

– Liz, o boné!

– Merda, a porra do cuspe! – Ela o tirou imediatamente e jogou no chão. Correu em direção ao marido e agarrou seu braço. – Escuta, eu sei que dói, mas agora eu preciso que corra o mais rápido que puder.

Mesmo que Rubens perdesse a perna, para Liz, era melhor do que morrer. O homem apenas assentiu e, então, assim que conseguiram sair, deixaram que a adrenalina anestesiar seus corpos e continuaram correndo, uma espécie de medo e felicidade se misturava em seus rostos, o que fez com que Rubens se esquecesse, mas quando sentiu todo seu corpo formigar e em seguida doer como nunca sentiu antes, ele se lembrou. O homem caiu no chão, sentiu a cabeça girar e uma de suas pernas falhar. Estava com frio, mas ainda sim seus pulmões pareciam arder em chamas e ele mal conseguia respirar. Assim que escutou o grunhido de dor e o barulho pesado da queda, Liz parou bruscamente e se virou para ver seu marido no chão, agonizando.

– Rubens! – Ela correu e se posicionou ao lado dele, até que o homem fraquejou e caiu em seu colo. – O que tá acontecendo? Olha pra mim! – Algo nela já sabia. Ele suava, tremia, arquejava e, assim que ela viu as pupilas diminuírem nos olhos dele... não, não foi aí que ela teve certeza, mas sim quando com muita dificuldade, seu marido levou sua

mão até a calça, levantou até a canela, revelando o ferimento ocasionado pela mordida. Ela o acompanhou com o olhar. – Não... não, não, não. Por favor, não. – Ela implorou inutilmente, mas não tinha nada o que fazer, mesmo se tivessem ajuda. Precisariam de um milagre, mas sabiam que não teriam.

Rubens sentia medo como nunca sentiu antes. Há dias, ele podia sentir como se cada pedacinho de seu corpo congelasse, mas ele lutava contra isso com tudo o que tinha, mesmo sabendo que seria em vão. Rubens sentia medo como nunca sentiu antes, mas ele sempre gostou de fantasiar que era o herói de sua história, então, mesmo com medo, ele sorriu.

Liz já havia visto a morte antes. Inúmeras vezes, afinal, era tudo o que restava. Agora, ela era como uma antiga conhecida que, de vez em quando, passava para fazer uma visita e por Deus, como Liz temia essa visita. Não havia nada que a fizesse tremer mais, que fizesse seu coração ficar indeciso entre acelerar e parar de vez. E então, quando finalmente aconteceu, foi como se lentamente todo o colorido da vida ao seu redor passassem a ser apenas uma escala de preto e branco. Liz não sabia quanto tempo havia se passado e o silêncio abafado nunca fora tão ensurdecedor. Tudo havia ido embora junto com o calor do corpo, agora pálido e gélido, de Rubens. Liz se lembrou das primeiras noites sem ele. Não, de todas as noites sem ele. Todas as partidas de seu marido, todas as vezes em que ela se pegava vagando pelo quarto deles, procurando por qualquer coisinha que ele pudesse ter deixado para trás, qualquer mera ilusão de que ele pudesse ainda estar lá, ou que pudesse voltar, mas não há nada. Nada além do vazio e da solidão, o que na verdade, são as únicas coisas que ele sempre deixa para trás. Então, ela chora.

Suas lágrimas de ódio e tristeza se formavam no canto dos olhos e escorriam por suas bochechas na mesma intensidade que seu peito se

desmanchava em dor. Ela se debatia e abafava seus gritos. Ela queria ter a quem culpar, a quem amaldiçoar por toda a desgraça que a perseguia. Queria culpar seja lá quem originou a morte, a qualquer Deus que a possa ter abandonado Cornélio e Rubens que resolveu deixá-la, a si mesma por ter ficado para trás. Mas nada importa. Ele estava morto antes mesmo dela chegar e, não havia nada que ela pudesse fazer para mudar isso. Essa era sua maior raiva. Não importava o que Liz era para si ou, o que parecia ser para os outros, no final, ela era apenas uma criatura frágil. Rubens também era. Como qualquer outro que vagava com ou sem vida pelo planeta.

Logo o corpo sem vida de seu marido começaria a ter espasmos e a convulsionar. Deveria dar o segundo fim à sua existência? Deveria. Mas não conseguiria. Mesmo que já não fosse o seu Rubens, ela não poderia fazer isso, no entanto precisava ir embora, se separar dele. Gostaria que tivesse alguém para arrastá-la dali, mas não tinha ninguém, então, ela precisava se levantar por si só e ir. Olhou para ele uma última vez, ainda pôde ver seus dedos começarem a tremer, então, nessa hora, ela soube que deveria realmente se afastar. Andou com velocidade, chegou a correr e não olhou para trás.

\*\*\*

Liz encontrou uma casa com muro, conseguiu pulá-lo e por sorte, lá dentro estava vazio. O portão estava fechado e com sorte, ninguém invadiria como ela. O único perigo com mortos ali, seria se uma hora enorme derrubasse o portão, mas contanto que ela fizesse silêncio, não teria problemas. Acendeu algumas velas na mesa de jantar e a arremou e sentou-se para comer. Alternava entre estar apática e chorar. Andou pelo lugar, era uma boa casa, talvez, no passado, uma família feliz morasse ali. Ela adoraria morar em uma casa assim quando mais nova, fazia planos para um futuro que não existe mais.

Ao se sentar no sofá, olhou para a mochila e após encará-la por um tempo, resolveu pegar de lá o relógio, e o livro que Rubens a pediu para guardar. “Frankenstein” de Mary Shelley, ela o folheou. Apesar de nunca ter lido, conhecia a obra, mas naquele momento, não se importou muito com suas palavras, o lia depois. Folheou até chegar na metade, onde encontrou um papel velho escrito “Para Eliz”. Vire a folha”, e assim ela o fez.

*Liz*

*Há alguns anos, eu conheci o amor da minha vida e, penso, como será que sabemos? Porque no instante em que vi sua cara emburrada, algo no meu peito disse: “é ela”. E eu, do meu jeito atrapalhado, tentei te conquistar, mesmo sendo educadamente ignorado no começo. Eu amo cada parte de você que conheci e, até mesmo, as que você não gostava muito. Eu amo cada momento que passamos juntos, cada olhar e cada toque. Cada presentinho feito a mão e cada cartinha bagunçada.*

*Eu fui egoísta com você a minha vida inteira, eu sei. Viver em uma cidade pequena, sair e te deixar sozinha nas fazendas, foi tudo decisão minha. Eu queria que você aprendesse a viver sem mim, porque eu sempre tive medo de morrer, mas eu nunca perguntei para você o que você queria e, se perguntei, não ouvi a resposta. Eu sei que errei e acredite, eu entendi isso quando vi todos que vieram comigo perecer aos poucos e desejei que tivesse te ouvido, que tivesse ficado com você, porque eu não sou um herói como gostaria de ser. Eu te peço desculpas por isso e, também, peço desculpas por te fazer vir até mim, eu poderia ter te dito tudo antes, mas não disse, não consegui, porque precisava te ver uma última vez e viver uma última aventura.*

*Liz, você foi a melhor coisa que já me aconteceu e se existe uma figura heróica entre nós, é você. Eu te amo na mesma proporção em*

*que o universo se expande, mas jamais na mesma que um dia talvez ele diminua.*

*Rubens*

Liz fechou o caderno, os olhos ardiam. Não voltaria para a fazenda, já não pertencia mais àquele lugar. Em um bolso de sua mochila, juntou o relógio e o caderno, ela gostaria de deixá-los junto a Rubens, mas não estava pronta para dizer adeus. No chão, pôs o mapa e a bússola, calculou distâncias e quantificou suprimentos, não sabia como e se as coisas funcionariam, mas, mesmo sem Rubens, Liz iria à praia, pois já havia dado tempo de sentir saudades de casa.



# O poder de um encontro

RUBIA MARQUES PYLO DE SÁ

Raquel gostava de morar naquela casa, naquele lugar. Na verdade, desde que chegou em Barreiras, já tinha morado em outras, alugadas. A diferença que aquela agora era “a sua casa”. Tinha o financiamento e tudo mais, o fato de que você fica mais da metade da sua vida pagando uma prestação que consome quase um terço da sua suada renda e ainda existir a possibilidade de, a qualquer momento, caso o dinheiro falte, o banco levá-la sem que você tenha o direito a um centavo de indenização... É... Estava lá, no contrato que Raquel assinou com o banco. Não que tivesse concordado, mas havia outra possibilidade pra realizar o tão almejado “sonho da casa própria”? Pois é...

Mas agora isso não importava tanto pra ela, porque, apesar de tudo, ela ainda podia dizer: “é a minha casa”. E ainda que não tivesse feito quase nenhuma modificação nela, porque o dinheiro nunca sobrava e as coisas estavam cada vez mais caras (“Você viu o preço do ferro? Está impossível de pagar!”), só a sensação de poder pensar que poderia fazer alguma alteração, porque, afinal de contas, ao contrário das outras, essa era “a sua casa”, já bastava pra trazer a ela um pouco mais de dignidade e de paz ao saber que, até que enfim, podia dizer que “tinha alguma coisa” (ainda que, concretamente, até o término do financiamento, a casa fosse do banco...).

Enfim, a vida seguia, a casa seguia e ainda que praticamente nenhuma característica da construção da mesma tivesse qualquer influência do desejo de Raquel, tendo sido um projeto da engenharia para viabilizar o melhor custo-benefício para o financiamento habitacional... Ainda que tudo isso fosse verdade, apesar de tudo, a casa era bonita.

Na rua em que estava a casa de Raquel, sempre tinha lixo, fezes de animais (que às vezes eram depositadas por cães na presença dos seus tutores), bueiros entupidos e até alagamentos em tempos de chuva (o que aconteceu no dia da mudança da Raquel, os móveis molhando, os carregadores esperando a água baixar...). Porém, ficava num bairro considerado de boa reputação na cidade, próximo ao comércio, a vizinhança era tranquila, não havia muito barulho e Raquel gostava de morar lá, apesar do lixo, das fezes e dos alagamentos.

A engenheira responsável pela construção da casa achou que era uma boa ideia colocar um canteirinho no passeio, bem embaixo dos tijolinhos decorados, que Raquel achava um charme e descobriu depois que se chamavam “cobogó”. A princípio, ficara receosa com a ideia de ter plantas na rua: as pessoas mexem, estragam, furtam... Chegou a planejar plantar cactos, “pra que tivessem medo de mexer”, mas decidiu, por sugestão do jardineiro, plantar umas florzinhas humildes. “São baratas” – ele aconselhou. “E se alguém levar, você não vai ter tanto prejuízo.

Raquel resolver arriscar. E, com o desenvolvimento da planta, estava satisfeita com suas florzinhas no passeio de casa. Era uma alegria só ver o amarelo e branco se multiplicando naquelas delicadezas todas. É verdade que dava trabalho: não só as regas e adubações periódicas, mas também havia os bichinhos: lagartinhas, pulgões, colchonilhas... Raquel precisou até pesquisar na internet pra descobrir como identificar esses bichos e de que forma poderia salvar sua planta dos ataques vorazes. Acabou aprendendo algo e se orgulhava de discutir



com vizinhos sobre cuidados com plantas, parecia até entendida do assunto... Os benefícios que a tecnologia nos traz...

Um dia, o seu temor tornou-se realidade: levaram algumas mudas, bem quando estavam pegando (e escolheram as mais bonitas!), foi um choque. Ela chorou... Chorou porque em alguns dias sombrios da pandemia aquela era uma das únicas alegrias da sua rotina: olhar as florzinhas e pensar que os seus cuidados estavam possibilitando que aquele ser se desenvolvesse. E tinham as borboletas que iam e viam, compondo aquele cenário: uma beleza!

Então, após o sorrateiro furto, ela pensou em desistir da empreitada. Sentiu uma raiva e um desgosto com a humanidade inteira: uma vontade de descobrir o autor (ou autora...!) da malvadeza e dar uma boa lição: falar umas poucas e boas, porque de violência ela não era... Mas aí, o culpado ou culpada nunca apareceu, as mudas remanescentes resistiram e depois de novo a jardineira se encheu. Raquel ficou mais tranquila... “Apesar de tudo, a vida venceu” – ela pensava.

Gostava de pensar que, de alguma forma, estava ajudando a embelezar a rua e, conseqüentemente, a cidade. Tinha esse sonho de morar numa cidade toda limpa e florida, como aquelas da Europa, que via nas fotos de propagandas de agências de turismo ou no Instagram da irmã, que morava fora.

Raquel tinha também um impulso de querer transformar o mundo... Será que era uma forma de aliviar a sua culpa de se saber privilegiada num país com tanta miséria e desigualdade? Tinha suas lutas, mas reconhecia que ter uma boa alimentação, um trabalho digno e, o mais importante, “uma casa pra chamar de sua”, era raro por aquelas bandas...

Ou será que essa ânsia de melhorar o mundo seria uma forma atualizada de garantir o seu lugar no céu? Será que era bondade verdadeira? Será que isso existe? Enfim, nessa busca, não se sabe ao certo de

que e nem mesmo por quê, as florzinhas se encaixavam perfeitamente e Raquel continuava com os cuidados, apesar das ocasionais decepções.

Então apareceu Bianca. Uma menina preta dos seus 12, 13 anos. Vendia laranjinhas pra ajudar em casa. “Laranjinha...” – Raquel pensava. Quando se mudou pra Barreiras, há uns 4 anos atrás, ficou intrigada com essa palavra, lida num anúncio na porta de uma casa: “Vende-se laranjinhas” (no singular mesmo, porque nessas horas, o que vale são as regras da gramática da rua). “Engraçado...” – pensou Raquel. “Será que são aquelas frutinhas pequenas que vi um dia e que lembram o sabor de uma laranja...? Acho que era algo oriental. Interessante...”. Só depois ela descobriu se tratavam do “chup-chup” que ela conhecia lá em sua terra.

Bianca vinha quase todo dia vender o produto pra Raquel, sabia que ela não comprava, mas sempre oferecia algo: uma água, um lanche... Na verdade, Raquel tinha medo de contaminação no produto, as questões higiênico-sanitárias a preocupavam, por isso não comprava, mas admirava o esforço da menina e tentava ajudar de alguma maneira. Entristecia-se ao saber que nem todas as crianças e adolescentes puderam ter a oportunidade que ela teve de se dedicar aos estudos e não ter que se expor aos perigos da rua para garantir uma ajuda em casa.

Sabia que não é fácil ser uma menina na rua: tinham os assédio, os olhares, o medo de ser violentada... “Ser menina não é fácil nesse mundo, ainda mais sendo uma menina pobre...”. Tinha também a questão da cor. Raquel sabia bem o que aquilo significava num mundo racista. Ela mesma, fruto de um casamento inter-racial, não sofrera tanto, por ter os traços negros atenuados pela influência branca da genética do pai. Porém, muitas vezes presenciou os olhares, o julgamento e a desvalorização social que a mãe sofria por causa de sua cor e conseguia entender um pouco o desafio que era pra aquela menina existir.

Sentia vontade de abraçar Bianca, ser o apoio que ela precisava,

comprar presentinhos pra ela, dar conselhos, adular... Raquel, ao contrário de quase todas as suas amigas da sua idade, não tinha filhos e, no fundo, tinha uma certa carência nesse sentido, aquela sensação de que se está ficando mais velha e se deseja deixar algo de si no mundo, uma continuidade, uma herança... Mas, enfim, nada disso era possível porque Raquel e Bianca pertenciam a mundos diferentes e o máximo que Raquel conseguia nessa situação era oferecer algo que sentia confortar a menina em sua rotina de trabalho.

Pra Bianca, Raquel era sim um apoio, alguém a quem recorrer quando a fome ou a sede apertasse. Mas nada além disso, afinal de contas, na rua, era preciso endurecer-se e não confiar em qualquer um. Como dizia a sua mãe: “Confiança, minha filha, a gente só tem em Deus e na gente mesmo”. E além do mais, ela se sentia tão diferente de Raquel, tinha outros modos, outro jeito... Em sua curta vivência de vida, Bianca já sabia mais do que devia pra sua idade e percebia que o mundo não é um só e que aquela realidade de Raquel: de casa com florzinhas, lanche farto e tempo para atender alguém no portão em pleno meio da tarde, definitivamente, não era a sua. No mundo de Bianca, as ruas tinham esgotos correndo, os muros não tinham rebo-co e as casas eram muito mais cheias de gente, de cheiros, de sons e texturas do que aquelas moradias calmas daquele bairro que às vezes mais parecia uma cidade-fantasma.

E assim continuava a rotina de Raquel e Bianca, duas pessoas tão diferentes, mas que tinham como ponto de ligação e encontro o território híbrido do portão, onde se mesclam a casa e a rua, a intimidade e a diversidade.

Foi então que aquilo começou. Um dia, Bianca resolveu arrancar algumas florzinhas da jardineira da casa de Raquel. O problema era que Raquel abriu o portão bem na hora, a ponto de ver o que Bianca estava fazendo: arrancava as florzinhas, escolhendo as mais bonitas

e desfazia as mesmas nas mãos, jogando os restos no chão posteriormente. Na verdade, Bianca sabia que aquilo poderia acontecer: de Raquel ver o ato ignóbil. No fundo, meio consciente, meio inconscientemente, tinha feito de propósito: queria mesmo que Raquel visse aquilo: Bianca tinha raiva de Raquel... Sempre tão simpática, com aquele sorriso em pleno calor da cidade de Barreiras, descansando no ar-condicionado, enquanto Bianca se desgastava no sol. Tinha raiva desse mundo injusto, que determina que alguns possam se dar ao luxo de fazerem uma “caridade” e assim sentirem suas almas justificadas, enquanto outros se debatem, atropelando-se, no meio da luta diária da sobrevivência. Aquilo foi sua vingança.

É claro, Raquel ficou revoltadíssima com a cena. Fez todo um discurso de consciência ambiental e civilidade, que nada significou pra Bianca. Bianca sentiu prazer naquilo tudo e não havia culpa: era a sua vingança, o máximo de vingança que podia ter em sua condição. E ela gostou da sensação. Tanto que quis repetir outras vezes, mas agora deixando pra cometer seus pequenos delitos de forma que Raquel não relacionasse o ato a ela. Ia em horários diferentes dos momentos de venda e procurava fazer cada vez de forma diversa: num dia quebrava os galinhos da planta, em outro, usava a jardineira de lixeira, em outro torcia os caules... Teve até uma vez que os dobrou em um arranjo singular: “até que ficou engraçado”. E se divertia pensando no sofrimento de Raquel. Sentia que assim ela e Raquel ficavam mais parecidas.

Raquel não desconfiava em nada da menina, pensando em como seu discurso tinha sido efetivo e o quanto se sentia satisfeita, em seu orgulho de classe média, de “ter feito a sua parte para um mundo melhor”. Via os estragos na planta e a cada vez atribuía um fator diferente: “foi alguém que passou”, “foi algum cachorro”, “foi o vento”... A planta acabava sempre se recuperando, as florzinhas iam e viam, colorindo o muro simétrico e limpo, de tijolinhos delicados.

Até que um dia aconteceu e ele foi o elo a ligar essas duas realidades distintas. Raquel gostava tanto de vê-lo passar: seu coração disparava quando, por acaso, abria o portão e coincidia de vê-lo ali: na rua, no lugar em que os diferentes se mesclam. Admirava sua elegância, sua beleza, sentia que o tempo, por um instante, suspendia, num deleite de prazer e descobertas.

Bianca também acabou vendo-o numa de suas traquinagens com as florzinhas: sua passagem lembrava uma dança elegante e singular e ela também nutriu por ele uma admiração verdadeira. Permitiu-se então algo inédito em sua vida: o privilégio elitista da contemplação, ainda que por um breve momento. Sem nem imaginar, aquele desconhecido ensinava a menina que também é possível sonhar e que, pra isso, pode-se dar ao luxo de esquecer-se um pouco da dura realidade que se esfrega a todo o momento em nossa cara. É possível então viver uma realidade outra e assim, paradoxalmente, sentir-se inteiro como parte de um todo integrado.

As duas, Raquel e Bianca, sem saber que a paixão que nutria uma, também alimentava a outra, prosseguiram naquele exercício estético quase diário, tendo como pano de fundo a rua, o muro e as florzinhas da casa de Raquel, que, por vezes, chamavam a atenção do desconhecido, que também parava para admirar aquela beleza.

Porém, foi crescendo em Bianca um desejo de ir além em suas contravenções. Sem saber que o motivo que alegrava Raquel era o mesmo que tornava a sua lida diária de trabalho mais leve naquelas redondezas, começou a perceber que a mulher prosseguia feliz. Apesar dos ataques constantes aquilo a qual Raquel tanto dedicava sua atenção, ela parecia não se abalar e, a cada dia, mostrava-se mais sorridente e simpática com Bianca.

A menina então decidiu que era necessário fazer algo. Não era justo que Raquel continuasse a viver sem sofrer pelo menos um pou-

co como ela sofria. Não era justo aquela casa bonita, aquele muro e, principalmente, aquelas florzinhas que, apesar de tudo, continuavam a florir sem parar.

Planejou bem a hora e a ocasião. Seria após o almoço, quando, naquela época do ano, o sol e o calor estivessem em seu máximo e nenhum ser vivente se atrevesse a sair na rua, temendo derreter-se ou fritar seus miolos. Nenhum ser, exceto Bianca, que estava acostumada com o sol, com o calor, com o suor, com a boca seca e a sensação de tontura que se sentia nesses tempos. Ela, cujo corpo já criara resistência a tudo aquilo que já era parte de sua rotina. Somente ela na rua e nenhuma testemunha. Ela e a casa. Ela e o muro. Ela e as florzinhas...

Pensou bem em como desempenharia o seu ato final, o seu último golpe, àquela que se transvestia de protetora mas que, na realidade, mostrava-se uma algoz, esfregando na cara de Bianca a sua felicidade e a sua vida de alma caridosa, descansando no ar-condicionado, enquanto aguardava seu momento de fazer uma boa ação.

Arrancaria as raízes? Pisaria nos galhos, quebrando-os? Jogaria seu corpo diante do canteiro, amassando tudo... Eram possibilidades, mas, na prática, a coisa se deu de maneira bem diferente, nada planejada, nada racional.

Quando Bianca se aproximou da jardineira, um furor tomou conta dela e anuviou sua mente: ela não pensava em nada, não raciocinava, parecia um bicho qualquer, não um ser humano: ela era toda ira e aquelas florzinhas delicadas e belas a sua possibilidade de descarregar tudo o que a afligia.

Não se lembra de nada, somente que, no final, ao acordar do seu sonho criminoso, tudo era destruição: as folhas todas arrancadas no chão, as pétalas, arrebatadas, aquela mistura de cores e volumes espalhada, voando através da rua, as raízes recém-arrancadas, seixos (que Raquel colocara pra dificultar futuros furtos) rolando para todos

os lados... Parecia uma cena de crime. Bianca se assustou, sentia que nem era ela mesma, que alguém ou mesmo algo tinha entrado em seu corpo e orquestrado toda aquela atuação. Ou será que foi ela mesma? Será que aquilo era ela: aquela animalidade, mistura de sadismo e vingança? De onde surgira tudo aquilo?

Resolveu ir embora correndo, pra casa. Chegou em casa esbafo-rida, a mãe sem entender todo aquela movimentação, mas já estava acostumada. “Bianca era assim mesmo”. Além disso, não podia se dar ao luxo de olhar para a filha. “Isso é coisa pra rico”, pensava. “Pobre pensa mesmo em como sobreviver”.

Horas depois, Raquel tinha chegado em casa. Ao se aproximar, parecia que um furacão tinha passado pelo canteiro. Tudo arrancado, destruído... “Quem poderia ter sido?”. Não conseguia imaginar. Só soube que veio de novo aquela decepção com a humanidade, aquela frustração. “Não vale nem a pena viver”, às vezes pensava. “Esse mundo está perdido, vivo numa cidade de ignorantes”. Raquel teve saudade de seus tempos na capital, seus preconceitos de pessoa de cidade grande vieram à tona e desejou nunca ter pisado naquele lugar. “Querida mesmo era ir pra Europa, onde minha irmã está morando, lá sim é terra de gente”, concluía.

Resolveu buscar um plástico pra recolher os restos, vassoura, pá, até mesmo balde, pois havia muita terra molhada e seria necessário também jogar água. Foi juntando tudo e já tinha tomado a decisão: “vou mandar quebrar essa jardineira, já chega de tanto desgosto”. Quanto a cidade, não tinha jeito, precisava continuar ali, tinha o trabalho, os boletos que chegavam, o mercado saturado das capitais, a relação com a irmã da Europa que era conflituosa, o jeito era ficar ali mesmo e tolerar essa gente bruta, seguir a vida.

Foi recolhendo tudo, limpando e foi então que percebeu que algo milagroso tinha acontecido. No meio de toda a destruição, um pé da

plantinha tinha resistido. Não era dos mais viçosos, nem estava florido (as flores tinham sido todas arrancadas), mas era um pé, estava relativamente íntegro e havia a possibilidade de prosseguir, de retomar a beleza dos tempos áureos. “Vou dar uma chance, mas será a última”, pensou. Cortou os tocos esgarçados, recolocou as pedrinhas. No final das contas, era preciso continuar, talvez a vida fosse isso mesmo, um eterno recomeçar.

Depois daquilo tudo, Bianca resolver dar um tempo nas visitas à Raquel, assustou-se com o que tinha despertado nela, mas continuava passando por vezes na rua à espera do desconhecido, de vê-lo mais uma vez, mas os dias corriam e ele havia desaparecido. Após muito concatenar, Bianca chegou numa triste conclusão: o desconhecido se foi com as flores.

Ao perceber que uma plantinha havia resistido, nasceu uma esperança dentro da menina e ela compreendeu que era necessário aguardar. Talvez se as flores voltassem, retornasse também o desconhecido e sua beleza.

Raquel também sentia falta daquele que tanto alegrava seus dias. Sem desconfiar de Bianca, percebeu que a menina nunca mais havia batido em seu portão. Assim como Bianca, Raquel entendeu que era preciso aguardar de novo o florescer na jardineira e, de alguma forma inexplicável, sentia que tudo estava ligado: ela, Bianca, as flores e o desconhecido. Era uma questão de tempo. O tempo da espera.

Os dias passaram... Semanas... Talvez um mês ou mais, não se sabe ao certo. Porque na verdade o tempo pouco importa quando se entra no território dos sonhos. E aquela flor foi sonhada: por Raquel, por Bianca, pelo desconhecido. No início, um botão somente, que logo se multiplicou em vários. Raquel prosseguia com as regas, alguma adubação, retirando as folhas estragadas e algum galinho que porventura houvesse quebrado. Bianca não os estragava mais, aquilo não fazia



mais sentido pra ela. Como marca, deixava apenas o olhar de esperar, ao crer em algo que ainda era somente botão.

Um dia, as florzinhas finalmente se abriram. Florzinhas amarelas, como os raios de sol, que agora, com o final daqueles tempos áridos, não eram mais tão agressivos e permitiam que se apreciasse com mais serenidade tudo o que iluminava, sem o receio de derreter-se. Não somente uma florzinha se abriu, mas várias, todas, num pequeno buquê, ao enfeitar o canteiro, ainda um pouco vazio, resquícios da devastação, mas já pintado com as singelezas das flores.

Com as flores, veio também o desconhecido. Raquel o viu em um dia e pensou como tudo tinha valido à pena, aquilo que parecia um eterno reconstruir-se finalmente pareceu ter algum sentido. Ela sentiu um contentamento e conclui que, “sim, aquele era um bom lugar pra viver”.

Bianca, por sua vez, também finalmente conseguiu visualizar o desconhecido: ele estava de volta, encantando a todos com sua presença etérea. Será que ele notava aquelas que se hipnotizavam em sua passagem? Será que ele percebia que, naquele momento, os olhos que a ele estavam direcionados eram como ímãs, acompanhando seus graciosos movimentos, flutuando pelo ar?

Ninguém nunca soube. Nem Raquel, nem Bianca. Só se sabe que, no final das contas, ele foi a salvação a mostrar que acima de tudo, dos nossos sofrimentos, das injustiças, das nossas inconstâncias diante da existência e do mundo que, por vezes, nos insulta, acima de tudo está a vida. E a vida está na beleza da contemplação. Está num momento que pode durar alguns segundos, mas ser o suficiente pra concluirmos que tudo vale a pena.

A contemplação do vô de um belíssimo beija-flor, esse ser desconhecido, capaz de unir dois mundos que, em suas divergências, ligam-se num bater de asas.



# O Casamento do Nêgo D'Água com a Noiva da Mata

THÉO DE ARAÚJO SANTOS

Um olhar misterioso. Assim poderíamos definir José, conhecido por todos na pacata cidade de Urucuia, tão pacata quanto este cidadão. Na localidade, havia somente uma vila, e na entrada, uma placa com a saudação: “Bem seja e sempre volte na paz de Maria”.

Maria da Paciência era moça formosa. Crescera juntinho de José. Os dois eram tão pegados que não havia um só urucuiano que não soubesse ser caso de casório.

Outro dia na venda do Seu Xereta, fiquei sabendo que o José tinha finalmente pedido Maria em casamento e que ia ser uma festa grande, com tudo que tem direito. Faz tempo que não tinha notícias de José. Saiu de Urucuia para estudar na cidade grande. Soube que se formara doutor que cuida das caraminholas e conhece das ervas, mas nunca entendi muito bem o que isso significava.

José atendia pelas bandas do Barrocão e, embora não fosse sua especialidade, acabava fazendo de tudo um pouco para diminuir as dores do povo da redondeza.

– Doutozinho! Meu fio tá com uns calombo nos braço. O senhor pode vê? – já iam perguntando, mal José apontava pela estrada de chão em sua bicicleta.

– Ô meu nêgo! Passa aqui dispois pra vê só a pereba que num sara do veio Chico? – já pegavam ele na saída de algum casebre.

Ele tinha a paciência que todo médico de família tem que ter. Ia de casa em casa e não fazia de rogado com o bolo e cafezinho servido, pois não aceitar um agrado nessas terras de chão vermelho batido, é desfeita que não tem perdão.

Acostumado a lidar com gente de todo tipo e opinião, o que gostava mesmo era de sentar-se embaixo de uma árvore e, com aqueles outrora pacientes, agora confrades, jogar uma mão de dominó valendo um refrigerante de dois litros. Às vezes ganhava, mas quase sempre dividia a conta do refresco pela amizade e guarida. E nessa história, foi pegando gosto pela vila, onde pretendia se casar com Maria, a filha de seu João.

– Pai! Larga dessa banca que mainha tá pedindo ajuda do senhor para pegar a “vanja” – galinha caipira da vez. Na verdade, só desculpa de Maria para acabar com a banca de dominó e ter José para si em um chamego, sentados no pé de goiabeira.

Foi nesse mesmo pé de goiabeira que José pedira Maria em casamento há oito anos, antes de partir para o tão sonhado curso de medicina que abrira em uma cidade de médio porte, ali pertinho. Era também nessa goiabeira que ficava na margem do rio que ele já via o casamento celebrado, com todos os geraizeiros que um ramo que frutifica na margem da água tem direito.

O sonho de José e Maria parecia que era compartilhado, pois em toda roda de conversa em Urucuia, era esse o assunto mais comentado. As moças viam na menina o retrato da formosura e independência. Os rapazes viam em José, a brandura e a altivez de um herói de corpo e de mente. Era só felicidade os urucuanos imaginando esse casamento.

Zuleica, mãe de Maria, como toda sogra enxerida, achou que a filha que tinha que ir pra cidade grande. Lá teria um dia de noiva. Puro

ar da riqueza. A moça meio acabrunhada, achava um exagero. Queria se arrumar em casa e chegar no altar na hora certa.

– Mainha! Me deixe fazer do meu jeito. Não quero me atrasar pra cerimônia. Quero é casar rapidinho e ser a mulher do meu denço – disse Maria aflita.

– Deixe de bestera – retrucou Zuleica. Só se casa uma vez. E eu só tenho uma fia.

Como muita gente já sabe, o casamento nem sempre é para os noivos. E lá foi a Maria de condução para outra cidade se arrumar como sua mãe desejava.

O caminho até a cidade grande ainda era em sua maioria de barro batido e cascalho. A estrada sinuosa tinha por margens diversas nascentes e uma vegetação frondosa de cerrado, que naquela época do ano era uma secura só. Maria, foi pacientemente com seu Soberano, um velho taxista acostumado a subir e descer aquele pé de serra, seja de noite, seja de dia. O plano era retornar no final da noite, belíssima com seu vestido de renda e pano da costa para a cerimônia que aconteceria à beira do rio.

Enquanto Maria dizia até logo ao pacato vilarejo, Urucuia estava em polvorosa com o casamento da dupla famosa. Até a ialorixá Benta tinha saído de sua roça para dar a benção. Como sonhado por José, tudo estava preparado em torno da goiabeira na beira do rio. Os atabaques estavam soando e os ogãs entoavam xirês para as bênçãos dos orixás. José vestia um pano da costa e não se continha de tanta felicidade. A tarde se despedia com um pôr do sol em tons de laranja e rosa, e a noite já se anunciava com uma lua cor de sangue a despontar sobre a Serra. Foi quando se ouviu um estrondo ao longe e uma nuvem de fumaça se estendeu do chão no horizonte. O coração de José se agitou: É Maria!

Pegou sua bicicleta e foi em direção ao clarão. Agora eram chamas que tomavam a vegetação. Em desespero, José gritava por Maria e se

atirou fogo adentro. Ele foi beirando o rio onde podia se abrigar na água, mas já era tarde. As chamas ardiam cada vez mais alto e ele aos poucos percebia que provavelmente já não veria o seu amor. Foi quando viu de relance o vulto de Maria que adentrava pelas chamas em um local onde ele não conseguiria acompanhar. Como as chamas aumentavam, decidiu passar lama no corpo e se cobrir de folhas grandes e verdes. Folhas grandes de xixá. A noite caía e a escuridão vertia mata adentro. Quem o visse naquele momento, podia jurar que vira Ossaim. Mas aquelas folhas traziam algo de encanto, pois delas, semelhante ao que ocorre com as folhas do maracujá, brotavam gavinhas. Aos poucos, dos bordos das folhas, as gavinhas foram se entranhando na pele e criando conexões com os seus vasos sanguíneos, de modo que durante o dia, nutriam com a luz José e, durante a noite, se tornavam vermelhas como o seu sangue. Agora meio sangue, meio seiva. Suas unhas assumiram a feição de espinhos, assim como as suas vertebras e todos os pelos do corpo. E como não se vê as folhas na escuridão da mata, também não se notava mais a presença desse moço nas noites da floresta. Durante o dia se refrescava nas águas do rio, e como o vermelho da argila, também não se deixava notar no fundo dos remansos. Apenas as escleras dos olhos de íris preta, ou mesmo os dentes brancos e afiados podiam agora ser percebidos. E quando vistos, dispunham um misto de surpresa e assombro.

Maria, por sua vez, vagava em meio às chamas do incêndio, ainda atordoada com o acidente. A memória não lhe permitia recobrar o que acontecera. O fato é que o táxi que a trazia de volta da cidade grande, perdeu o freio na descida da Serra e, após abrupta capotagem, explodira sem lhe dar chance sequer de sentir agonia ou apelar por socorro. Nada restara da sua veste carnal, além das cinzas inidentificáveis que apenas o vento é capaz de levar. Agora, como centelha, não entendia sua nova situação e vagava pela mata em busca de seu noivo, seu José.

Seu corpo, chamas e cinzas, era difícil de ser visto de longe. Rarefeita mistura de vento e brilho do fogo. De dia, silhuetas de cinzas e brilho ofuscado. De noite, brilho de centelha e contornos de cinzas esvaindo-se pelo ar.

Em Urucuia, as batidas e cantos dos ogãs vibravam pela saúde de José e Maria. Mãe Benta estava em transe, assim como em transe estavam os presentes naquela que seria uma festa, mas que agora mais parecia um cortejo. Como as chamas cresciam na mata, já não havia mobilizações para buscas dos noivos e só restava a esperança por encontrá-los a salvo no dia vindouro.

Na manhã que se seguiu, as expectativas dos urucuianos foram frustradas, pois mesmo com o cessar das chamas e com o frescor do chuvisco do caju, tão esperado na primavera, as flores de Urucuia, os filhos diletos não haviam deixado nenhum rastro. E assim se sucedeu pelos meses que se seguiram, fazendo com que mesmo o mais crédulo do lugarejo, voltasse a enxergar apenas os dias de lavoura, colheita e dominó na praça.

Chegado o período de chuvas, a paisagem que visitava a região era totalmente diferente. As matas agora frondosas que margeavam o rio à beira da Serra nem pareciam ter sido palco do desalento dos urucuianos. No Barrocão a vida seguia calma, não fosse pelas chuvas que agora estavam mais constantes, as chuvas e o vento. Dizem que vento na mata parece alguém falando. E naquelas matas, o vento era a voz de Maria, que não cansava de procurar por José:

– Zé meu amor! Você me ouviu? Eu não morri. Não deixe de procurar por mim – gritava Maria aos quatro cantos da floresta.

Às vezes, passando de bicicleta pela estrada, um homem sensível conseguia ouvir os apelos. E, vez por outra, acabava vendo as silhuetas da noiva que brilhava e bailava no ritmo do balançar das árvores. Alguns se arvoravam nas matas procurando pela noiva, como que enfei-

tiçados, de tal forma que um número destes foi contado pelo Barroco que se perderam sem mais voltar.

José também via as silhuetas de Maria e, ouvia sua voz ecoando pelos cantos da floresta. Sonhava em poder voltar a tocar-lhe a fronte e tomá-la nos braços. A tristeza lhe tirara a voz e não conseguia gritar pela sua amada. O tempo foi lhe renovando as folhas e ele foi se acostumando à sua nova condição. Tinha a esperança de pedir ajuda, mas não sabia como fazê-lo. Sem voz, sua única esperança era encontrar ajuda de alguém para buscar por ela. Contudo, todos que entravam na mata, ou não conseguiam notar sua presença, ou o tinham por demônio. Ao verem suas garras e aparência excêntrica, os forasteiros entravam em choque, e quando conseguiam, fugiam ou se precipitavam nos descaminhos da mata que lhes reservava surpresas de menor sorte. Quando escapavam dos mistérios do lugar, espalhavam boatos de uma “Noiva da Mata” ou de um “Nego D’Água” que queriam lhes aprisionar para sempre.

Uma manhã de névoa na beira rio, José nadava no fundo de um remanso quando foi surpreendido por suave melodia que lembrava a canção que ele havia feito para Maria. Pôs, com cuidado, os olhos para fora da água e notara um violeiro sentado na pedra tocando com profundo sentimento. Ficou ali por alguns minutos lembrando de como ele teria sido feliz se o seu casamento tivesse sido consumado.

De repente teve um lampejo.

– E seu pedir a esse violeiro que toque noite e dia? Talvez Maria ouça a cantiga e venha para a beira do Rio. Daí ela conseguirá me ver.

Não pensou duas vezes. Saltou do fundo do Rio e agarrou o pé do violeiro, levando-o para o fundo das águas, onde havia uma câmara dentro de uma caverna submersa, com um bolsão de ar onde o violeiro foi colocado com viola e tudo.

O violeiro estava desesperado, pois saíra do seu transe harmônico



e de suas melodias para um pesadelo em uma prisão subaquática. Ao abrir os olhos, um misto de espanto e curiosidade lhe dominou os sentidos. Aquela criatura que o havia conduzido às profundezas do Rio, quem seria? Naquela escuridão, só se via as escleras dos olhos e os dentes pontiagudos que enfeitavam uma gargalhada de satisfação.

– Que cê qué de mim? – inquiriu o coitado violeiro.

– Quero a sua voz e a da sua viola – disse José.

Sem entender muito bem o que estava acontecendo e apavorado de medo, o violeiro começou a chorar copiosamente. Mas tão logo abriu os olhos se surpreendeu com uma luminosidade esverdeada advinda de um enxame de vagalumes, a qual tomou conta do ambiente clareando e revelando a figura bela e mítica de José.

– Quem é você? Perguntou o desafortunado.

José se aproximou e falou com sua voz quase inaudível:

– Já não sei quem eu sou, mas apenas o que quero.

E sendo incisivo com o pobre homem ameaçou:

– Você vai cantar para mim ou nunca mais verá a luz do dia. Irá cantar chamando pelo meu amor, Maria. Cantar com tanta paixão que ela irá sentir a dor que eu sinto e virá ao meu encontro.

Ao entender o sentido da amargura pela qual vertia lágrimas a criatura, o violeiro sentiu ternura e compaixão. Assentindo às ordens, mesmo porque não estava de posse de muitas opções, respondeu:

– Cê pode deixar. Que eu vô cantá dum jeito que ela vai aparicê.

José cravou as garras na perna do violeiro e com a mesma velocidade com que verteram à sua moradia, os dois retornaram à luz do dia, nas margens do Urucuia.

O violeiro nem teve tempo de perder o fôlego, se sentiu aliviado por retornar à superfície. Andou até um toco de goiabeira que se estendia por cima das águas. Sentou e empunhou a viola cantando a moda mais comovente que conhecia.

Quem vive na beira do rio, sabe que o vento leva os sons para longe, seguindo o curso das águas. As águas carregam, além de vida para o ribeirão, o afago de mãe e alento de retirar o calor do corpo, asseando até o espírito.

Na margem do rio, os urucuanos ouviam a canção que vinha de longe e que falava de um amor transcendente entre as chamas em forma de vento e das folhas cheias de frescor. Na roça, Mãe Benta também ouvia no lamento do violeiro, as lágrimas de José e a saudade de Maria. Nesse momento ela rezava para que Iansã e Ossain pudessem abençoar aquela união que ela não conseguira celebrar.

No remanso, José sentia na moda entoada pela viola e na voz do violeiro a mesma felicidade do dia em que se casaria. Podia sentir de novo o sorriso de Maria, dizendo: – Zé é dia festa e quero estar linda para você.

Aos poucos foi surgindo uma ventania no remanso que parecia gritar: – José! E o vento se fez em redemoinho e foi recolhendo as folhas de xixá do corpo de José, ao mesmo tempo em que parecia entoar um chamado: – José!

O violeiro continuava, apesar da ventania a soar, como em transe, a canção.

Uma a uma, as folhas do corpo de José foram sendo levadas pela ventania, que agora parecia formar no ar a imagem de uma noiva. Despido das folhas que nutriam o corpo, José caiu sobre folhas, agora secas de xixá. A música parou.

O violeiro viu o corpo despido no chão. Reconhecia aquele rosto. Era o dotozinho. Atordoado com a situação só conseguiu gritar:

– Socorro! Acode! O dotozinho precisa de ajuda!

Até largou a viola e auscultou o peito. Contudo, qualquer esforço era em vão. O corpo de José havia morrido.

Fora do campo de visão do violeiro, José vestido de pano da costa

com uma coroa de flores, viu Maria em seu vestido branco e com sua fita vermelha. Os dois se abraçaram apaixonadamente entrelaçando-se como as folhas do cerrado no vento primaveril. Tudo estava em seu lugar, apascentado. Cada nota na harmonia central das matas de Ossain e Iansã. As notas do violeiro voltaram a soar e agora escorriam pelas corredeiras como sons das águas nas pedras.

Aquela cena transcendente escapou aos olhos do violeiro, mas em transe, Mãe Benta abençoava aquela união:

– Salve as chamas e os ventos, as matas e as águas! Salve Iansã e Ossain!

José e Maria não conseguiam se conter de felicidade com aquele reencontro. Finalmente eles poderiam viver o sonho do amor recíproco. Ambos, agora encantados, entraram no remanso se vestindo da terra vermelha do fundo Rio e com as águas correndo em suas veias. O remanso agora seria a nova morada do casal, que prometia, em juras de amor, povoar aquele pedaço de chão com muitos frutos da estação.

No vilarejo, todos ficaram sabendo do acontecido, quando o violeiro chegou a Urucuia dizendo que havia encontrado o corpo de José.

Foi providenciado enterro com honrarias na roça de Mãe Benta. Ao invés de tristeza, todos estavam felizes, pois ao menos um de seus filhos havia voltado, ainda que para uma despedida.

Os atabaques soaram com uma energia mítica aos pés da goiabeira. Os xirês reverenciavam os orixás. Antes, soavam em um pedido de bençãos para o casal que ia nascer em matrimônio. Agora, ecoavam pedindo passagem para aquelas almas irmãs abençoarem os presentes trazendo coragem para enfrentar os revezes da vida.

O rio se encarregou de levar os xirês até José e Maria, que se regozijavam com a aceitação dos queridos urucuianos e festejavam as bençãos em danças que podiam ser percebidas nas matas pelo bailar das folhas ao sabor dos ventos.

Ao longe, era possível ver os trovões que ardiam nos céus como fogos em felicitação aos filhos da terra.

Mãe Benta não revelou para todo mundo o que viu em seu estado de transe quando Maria encontrou José lá no remanso. Eu mesmo só fiquei sabendo, porque outro dia fui plantar uns pés de fruta na margem do rio e passei na casa de seu Jão e Zuleica. Eles me contaram com os olhos cheios de água da visão de Mãe Benta e foi aquela choradeira. Mas era choro de alegria. Afinal, quem não gosta de saber que um amigo está bem?

Depois. Teve bolo e cafezinho. E tive que aceitar, pois negar um agrado em Urucuia é desfeita.

De vez em quando eu paro de bicicleta na descida da serra e fico escutando o vento. Até parece que ouço alguém chamar: José! E fico me perguntando se seria Maria, pois bem que eu queria rever esses dois.

Ainda tem gente que diz ver a noiva da mata e se perde mata adentro tentando cassar um caso para contar a beira da fogueira em dia de lua cheia.

Mas o que fez falta por um tempo foram as curas que o doutozinho fazia visitando com seu sorriso os lares dos confrades. Os urucuanos não ficaram sem ter as curas, pois agora vem uma equipe de vez em quando visitar o vilarejo. Eles passam de casa em casa e de vez em quando até rola um dominó valendo refrigerante. Mas não tem a mesma alegria do José.

Todo mundo que chega em Urucuia acaba passando na venda do seu Xereta para matar a curiosidade das lendas do lugar. E ele faz questão de contar a história do jeitinho que ouviu do violeiro sobre o Nêgo D'Água que o levou pro fundo do rio, sem tirar nem por. Acabou virando lenda na comunidade e que se espalhou por toda parte.

Outro dia, seu Xereta disse que até viu uns neguinhas d'água, bonitinhos brincando na margem do rio. Mas alertou a todos que é bom

não tocar viola sozinho na beira do remanso, que parece que eles gostam muito de uma boa canção entoada bem lá do fundo. E agora, a família cresceu demais e não deixa ninguém escapar.



# Varal de Cordel

CLEBER DA SILVA REIS

César havia levantado mais cedo naquele dia. Os galos cantavam no quintal, dando boas vindas ao sol que já havia aparecido.

Sua mãe estava nos fundos. Lavando roupa, pelo que parecia. Ele ouvia o barulho da água jorrando no tanque enquanto ela batia uma peça de roupa na pia.

Era ótimo que ela estivesse ocupada. Assim ela não perceberia que ele estava prestes a sair.

Ele pegou a capanga que tinha deixado pronta na noite passada e apoiou a alça no pescoço. Depois pegou um pedaço de papel que estava em cima de um banco e o enrolou com cuidado, segurando-o na mão. Depois de pegar o lápis que estava junto com o papel no banco e colocá-lo apoiado na orelha, ele passou pela porta do quarto, atravessou a porta da frente de casa e saiu.

O dia estava bonito. Ele olhou pra trás para se certificar de que sua mãe não tinha visto ele sair. Ele não a viu. Então andou um pouco mais depressa até a cerca da frente da casa, depois passou pela porteira e foi para a estrada.

Ele sabia que pelo caminho da direita chegaria à cidade mais rápido. Mas sua tia, irmã de sua mãe, morava logo à frente. Como estava saindo escondido, não queria correr o risco que alguém conhecido lhe

visse. Principalmente sua tia. Quando sua mãe desse falta dele, sua tia seria a primeira pessoa a quem ela iria perguntar.

Então ele virou à esquerda. Sabia que por ali ia dar em alguma estrada que o levaria até a cidade. Ele andou mais rápido, ainda segurando o papel enrolado na mão, louco pra sair do campo de visão da sua casa.

Assim que se afastou consideravelmente, ele diminui o passo. Quem sabe assim economizasse energia. Na capanga tinha uma garrafa com água e uma vasilha com alguns biscoitos que sua mãe havia feito a algum tempo. Ele os pegou porque faria uma viagem longa e eles davam muita saciedade. Na capanga também tinha uma lanterna. A viagem poderia ser mais longa do que ele previa, e ele queria estar preparado.

Devia ter achado alguma coisa pra guardar o papel. Era o mais importante. Não podia guardá-lo na capanga ou no bolso. Assim iria amassá-lo.

Também pensou que foi uma péssima ideia sair de chinelos e sem um chapéu. Não iria demorar até o sol ficar implacavelmente quente.

Mas já era. Não ia mais voltar. Talvez encardisse o pé e queimasse a testa, mas valeria a pena.

Continuou olhando para a estrada enquanto andava. Era uma estrada estreita, com muitas árvores em ambos os lados fazendo sombra no chão. Aqui e ali ele via um pé de sucupira florido. Eram muito abundantes nessa região.

Em algum momento ele percebeu que já estava muito longe de seu povoado. O caminho que seguia agora era totalmente desconhecido.

Quando o sol já estava um pouco mais alto no céu e as árvores da beira da estrada passaram a ser insuficientes para fazer sombra, ele entrou no mato. Andou pela beirada da cerca, pisoteando o tapete espesso de folhas secas e se desviando para onde havia sombra, mas sempre atento na estrada de chão.



Andou até chegar numa parte mais aberta da mata. Uma árvore grande, com um tronco largo, se erguia sobre uma área ampla coberta de folhas. Tinha um cocho de sal para gado perto do tronco, mas ele estava vazio.

Quando César estava prestes a sair da sombra da árvore, ele parou. Sua visão de repente havia focado em algo no chão. Estava viva, em alerta, mexendo a cabeça ameaçadoramente na direção do garoto. Uma cobra.

Ele parou e a encarou, assustado, atento aos movimentos do animal.

Ela começou a erguer a cabeça e ele deu um pequeno passo para trás. O barulho dos galhos estalando sob seus pés pareceu irritá-la, então ele ficou parado. Ela também não se moveu.

Depois de um longo momento de silêncio, ele resolveu falar.

– Eu preciso chegar do outro lado – disse o menino com calma. – Eu não quero machucar você.

Ele arriscou mais um passo pra trás.

– Eu preciso ir até a cidade – insistiu.

O menino então abriu o papel que estava segurando na mão. – Veja – ele não sabia se ela conseguia ver. Mas se conseguisse, ela veria a única estrofe de um poema que ele tinha escrito na noite passada. – É um poema. Mas ainda não tá acabado – ele deu mais um passo pra trás. – Eu vou levar ele pra cidade pra pendurar no varal de cordel da Feira do Paraíba. Aquele grandão cheio de papel pendurado.

O menino continuava a dar pequenos passos para trás enquanto conversava com o animal.

– Eu vou terminar o poema lá – ele falou para a cobra. – Aí quando eu pendurar na corda ele vai ser um cordel.

A cobra não parecia convencida, porque começou a avançar na direção do garoto novamente.

César, desesperado, pensou num acordo.

– Pera aí! – ele gritou. A cobra, para sua surpresa, ficou parada.  
– Se você me deixar passar, eu falo de você no meu poema. Aí todo mundo que ler na feira vai te conhecer.

A cobra mexeu a ponta da calda como se considerasse a proposta, mas ainda não parecia convencida. O menino, então, resolveu arriscar um pouco mais.

Apontando para um canto superior do papel, ele disse:

– Eu também posso desenhar você bem aqui. Eu já vi que tem desenho em cordel. Se eu desenhar você, todo mundo que ler o meu cordel vai te ver.

A cobra ficou parada por mais algum tempo. Depois mostrou a língua, saiu em direção ao cocho de sal, e então sumiu.

César soltou o fôlego, enrolou o papel novamente na mão e saiu da sombra da árvore, sem acreditar que tinha acabado de fazer um acordo com uma cobra.

Depois de andar mais alguns metros por dentro da mata, passou entre dois arames da cerca a sua esquerda e voltou para a estrada de chão. Seus chinelos deixavam marcas na areia vermelha fina enquanto leves nuvens de poeira subiam, sujando seus pés.

Pensou na conversa que teve com a cobra. Não tinha certeza se ela sabia aonde ficava a Feira do Paraíba, onde se vendia óleo de buriti, banana, potes de barro, e também onde ficava um varal bem longo onde as pessoas penduravam seus cordéis.

César tinha visto o varal na primeira e última vez que foi na cidade com sua mãe. Quando viu a corda cheia de papéis coloridos, com desenhos e versos escritos, ele ficou fascinado. Leu todos que pôde antes de sua mãe arrastá-lo para ir embora. Eles partiram, mas o garoto saiu decidido de que um dia penduraria um poema seu no varal de cordel da feira.

Ele gostava de escrever. Escrevia só pra ele mesmo. Mas a ideia de deixar algo seu na feira para que muitas pessoas pudessem ver parecia incrível.

Ele nunca teve a chance de voltar lá, no entanto. A cidade ficava muito longe de sua casa. Sua mãe não ia até lá com frequência, e era muito difícil encontrar uma carona pra lá.

Ele não sabia quando iria ter a oportunidade de ir até a cidade pra levar seu poema. Ele iria colocá-lo na corda junto aos outros papéis, e então não seria apenas um poema. Seria um cordel.

Ele não sabia quando faria isso até ontem, quando decidiu que não iria esperar ter uma chance. Ele iria fazer a sua chance.

Pegou um lápis, escolheu uma folha do seu caderno da escola e a arrancou. Apoiou a folha no banco que ficava ao lado da cama e escreveu algumas palavras, dando vida a uma estrofe de um futuro cordel.

Depois de arrumar as coisas na capanga que sua mãe havia costurado com pedaços de tecidos de roupas velhas, ele foi dormir, ansioso para o dia seguinte, quando começaria sua jornada até a feira da cidade.

E agora ele estava aqui. Não sabia o quão longe estava de casa nem o quão perto estava da feira. Ainda não via vestígios da paisagem urbana no horizonte.

Provavelmente ainda tinha muito a percorrer.

Quando estava quase chegando perto de uma bifurcação da estrada pela qual andava, ele avistou alguma coisa à distância. Primeiro achou que era só um cavalo perdido, mas depois percebeu que alguém o montava. Quando chegou mais perto, ele notou que era um homem.

Era um homem alto, usava calças largas e uma bota de couro suja de lama. Estava com um chapéu, também de couro, e uma camisa de manga comprida para proteger os braços do sol. Quando viu César caminhando sozinho na estrada, ele parou o cavalo e encarou o garoto.

– Ô, menino – ele falou, e César também parou de andar para encarar o homem. – Tá fazendo o que andando sozinho por essas bandas? – apesar de estar com um chapéu, ele ainda encolhia os olhos por conta do sol.

– Eu tô indo até a cidade – César respondeu, colocando a mão sobre a testa para proteger os olhos do sol enquanto encarava o homem em cima do cavalo.

– Ué – o homem falou, um pouco espantado. – Tá indo a pé pra cidade? Tá doido? Vai fazer o que lá? – o homem perguntou. O cavalo fez um barulho esquisito.

O menino mostrou o papel enrolado, agora um pouco amassado e meio molhado de suor.

– Vou pendurar meu poema no varal de cordel da Feira do Paraíba – César respondeu.

O homem ficou olhando para baixo de cima do cavalo, encarando o menino.

– Deixa eu ver.

Ele estendeu a mão pra baixo e César ergueu o papel pro homem, que o pegou, o abriu, e leu o que estava escrito.

Ele demorou demais para ler, considerando que no papel só tinha uma estrofe pequena com quatro linhas escritas.

Quando terminou, ele franziu o cenho ainda mais.

– Tá indo até a cidade pra colocar só isso num varal? – o homem perguntou, segurando firme a rédea do cavalo com a mão que não segurava o papel.

– Eu vou escrever mais coisas quando eu chegar lá – disse o menino, ajeitando o lápis que ainda estava pendurado na orelha. – Só lá eu vou saber como terminar esse poema. Depois eu vou pendurar no varal, e aí ele vai ser um cordel.

O homem riu. – E é assim é? – ele perguntou, estendendo o papel

de volta para o garoto. O menino apenas deu de ombros antes de erguer a mão para pegar seu poema

– Bom. Eu tô indo pro outro lado – o homem falou, apertando as rédeas do cavalo, que balançava o rabo sem parar. – Volta comigo. Daqui pra lá no cavalo tá mais perto do que daqui pra cidade a pé.

– Então eu vou me apressar – César falou para o homem. O homem riu. – O senhor sabe por qual daquelas estradas eu chego na cidade mais rápido? – apontou para a bifurcação logo a frente. O homem olhou pra trás e indicou com o dedo a estrada à direita do garoto.

– Vai por aquela ali.

– Tá bom. Obrigado. Eu vou lá – César disse, e então voltou a andar.

Quando já estava a alguns passos de distância, o homem gritou: – Ô, menino!

César olhou pra trás, cobrindo os olhos novamente. – Muito cuidado com cobra, viu?

O garoto sorriu e falou: – Preocupa não, moço. Tem espaço aqui no papel pra desenhar mais umas cinco.

Então se virou e seguiu viagem, deixando o homem confuso pra trás.

Quando chegou na bifurcação da estrada, César virou a direita, como o homem o havia instruído. Já cansado de tanto andar, colocou a capanga de lado e puxou a garrafa de água pra fora. Abriu, virou a garrafa na boca e deu alguns goles. Olhou para a vasilha com os biscoitos, mas não os tocou. Talvez fosse melhor deixar pra comer na volta.

Guardou a garrafa e continuou andando.

A estrada estava muito deserta agora e o sol estava quente àquela hora. Mas o menino não parou de andar. Agora estava muito mais perto da cidade do que estava quando falou com o homem no cavalo. Estava muito mais perto do que estava quando viu a cobra no meio do mato. Não era hora de parar.

Mas ele parou. De repente ele tinha escutado um zumbido alto soando de algum lugar ali por perto. Não conseguiu identificar o que poderia ser nem qual era a origem do som, então seguiu. Continuou andando na beira da estrada, bem próximo de uma cerca que limitava uma área desmatada.

César havia percebido, na verdade, que a paisagem ia ficando cada vez mais rala conforme ele prosseguia. Primeiro, estava numa área verde, com árvores em abundância que faziam sombra e serviam de ponto de descanso para cobras interesseiras. Agora, quando olhava para ambos os lados, era preciso estreitar os olhos para ver uma árvore.

De repente, ele viu uma coisa. Não muito distante de onde estava, logo a sua frente, carros passavam em alta velocidade para lá e para cá. Quando um carro bem maior que os outros passou, ele ouviu novamente o zumbido que havia escutado minutos antes. Ainda não sabia exatamente o que era, mas vinha daquele carro.

Ele correu. Estava mais perto da cidade agora. A Feira do Paraíba estava por ali, esperando por ele.

César correu até chegar na estrada pela qual os carros passavam. Com cuidado, continuou andando pela borda do asfalto, muito quente.

Depois de caminhar pelo que pareceu outra eternidade, ele viu os grandes prédios da cidade ao longe e começou a andar mais rápido.

Quando entrou no ritmo acelerado da cidade, não teve olhos para outra coisa a não ser o caminho que o levava até a feira.

E depois de atravessar as ruas fora da faixa de pedestres e quase derrubar um ciclista, ele a viu. Era incrível. Ele não se lembrava exatamente como chegar até ela, mas algo dentro dele o trouxe até ali. Algo além da lembrança, além da intuição.

Estava quase exatamente como ele se lembrava. Pessoas caminhavam pela feira, comprando em barracas, conversando, ou sim-

plesmente pegando um atalho para chegar a algum lugar ali por perto.

Mas as barracas não importavam, o destino das pessoas não importava. Pois o varal de cordel ainda estava ali.

O sorriso do garoto se alargou e seu coração acelerou. Ele correu em direção ao varal, que estava com dezenas de papéis lindos e coloridos pendurados, com belas caligrafias versando estrofes com pura emoção contida em cada uma. E agora era a vez dele. Era sua vez de pendurar o seu poema.

Com o coração ainda acelerado, ele apoiou o papel que segurava em sua mão numa caixa que estava no chão próximo ao varal. Depois que puxou o lápis que tinha estado em sua orelha desde o início do percurso, ele começou a escrever as últimas estrofes do seu poema. Agora ele podia terminá-lo. Tinha chegado até ali.

César fez alguns desenhos nas bordas do papel depois que terminou de escrever. O desenho da cobra ficou no canto superior esquerdo da folha. Assim todos poderiam vê-la. Como prometido.

Tinha acabado. Agora era só pendurar.

Ele procurou espaço no varal já lotado de papéis e de início não encontrou um lugar vago para o seu poema. Mas aí ele viu um pregador azul solitário no meio dos outros. Havia um pequeno espaço que ele poderia colocar o seu poema.

Ele tirou o pregador, apoiou a folha na corda e depois a prendeu. Seu rosto expressou um enorme sorriso novamente quando ele se afastou e viu o seu poema no meio dos outros. Ou melhor, o seu cordel. Agora ele estava no varal, não era apenas um poema.

Mas isso não era o suficiente. Levando em consideração que ele poderia ficar de castigo até o próximo ano, ele tinha que saber se a caminhada tinha valido a pena. Ele tinha que saber se alguém iria ler o seu cordel.

César se afastou discretamente do varal e se sentou numa calçada ao lado da feira, de onde ele poderia ver o seu cordel pendurado. Mesmo se ele forçasse a visão não conseguiria ler o que estava escrito no papel. Mas os versos estavam tão frescos em sua memória que ele conseguia recitá-los em sua cabeça:

Um dia eu tive um sonho  
Que parecia até ousadia sonhar  
Parecia muito distante  
Muito difícil de realizar

A estrada até ele era muito longa  
Era difícil chegar até lá  
Eu vi uma cobra no chão  
E encontrei gente me pedindo pra voltar

Mesmo assim fui persistente  
Não parei de caminhar  
Na estrada não houve bicho nem gente  
Que me impediu de tentar

Era isso. Era um belo cordel. E o que estava escrito era verdadeiro. César ficou repetindo o que havia escrito em sua cabeça, tentando não esquecer. Talvez, se o recitasse para sua mãe, ela pensasse melhor a ideia do castigo.







# Um presente do tempo

ÁUREA GABRIELA MOURA GUMES

Na beira do rio todo mundo há de saber, quem pesca, quem colhe, quem é de matar e quem quer de comer, muita coisa não se precisa, um chapéu, um sapato, um fumo ou olhar, tá lá, posto quem é quem mesmo sem perguntar. Essa história aqui fala de um alguém sem nome, um quem de pele, roupa, falas e andados específicos, história pouco falada e muito vivida. A história que você agora vai ler é sobre viver às margens do rio Grande e da cidade de Barreiras, digo do rio porque não dá para contar dos que lá vivem sem dizer de onde até onde perambulam nas águas e digo da cidade porque os acontecimentos podem ser de centro mas só são fora das margens se ocorrem com pessoas donas do centro.

Tia Mocó, uma senhora de sorriso largo, um metro e setenta e cabelos compridos, caminha toda manhã quase que religiosamente na beira do rio Grande, passa pelas árvores de sua infância, toca em cada uma até chegar na barriguda da praça do cais e como uma criança rodopia três vezes da esquerda para a direita e três vezes no reverso. Uma mulher de face amigável, quando encontra com um morador conterrâneo puxa um assunto do passado, pergunta como andam os parentes mais antigos, como andam os parentes mais novinhos, fala de chuva, de barco, de água.

Se nas andanças pelo cais encontra um alguém de fora, faz-se interrogativa, olha de canto, se aproxima com cautela e investiga, questiona de onde veio, para onde vai, porque veio e porque vai, se vai ficar, quanto tempo e se trouxe na mala só pertences ou se há pessoas por vir, pode parecer estranho mas a forma como Tia Mocó elabora seus gestos e olhares é quase impossível lhe negar respostas, antes de se despedir do tal, finaliza como quem diz, ainda não engoli essa história, onde mora?

Daí é que não se desfaz mas, se amizade ou inimizade, firmada foi a relação, com o endereço desses tais, remonta caminhos, probabilidades, vizinhos, passeios, famílias próximas, prováveis interesses em religiões e, é claro, em bares. Com uma investigação minuciosa na sua caixola que dura em média coisa de 40 segundos no máximo, conecta os de antes com os de agora, e assim decreta a senhora qual serão os futuros dos entrevistados.

Quem assiste pensa que se trata de uma mulher que perdeu as faculdades de si, perdida na vida, quando não está a perturbar os caminhos alheios está a vigiar os cantos e voos de pássaros, noutra dia comentou com a senhora do mercado que ouviu um bem-te-vi, se foi mesmo um dele, não dá para saber, o fato é que por ser quem era, Tia Mocó vivia por deixar encucados outrens, era alvo dos mais diversos comentários de quem perde a vida, de quem só vive por não ter como morrer.

Quanta bobagem, ela sim vive e não percorre, cada dia é uma descoberta, uma experiência, não se perde tempo, só se ganha, uma flor, um pássaro, uma onda, sim, onda em rio, e no Grande! Provocada por uma moto que inventaram de por n'água. Tia Mocó inventava de viver, todo dia era dia para ser vivido.

Religiosamente, por se fazer cotidianamente e com certo respeito à frequência, voltava de onde vinha lá pelas tantas só para ver o sol

virar lua como quem brinca de aparecer/desaparecer nas serras da cidade vistas do cais, diziam as boas línguas que se abrissem a cabeça de Tia Mocó tirariam um diário fotográfico das mais lindas despedidas do sol. Ela fotografava com os olhos, olhava fixamente por uns segundos e piscava como um click de máquina, deve ter aprendido em novelas ou foram as novelas que aprenderam com ela.

O fato é que Tia Mocó nunca tinha visto uma máquina de fotografia, a fotografia ela viu, uma certa feita passou uma moça vestida de preto na praça e lhe contou a história de seu pai falecido, chorava de soluçar dizendo que a única coisa que lhe restara de seu pai era uma fotografia dele na infância, depois da viagem até chegar na cidade, perdera o pedaço de papel, Tia Mocó quis ajudar a moça e pediu que descrevesse do que se tratava sua única herança.

A mulher lhe mostrava com as mãos o tamanho e espessura do papel, lhe disse que não tinha cores vivas e na imagem uma criança vestida com um short curto de tecido quadriculado e uma camisa de botão branca com um bolso azul marinho do lado esquerdo, lhe contou que nela o menino sorria mas parecia ter levado um susto com a luz pois estava com os olhos apertados. Deu tantos detalhes que Tia Mocó era capaz dela mesma desenhar essa tal fotografia.

Dito isso, num foi que a mulher sorriu? Abraçou a senhora que estava ali para ouvir seus prantos e acabou por lhe garantir que o pedaço de seu pai perdido tava bem achado. Assim, vivia a senhora, fazendo e desfazendo amizades, gostava de ouvir, de contar e de observar, mas se fosse maledeto, não adiantava, bastava um só encontro para Tia Mocó por na fuça um rosto ríspido, braços cruzados e atravessar para longe.

Por ser tão certa as andanças matinais e de matinê da senhora pelo cais, aquele dia foi estranho, muito diferente do que estavam acostumados os moradores daquelas bandas. Quando Tia Mocó passou

pelo cais passou chorando, não era manhã, não era tarde, ao meio dia, com passos corridos, braços cobrindo o rosto, parecia dizer que estava triste por demais mas não dizia sequer uma palavra. Dona Stella, umas dessas moradoras, chamou-lhe e ofereceu um afago, pediu a sua filha que fizesse um soro para a senhora que não chegou a beber.

Tia Mocó mexia o rosto e as mãos com uma rapidez desconcertada e em menos de um minuto dormiu, dormiu para não mais acordar. Dona Stella, completamente perdida com a situação, achou-se na obrigação de dar conta dos pormenores, com sua filha, chamou os vizinhos e mandou que anunciassem o acontecido na rádio para que toda a cidade soubesse do fim, pensou em chamar um médico mas nenhum médico chegou a examinar o corpo estirado, diz-se que morto não conta história, logo chegou o caixão e assim se fez.

Velório organizado, a procissão sairia da praça até o cemitério assim que caísse o entardecer e ficasse um sol menos quente, começaram a chegar alguns gatos pingados mais amigos de Dona Stella que de Tia Mocó, uns dois ou três coroinhas da paróquia de São João Batista, alguns conhecidos outros desconhecidos transeuntes da praça e assim a aglomeração estava de bom tamanho. O padre encontrou o movimento já feito na praça, chegou esbaforido e vestindo a batina às pressas, disse quaisquer palavriados e foi liberada a comilança. O corpo saiu pro enterro sozinho, desapareceu em meio a confusão despercebido, não se sabe bem como, o fato é que em segundos acabou a comida e o feito.

Em meio essa movimentação noticiava na rádio o nascimento da menina do prefeito, ou melhor, noticiava que sobreviveu ao nascimento, o bebê que tinha passado a madrugada num morre não morre no hospital, por fim não tinha morrido. Isabel, era um bebê grande, com olhos escuros e abertos, respirava brandamente, nem parecia ter passado pelo sofrimento horas antes, de cabelos castanhos, pele

arroxeada e uma mancha no pulso, saiu enrolada num manto branco nos braços da mãe.

Nessa mesma tarde, mas já entrando na noite, noutra canto da cidade, na margem de cima do rio, pras bandas de Barreirinhas, um casal recebia a sua porta dentro de uma caixa de feira um pacote de muitos reais e um bebê, uma criança caladinha, de olhos fechados, mas grande e limpa, parecia ter sido deixada ali a poucos minutos, o casal olhou para a situação e a manteve em seus cuidados pelos anos seguintes, sem que houvesse questionamentos, uma menina de cabelos escuros e olhar profundo.

Uma menina nascida num dia de velório, 15 anos depois, pôs a inculcar seus pais para prover um grande festejo de aniversário, com muita comida e bebida, música e fantasia, tal como gosta o povo barreirense, na praça. Filha de quem era, a festa foi promovida e lá pras tantas na hora do parabéns um sonoro urro parou a banda, estava ali um amontoado de pessoas rondando um corpo estirado na praça, se era miragem ou não, só quem esteve na falada festa poderá dizer, mas que o corpo tinha forma e cor de Tia Mocó, tinha!

A menina, perturbada com a situação começou a indagar motivações para tal aparição, seu pai deu conta de resolver e abafar o acontecido mas para ela, alguma coisa mal contada precisava descobrir. Vasculhando os documentos da prefeitura, eis que surge em suas mãos o documento de morte de Tia Mocó, moça jovem sem lucidez, falecida sem motivo aparente, assim escrito no papel, no dia de seu nascimento. A menina, que não teria muito a se conectar com aqueles documentos, se viu emocionada, trêmula, tratou de enxugar as lágrimas e num ato abrupto, convocou a cidade aos berros na prefeitura oferecendo recompensa substancial para quem descobrisse quem era Tia Mocó.

Seus pais, afoitos, assistindo a cena cancelaram tal busca muito rapidamente, poucos ouviram mas para alegria ou desprazer de al-

guns o radialista Manoel estava na praça do paço naquele momento, e como assim anunciou em seu programa “a pessoa certa, na hora certa e no lugar certo cabia mais que justificativa para a notícia, tinha dever moral de informar para todos da cidade que alguém finalmente clamava por informações de Tia Mocó, senhora falecida anos antes, próximo ao cais onde havia passado as manhãs e tardes enquanto viva”.

O prefeito estapafúrdio com a menina, chamou a primeira-dama e botaram a menina em seu lugar, lhe disseram que Tia Mocó era uma doida, perdida na vida que nada tinha a oferecer a menina, não havia casa, amigos, parentes ou bens, nem sequer havia motivos para procurar saber de uma senhora sem família, que ela tratasse de ficar muito quieta porque o prefeito, homem nobre e de valor na cidade, não poderia jamais ser envolvido numa história mais sem cabimento como a daquela senhora.

O homem dito como é dito, mandou que se silenciasse qualquer rumor que pudesse rolar na cidade, pagou quem tinha que pagar e apagou quem tinha que apagar, posto que no fim das contas só se ouviu o nome da senhora pelos berros de sua filha e na voz de Manoel, a aparição não durou nem coisa de um dia inteiro, foi como veio a visita na festança, um momento rápido que logo se dissipou e que ninguém ousa mencionar já que ninguém sabe contar de fato.

O caso é que lá pras bandas do lado esquerdo do rio, a história da menina do prefeito gritando na prefeitura buscando por Tia Mocó na voz de Manoel, na rádio ouvia Madalena, jovem que tinha sido entregue aos seus pais adotivos ainda bebê junto de um montante de dinheiro, não sabia ao certo o dia de seu nascimento mas fora entregue em dia de velório, com a pulga atrás da orelha pôs-se a indagar por quês de procurar a tal menina.

E dito, num ato de querer sem entender direito, Madalena atravessou a ponte e parou ao lado de uma árvore na frente da casa do



prefeito, estava o sol quase a descer naquele domingo, não foi esperando nada, talvez nem tivesse coragem de tocar a campainha ou chamar na porta o nome da menina, lembrou-se que nem o nome da menina ela sabia, por sobra de coragem ou por muita agonia em ir de encontro com aquela emoção havia sido levada a calçada da casa, recobrou-se a lucidez e deu meia volta.

O que Madalena não esperava era que Maria Helena, a menina do prefeito, também estava sem justificativas aparentes agoniada com a existência daquela menina à sua porta, Maria Helena que estava na varanda da sala de seus pais havia notado uma pessoa por entre as árvores e ficou curiosa, não quis assustar quem estava a observar então contentou-se em descer as escadas e ficar na espreita da porta, vez ou outra tentava olhar com mais detalhes mas pelos vitrais a imagem não era muito boa.

Pois quando Madalena já estava em seu caminho de volta ao seu lado do rio, Maria Helena encucada mas não ao ponto de segui-la voltou a varanda e gritou: ei! bastou isso, uma palavrinha que quase nem é palavra, um grito de coragem meio sem pretensão, ora nenhuma das duas entendia o que tinham a ver uma com a vida da outra, nem entendiam de onde viam as emoções todas que lhes rondavam naquela aproximação.

Respostas essas que deixaram de existir no mesmo momento em que madalena respondeu aquele chamado, ao virar-se de costas seguindo as ondas sonoras, guiou seu olhar para cima e foi como ver-se, via algo como uma miragem, mesmo olhar, mesmo, cabelo, altura, dentes, lábios, orelhas, mãos. Maria Helena de cima via o mesmo, ou melhor, via a si mesma, iguais idênticas, como um clone. Não deu para que nenhuma das duas conseguisse fazer mais do que fugir.

Maria Helena que correu para fora de casa, na tentativa de encontrar-se a si mesma de fato, sem que pudesse pensar que fora uma

aparição não teve sucesso, mesmo que esbaforida da corrida, quando chegou a praça não havia mais ninguém ali, restaram apenas as silhuetas das construções pintadas de laranja pelo cair do sol, uma ou outra luz acesa dentro das casas e os postes começando a tomar para si o poder de iluminar os caminhos dos gentios.

Pensaram, as duas, estar num daqueles momentos em que a morte ou os deuses lhes questionam seus modos de viver, bem, questionadas elas foram e bastou. Madalena atravessou correndo a ponte de volta, foi para não mais voltar e aquele domingo ficou para as duas como memória de algo que não se sabe se foi real ou inventado, que as duas não iriam bestar de enfrentar de novo. Madalena até chegou a pensar ser filha do prefeito, mas daquele homem não queria nada, depois lembrou-se do que tinha atiçado sua curiosidade, a história de Tia Mocó e então pensou ter medo.

Maria Helena que até tentou entender como real aquela aparição, aquela segunda aparição, antes que pudesse se dar por vencida, procurou um ou outro, alguém que pudesse lhe contar alguma história de Tia Mocó, mas o assunto tinha sido proibido pelo seu pai e não haviam um sequer que iria de encontro com o homem, tentou até cansar e se cansou, se deu por vencida mas não por acreditada. Quando baixava o sol ela sentia a noite chegando como quem traz um bilhete escrito: ainda há coisas não ditas.

E numa dessas tardes enquanto lia o bilhete que chegara em sua janela, Maria Helena ouviu sua mãe comentar com seu pai ao telefone: “não há o que ser feito, não há porque desfazer o passado, é o que é” a menina não poderia pensar duas vezes, se tratava de seu pai e sua mãe falando de seu passado, ou do passado mais distante, do passado do dia em que nasceu, o passado de um certo velório, Tia Mocó! estava certa de que se tratava da história daquela senhora.

Dedo dos pais havia, não sabia ela se havia sangue em suas mãos,

dava para supor que a morte não teria sido normal, e passou a andar perambulando o cais todas as tardes buscando mais bilhetes ou sorte, buscando algo que nem sabia o que era, talvez outra aparição, algum ruído, talvez como naquela outra tarde, um telefonema na surdina. Eis que em uma dessas tardes de passeio aconteceu o que esperava, a filha de Dona Stella estava na varanda de sua casa e viu a menina caminhando no cais e lhe chamou.

“Ei, menina!”, disse a filha mais próxima da grade de sua casa, enquanto Maria Helena atravessava para o encontro, ela abriu o portão e deixou que a menina entrasse em sua casa, lá ofereceu um café e lhe disse em rápidas palavras, “eu sei como Tia Mocê morreu, foi nos braços de minha mãe, aqui mesmo, nessa calçada, tome o café”. Maria Helena não podia ou conseguia dizer palavra alguma, e a mulher continuou “ela chegou esbaforida, não entendemos o porquê e ela não chegou a nos contar, em um suspiro veloz dormiu para não mais acordar, agora termine o café e saia” a menina com nenhuma opção, assentiu com o olhar e saiu da casa.

Chegou em casa e colocou tudo que ouviu num papel, coisa de 5 linhas, mas foram as 5 linhas mais reveladoras sobre a história que chegou a saber, em posse daquelas palavras dobradas e guardadas na gaveta de seu quarto como um documento, se deu conta de que sim haveria de existir um documento sobre as causas de morte. Na manhã seguinte no alvorecer do dia foi até o hospital que teria que laudar a morte da senhora.

Sabemos que nenhum médico chegou a examinar o corpo da senhora mas Maria Helena não sabia e naquele suspiro de esperança chegou até o Eurico Dutra e perguntou onde ficavam os registros de morte dos barreirenses, conversa que deixou a recepção do hospital paralisada, ninguém chegou a responder a menina mas uma enfermeira lhe chamou de canto e tentou ajudar, lhe disse que se ela quises-

se procurar algo assim teria que ter motivações sérias, ser da família e mais do que isso, teria que a prefeitura permitisse.

Se vendo perdida, suplicou a enfermeira “eu só preciso saber as causas de morte de Tia Mocó” a enfermeira calou-se e com olhos arregalados mandou que a menina fizesse silêncio, disse para ela que voltasse no cair do sol e a encontrasse por entre as árvores ao lado do hospital, que não comentasse nunca mais o nome da senhora naquele lugar e que saísse dizendo ir procurar autorizações para que conseguisse homenagear seu falecido avô, e assim a menina fez. No retorno à tarde pensou em ser uma loucura tanto segredo mas mesmo assim seguiu.

A enfermeira já estava por entre as árvores quando Maria Helena chegou, a mulher contou que a senhora não foi examinada depois da morte e que o corpo tinha sumido do velório, disse que uma hora antes de saber da morte de Tia Mocó ela havia estado lá, no hospital, em carne e osso, falou com algumas pessoas, um homem que carregava uma caixa de feira e mais nada, não mais a viu em vida, quando a encontrou novamente ela já estava num caixão, disse com cuidado: “o que aconteceu com Tia Mocó foi coisa de gente grande”.

Maria Helena chegou em casa e foi direto ao seu pai, sabia ela quem era a “gente grande” que a enfermeira tinha mencionado, sabia tão exatamente que não pensou em outras possibilidades, entregou no jantar o bilhete que tinha na sua mesa no quarto, dobrado e seu pai nem chegou a abri-lo, sentada à mesa a menina disse: meu pai, porque o senhor teria motivos para matar Tia Mocó? O homem que nem tentou inventar nada respondeu um sonoro “para que você pudesse ser a filha do prefeito”.

O mundo de Maria Helena rodou, rodopiou, parou, rodou mais uma vez e ela que ainda estava sentada não alongou a conversa, puxou o bilhete e saiu da sala, seu pai que tanto lhe amava precisou ma-

tar uma senhora para amá-la? e quem eram os seus pais biológicos? Porque para que seu pai pudesse amá-la tantos amores de outrem tiveram que ser perdidos, completamente perturbada lembrou-se da aparição na sua casa.

Correu mas não conseguiu alcançar o pai em casa, não estava mais a mesa, nem ele nem sua mãe, não sabe se demorou a descer ou se não estava enxergando bem, mas decidiu que iria naquele momento atravessar para a outra margem do rio, sem outras explicações correu e dessa vez correu o suficiente. Assim que atravessou e pisou o pé na margem de cima deu de frente com Madalena que estava sentada na praça de Barreirinhas.

Num abraço com afago, as duas se tocaram e enfim entenderam que não era miragem, eram reais, irmãs e gêmeas. Não disseram nenhuma palavra mas com o olhar firmaram um combinado, não iriam aparecer mais uma na vida da outra, estavam felizes como eram, combinaram encontros no cair do sol, sempre as tardes quando algo precisassem, viveriam unidas por aparições sem explicações óbvias e pelo sangue que compartilhavam e assim cumpriram. Seus pais biológicos não apareceram, ainda.

Muito bem pagas outras vozes não existirão, pensa em sono tranquilo o antagonista da história das meninas, para ele já houve fim. Dorme tranquilo porque sabe que é impune, porque pensa não existir crime, então porque julgamentos? Vive em paz, completa serenidade com sua própria consciência. Pensa que já houve fim, que tolo, porque para os que acreditam no que dizem os que já foram, para os que acreditam que mortos são história, muitas cenas ainda restam até o final, te coube ler algumas delas agora, mas não duvidemos do tempo.



# Do outro lado da rua

SAMUEL SOUZA DE OLIVEIRA

O cheiro do tição de lenha queimando rescendia do outro lado da rua. Era final de tarde de um dia normal, no qual o arroxeadado pôr do sol palmeirense anunciava a hora do café. O dia era comum, mas a cozinha não. Diferente de qualquer outra, algo a tornava especial. Não sei ao certo o quê. Talvez o reflexo do sol. Em dias quentes, ele incide sobre a mesa. Ou talvez o barulho das folhas do pé de manga da vizinha, que sempre caíam nos telhados. Quem sabe até os pingos de chuva que nos molhavam sempre através de algum buraquinho nas telhas? Não sei! Algo a tornava singular. Será que não seria o galinheiro, com seu cheiro intenso, apresentando-se aos nossos olfatos diuturnamente? Quem saberá? A verdade é que o famoso bairro do Mata três<sup>1</sup> continha uma singularidade característica, seja pela vizinhança acolhedora, sejam pelas saudações que eram expressas em afetuosos votos de bom dia.

– Vem, nego, tomar um café!

– Oxe, vó, café coado de manhã cedo? Já é quase noite...

Daqui, do outro lado da rua, era típico ouvir esse diálogo. Algo ecoava no interior daquela singela cozinha. Eu sabia que em pouco tempo o calor do vapor da água e o canto da chaculateira anunciariam

---

**1** O bairro levava esse nome devido a três homicídios que ocorreram num passado remoto naquelas proximidades.

o preparo de um café fresquinho. Aquele, que em seu escuro coador feito de pano, presenciava tantos discursos. Dona Dora é a responsável pelo café que nunca falta. Ora mais forte, ora mais fraco, seja o puro melaço ou sem gosto algum, as três garrafas térmicas estão sempre cheias.

Ela é a típica senhora com mãos de fada. São mãos que têm a leveza para acariciar os netos e netas e que têm a força de mexer grandiosos caldeirões de comida. Foram essas mãos que, pelo que Dona Dora me conta, outrora cortaram muita lenha, plantaram e colheram muitos alimentos.

Daqui, do outro lado da rua, eu acompanhava tudo. Não, não pensem que eu sou essa vizinha fuxiqueira que se prosta na porta de casa para dar sentido à vida dos outros. Mas algo naquela família me chamava atenção e os fins da tarde, especificamente, são dignos do conhecimento de vocês. Eu sabia, por exemplo, que Dona Dora não tomava café. Ela tem lá os seus problemas de saúde e, em seus dizeres, café não devia fazer bem. Daqui, do outro lado da rua, eu ouvia tudo. Eu, uma mera vizinha sentada no cais, percebia que, muito além do canto primaveril das cigarras, o que comunicava a chegada da noite, todos os dias, era a harmônica bagunça que se firmava naquele lugar.

Descrever fisicamente Dona Dora não é difícil. De pele clara, estatura mediana, cabelos grisalhos com a pintura falha, corpo e seios fartos. Ela é aquela clássica senhora de lenço na cabeça e saia rodada cheia de estampas que por si só agrupam diversos significados. Seu marido, Joca, também é fácil caracterizar. Senhor negro de olhos esbugalhados, careca e de agilidade invejável, ele é o patriarca daquela família.

Ao pé do fogão à lenha da sua casa, reuniam-se, em todos os fins de tarde, seus netos suados e que mal lavavam as mãos para tomar o café esfriado; seus filhos que, ao chegarem do serviço, largavam as



bolsas na primeira mesa que encontravam; noras, genros e agregados que pontualmente chegavam na cozinha trazendo suas crias; e quem mais aparecesse para tomar um dedinho de café e pagar com prosa: bêbados, mascates, paqueras e até mesmo fuxiquentos. Todos tinham espaço no circo que se armava na cozinha de Dona Dora. Daqui, do outro lado da rua, eu via tudo, inclusive Sr. Joca, que com a calma e o sossego de alguém naquela idade, pegava seu bonezinho, seu copo americano com café pela metade e sentava-se em qualquer cadeira baixa que permitisse recostar e cochilar.

Daqui, do outro lado da rua, eu tocava tudo, mas com os olhos, é claro! Pois, se Dora imaginasse que alguém estava botando sentido na sua cozinha, logo fecharia as portas e a cara pra mim. Ela é minha vizinha... Onde já se viu caçar confusão com a vizinhança?

Lembro-me de que certa feita, numa das corriqueiras prosas entre eu e Dona Dora, ela me contou sobre uma das proezas que ocorrera na cozinha. Dizia-me que, numa tarde quente de verão, acordou com os gritos de um dos netos que subitamente interrompeu o seu sono ao entrar com desespero no quarto, dizendo:

– Vó, ô vó, corre aqui na cozinha! O saco de milho está pegando fogo!

Dona Dora me contou que ficou pensando o que poderia ter causado aquele acidente e, sobretudo, que alguém poderia estar ferido. Então, ela saiu imediatamente em direção à cozinha e deparou-se com o saco de milho – recém comprado para alimentar as galinhas – em chamas. Rapidamente, pegou uma panela com água e apagou o fogo, enquanto ia em direção ao menino para perguntar:

– Meu fi, que diabos aconteceu aqui?

Ele, supostamente assustado, explicou para a avó que o saco de milho que estava embaixo da mesa era de papel e, por esse motivo, quando o sol bateu, o saco acabou pegando fogo. Tempos depois, o neto

confessou que havia descoberto o isqueiro debaixo do pano de um armário de tijolos e resolveu testá-lo, colocando fogo naquele caro saco de milho moído. Xi... São muitos os causos que já ouvi de Dona Dora.

As paredes antigas, com reboco inacabado e tintura amarela já envelhecida, diziam muito do que havia acontecido naquela cozinha. Tanto a chegada de boas notícias, planejamento da viagem anual e confraternização de fim de ano quanto o aparecimento de qualquer pessoa indesejada, a recepção de notícias ruins e também a experiência com situações pavorosas. E se tinha uma coisa que aflorava os ânimos daquela família era a viagem à Bom Jesus da Lapa, município localizado no oeste da Bahia. Daqui, do outro lado da rua, eu acompanhava por anos a fio todo o preparo que antecedia o esperado três de agosto.

Quem diria que mesmo daqui de fora eu conseguiria captar cada sentimento exalado pelos familiares quando começavam a se preparar para a viagem? Não preciso nem dizer quem se adiantava, não é mesmo? Dona Dora fazia questão de contar os meses que faltavam para que cada parente, vizinho e amigo não deixasse de estar presente por falta de planejamento. Aí está uma coisa que ela gostava: planejamento. Desde o início do ano, arava o solo do pequeno sítio que reunia a família aos fins de semana. Plantava abóbora, aipim, pimenta e o que mais pudesse integrar a farta feira que os abasteceria nos 5 dias de passeio.

Eram dias de muito alvoroço na clássica cozinha amarela. Lembro-me bem da saudade expressa na voz de Dona Dora ao relatar como a tradição era ainda mais intensa antigamente. Os netos pequeninos se ajuntavam na beira do fogão a lenha com o velho caderninho lilás que continha os hinos em louvor ao Bom Jesus da Lapa. E é óbvio que tudo envolvia café. As canções, até pouco tempo atrás, eu ouvia um neto ou outro cantar só pra provocar um sorriso sincero em Dona Dora e seu Joca.

Como boa e curiosa vizinha, eu sabia também que naquele caderinho estava o ofício que os romeiros rezavam especificamente na Serra da Mangabeira, um trecho que faz parte da viagem. Ah! Ai de quem ousasse fazer a leitura do ofício antes do momento adequado, pois era logo repreendido por Dona Dora e suas filhas. Essaviagem era conhecida por toda a cidade. Na noite antecedente a ela, havia um verdadeiro alvoroço. Aos primeiros clarões da aurora, ouvia-se o estalar dos foguetes. Daqui, do outro lado da rua, eu sentia tudo por cada um deles. Dona Dora logo se prontificava a tingir os cabelos grisalhos de preto e ficava no pé de seu Joca para que ele fizesse logo a barba e aparasse o pouco cabelo que lhe restava. O bom e velho limão pra limpar as unhas também não faltava.

Todo mundo se apurava: uns corriam pra encontrar vaga em cabelereira, outros escovavam as madeixas em casa; uns arrumavam as malas com antecedência e outros em cima da hora, guardando roupas ainda úmidas. Você acha mesmo que daqui da rua eu não ouvia tudo isso? Era uma algazarra pra não deixar nada fora do lugar, pra não esquecer a comida do velho papagaio de mais de 20 anos que ficaria em casa durante o período da viagem e pra deixar alguém de olho nos animais que Dona Dora e seu Joca criavam na roça. Era lindo de se ver!

Eu, como boa e atenta vizinha, lembro-me de muita coisa, inclusive da empolgação das crianças ao escutar o barulho da chegada do ônibus na noite anterior. Elas ficavam ainda mais ansiosas. Sabe qual era a maior preocupação de Dona Dora? A comida! E não poderia ser diferente, já que o nome dela na cidade é historicamente associado ao trato culinário. Cozinheira de mãos cheias, é popularmente conhecida como dona de uma das melhores, senão a melhor, feijoada de Palmeiras: o nosso lugar. E não para por aí... Seu bom e velho mocotó, a faro-

fa de feijão verde refogado em banha de porco, o tradicional godó<sup>2</sup> de banana verde, o cortado de abóbora com pimenta de cheiro e tantas outras delícias eternizam o nome dela. Na viagem a Lapa, não seria diferente. A singular farofa de carne desfiada era separada em pequenas latas para que cada membro da família tivesse a sua. Rio só de lembrar que Dora me dizia que ao fim das contas, no ônibus, só restava a farinha.

É impossível falar do poder que Dona Dora tinha nas mãos ao cozinhar e não se lembrar de como ela se destacava na quermesse de Santo Antônio. Dos costumeiros licores de jenipapo, uva e cajá ao velho e gigantesco caldeirão de amendoim, nada faltava naquela barraca. As filhas de Dona Dora se encarregavam da ornamentação do espaço e os homens da casa ficavam com a parte pesada do serviço. Todos entravam no clima e, é claro, os netos davam prejuízo, pois todos se instalavam ao pé do balcão. Quentão e maçã do amor não faltavam, muito pelo contrário, o que eu mais percebia em cada familiar era amor.

Ali, em meio às disputadas cadeiras de balanço, aos chiados da televisão e à mesa repleta de casos e causos, desdobravam-se histórias diversas. Daqui, do outro lado da rua, eu tudo sentia. Sentia o pavor da meninada com cada grito de reclamação dos parentes; sentia a alegria dos natais felizes que aquela família vivia; sentia o medo de cada situação temerosa que, juntos, buscavam solucionar; sentia a fé diante de cada situação crítica que colocara sua confiança em Deus à prova; sentia a felicidade de Dona Dora e Seu Joca ao receber cada parente para tomar café: sejam em dias friorentos, chuvosos e cheios de trovão (nesses, nem pense que irá encontrar Dona Dora com bom humor, pois ela morre de medo de trovões) ou sejam em dias calorentos, especiais, nos quais Sr. Joca traz da roça o aipim para cozinhar no fim da tarde.

---

<sup>2</sup> Godó é uma comida típica da Chapada Diamantina, no interior da Bahia, que se assemelha a um purê de banana verde.

Agora, não mais do outro lado da rua, eu sinto, vejo, ouço e toco tudo de pertinho, pois não resisti ao convite de Dona Dora e do Sr. Joca, ao dizerem da porta de casa:

– Divera<sup>3</sup>, minha fia. Você vive sentada aí o dia todo, faça sol ou faça chuva... Por que não entra pra tomar um café?

Vocês devem estar se perguntando: como pode uma simples vizinha saber tanto do que se passa naquele lar?

A verdade, meus amigos, é que mesmo daqui do outro lado da rua e a alguns metros de distância, algo marcava aquela cozinha no mundo. Não era só mais uma casa em meio as tantas outras do velho bairro, mas um lugar que estava marcado no mundo de forma etérea, intangível. Certamente, os sentimentos de união e cuidado exalados naturalmente daquela família me provocavam essa sensação.

Com o correr do tempo, muita coisa mudou. A celeridade dos passos de seu Joca diminuiu e a presença de Dona Dora na cozinha foi afetada drasticamente. Passei a estranhar... Todo sábado, aos primeiros raios do sol, Dona Dora saía apressada para fazer a feira, mas percebi que há meses ela já não exercia essa função. Seu Joca, fizesse chuva ou fizesse sol, diariamente saía cedinho em destino à roça. Às vezes, ia mais de uma vez no mesmo dia, mas já não era assim que as coisas funcionavam. Notei, daqui do outro lado da rua, que lá no fundo do quintal a velha carroça vermelha que seu Joca usava para vender hortaliças estava enferrujada, aparentemente inutilizada há muito tempo. Preocupei-me, pois um laço havia sido criado entre eu e minha querida vizinha que insistia em achar que minhas perguntas eram somente por curiosidade. Não. Aquela já era, de algum modo, a minha família também. Então, não hesitei em aproveitar a chegada de uma das filhas para perguntar o que havia acontecido:

---

<sup>3</sup> “Divera” pode ser traduzida como uma expressão que indica surpresa. Algo equivalente seria “oh céus”.

– Minha fia, como vocês têm passado? Ando preocupada com o sumiço de seus pais. Há dias não vejo Dona Dora na cozinha, tampouco aqui na porta de casa sentada a prostrar comigo. Seu Joca saía cedo para os trabalhos do dia e sempre me trazia hortaliças fresquinhas, mas nunca mais o vi sair de casa. O que tem acontecido?

Prontamente, ciente do cuidado que eu sempre devotei àquela família, uma das suas filhas me respondeu:

– Oi, vizinha! Com certeza as coisas não estão mais como eram antes. Os passos ligeiros de minha mãe hoje não caminham com tanta pressa. A rapidez com que meu pai executava suas tarefas foi substituída por um atraso, inclusive na fala. Nós, que estávamos tão acostumados com as suas aparências fortes e sadias, estamos tratando de nos acostumar com essa nova rotina.

Cismada entre querer saber mais sobre o que estava acontecendo e o medo de parecer intrusiva, simplesmente me coloquei a ouvir aquela filha. Mais do que conversar e expor essas dificuldades, ela desabafava comigo. Foi ali que eu descobri que numa recente consulta seu Joca havia recebido um diagnóstico: Alzheimer. A articulação entre as ideias mudou, e, conseqüentemente, o reconhecimento de amigos distantes. De fato, o que tinha assustado a família foi a rapidez com que o processo se deu. Em poucos meses, ele já não recordava mais qual parentesco possuía com os membros daquele lar nem sequer o nome dos seus netos e filhos. Com essa situação, era inviável que ele continuasse desenvolvendo as mesmas funções de antes.

Dora, que já enfrentava uma série de questões de saúde, decaiu ainda mais vendo o seu marido em constante e irreprimível degradação. Vivia a dizer “bota a cabeça no lugar, Joca!”, mas coitado, mal sabia o que fazer. Apesar de não assimilar bem as ideias, sabia que cada um ao seu redor era alguém importante. Com tudo isso, Dona Dora passou a viver em constante angústia com a situação do velho Joca e

com o fato de não poder fazer nada para que tudo voltasse a ser como era. Vivia a lembrar fatos do passado, de como sua rotina agitada se somava à força braçal que seu Joca sempre teve.

Com todos esses acontecimentos, a saúde de Dona Dora ficou comprometida ainda mais. Passados alguns meses, a sua presença na cozinha foi drasticamente reduzida e o seu canto, que eu sempre ouvia daqui de fora, ficou mudo. O curso natural da vida nos levava ao encorajamento necessário para enfrentar qualquer adversidade que surgisse. Algo nos preparava para o que viria a seguir, ou você pensa que eu não sofria junto à família? Decorridas algumas lutas vencidas, a passagem de Dona Dora nos fez olhar para a vida com um pouco menos de pressa.

Os corações que choraram com a sua partida foram os mesmos que foram cuidados e afagados pelas suas mãos. Na minha vizinha, tudo cabia: ela era avó, tia, bisavó, sogra, amiga, esposa... Talvez agora a garrafa de café esteja vazia.... A feijoada tenha estragado e o bolinho de chuva tenha passado do ponto. Talvez ainda o velho lenço lilás esteja vagando e à procura dos seus cabelos brancos. Não mais ouço o som da água borbulhando na “chaculateira”. Não mais ouço o som de seus ligeiros passos. Os brilhantes caldeirões de buchada<sup>4</sup> estão vazios e os barulhos das panelas no fogão de lenha parecem cada vez mais distantes. Ah, e sabe o que me parece sem gosto? A boa e tradicional galinha caipira.

O clássico cobertor chanil<sup>5</sup> foi o que nos restou, já que o seu abraço físico nós não mais sentiremos. A sua cozinha e toda vizinhança precisou aprender a lidar com a ausência de Dona Dora. As reuniões familiares que sucederam o acontecimento, passaram a ser acompanhadas

---

<sup>4</sup> Prato típico da Chapada Diamantina preparado com vísceras bovinas.

<sup>5</sup> Dona Dora chamava de “chanil” o cobertor de tipo Chenille.

por doces lembranças. Dona Dora sempre foi uma mulher forte e, por isso, eu tenho certeza de que a sua missão foi cumprida com a excelência, a coragem, a força e a resistência das pessoas de sua família, pois todas são sinônimos de colo, de abrigo e de cuidado.

Mais do que nunca, vi, daqui do outro lado da rua, aquela família se refazer dia após dia. As lembranças dos natais vividos, das viagens realizadas, das lágrimas, de cada despedida, da clássica gargalhada e do seu canto sutil se tornaram o combustível para os dias que transcorriam. Eu vi cada um deles enxugar suas lágrimas e honrar, dia após dia, a memória de Dona Dora. Continuaram a se reunir aos fins de tarde e a preparar a quermesse para os festejos de Santo Antônio e, apesar de perceber algumas lágrimas enxugadas entre um preparo e outro, sempre brotava, em cada o rosto, o doce sorriso da lembrança.

Seu Joca, apesar das dificuldades acometidas e da inconstância da sua memória, tem até hoje lapsos de histórias vividas com sua esposa Dora e família. Dele, vem boa parte da força dos familiares que aprenderam a caminhar com os próprios passos e, pelos esforços dos seus dirigentes, transformaram-se em pessoas autônomas e independentes, afinal, essa era a maior preocupação e o maior desejo de Dona Dora.

Foi aí que vi que tudo fazia sentido! Os aspectos bons e ruins faziam daquela cozinha um lugar diferente de qualquer outro. Mais do que casa de avós, era um lar, um lugar em que tudo era possível: o café não faltava, as boas conversas nunca se esgotavam, as discussões vez ou outra eram acalmadas com bolinhos de chuva, os risos eram ouvidos em um só som e havia sempre lugar para mais um.

A sensação de dever cumprido que envolve a todos naquele lugar faz com que eu tenha a certeza de que onde quer que vague a memória de seu Joca e onde quer que Dona Dora esteja, certamente, estão muito orgulhosos da frondosa árvore que se ramificou a partir de suas acon-



chegantes mãos. Chegar naquela cozinha e não mais vê-la tão preenchida quanto antes, por mais difícil que seja pra essa pobre vizinha aqui, é ainda prazeroso, pois sei que há algo maior que paira em cada um daqueles corações: o amor.

Daqui, do outro lado da rua, tenho a certeza de que o legado deixado por Dona Dora e seu Joca perpetuará por todo o sempre, pois sei que há, em cada filho, em cada neto, em cada familiar, um pouco dessas duas sementes que ainda dão frutos. Se um dia faltar o pó, a água ou o açúcar, ainda assim ocorrerão calorosas reuniões nessa cozinha, pois, não é uma relação física comum que os une, mas um significado maior do termo “família”, sobretudo naquela envolvida num laço sublime que transcende as paredes do lar.



# Por trás da Guerra

MARIANE SOUZA DA ROCHA

Sentado em frente à TV vemos mil imagens, mil notícias, o mundo gira em nossa mente. Mais uma bomba explodiu, e agora o que fazer? Chorar, rezar, gritar, correr? É uma imensidão de verbos que não saem da minha mente.

Estou cansado. Desligo a TV. Entro em meu quarto. Sento na beira da cama. Abaixo a cabeça e esfrego os olhos. Meu cérebro não para. Meus ouvidos estão ensurdecidos. Meus olhos... Meus olhos criam milhões de imagens tristes. Não aguento mais e me deito. Pela janela vejo a cidade, não vejo mais as luzes, tudo tão escuro mais parece um breu.

“Rolo pela cama. Vejo crianças correndo mulheres gritando, homens matando, pais e mães desesperados. Abro meus olhos novamente e me vem um rosto à mente. É ela, ela chora, dá pra ver o terror em seus olhinhos, minha menina está toda suja, na inocência dos seus oito anos. Vejo o medo estampado em seu rosto”.

É inevitável, imagino-a sendo morta. Um louco invadindo uma comunidade civil com um fuzil na mão, atirando desenfreadamente em todos que vê pela frente, e ainda diz ser em nome de Deus.

Como pode? Deus não mata criancinhas, Deus não estupra mulheres indefesas enquanto seus maridos lutam para conseguir o sustento. Deus não traz medo, terror.

Salto da cama, pego minha mochila, abro a gaveta e apanho meu passaporte, não aguento mais ficar aqui com os olhos enterrados em lágrimas imaginando minha filhinha morrer. Vou atrás dela! Saio pela porta, com pouca grana no bolso rumo ao aeroporto.

A guerra é o meu destino.

Tomo um táxi. Ao chegar ao aeroporto descubro que avião algum está circulando pelos ares. Meu coração parece ter sido apunhalado. As paredes diminuem, todas parecem vir em minha direção, consigo identificar as ranhuras na sua pintura de tão perto que se aproximam. Por alguns segundo não consigo respirar. Jogo-me ao chão, puxo meus cabelos desesperadamente, até ser expulso do aeroporto por alguns policiais.

Passo a noite ali mesmo na calçada, meu corpo está imóvel, o frio congela meus ouvidos. Sinto-me quase morto, mas meus olhos ainda insistem em rever as mesmas imagens.

Vejo-me correndo com uma boneca na mão, do outro lado uma doce garotinha de cabelos pretos ao vento vem em minha direção, ela parece tão feliz, ouço-a me chamar. Sinto uma mão entrelaçar-se a minha, um perfume doce me toma, olho para trás e vejo minha esposa sorrindo, seus cabelos crespos balançam com o vento, elas correm felizes, não consigo evitar a sensação de completude, sinto que não preciso de mais nada. Viveria esse instante eternamente.

Quase posso senti-la em meus braços. Acordo com os olhos em lágrimas. Percebo que passei a noite toda naquela calçada fria.

Sinto-me tão sozinho, bate um vazio tão grande dentro de mim, à dor é tão imensa que sinto o gosto de meu próprio sangue em minha boca. Depois de alguns minutos de atordoamento, resolvo levantar-me. Procuro um lugar para tomar um café. Não sei como vou fazer para retornar a meu país.

Decido então ir às vielas, aos becos, aos contrabandistas, aos atra-

vessadores, com alguns dias percorrendo os lugares mais perigosos da cidade, as piores sarjetas, depois de algumas pancadas e uns subornos pagos, finalmente consigo um endereço: Rua Limot n° 168. Não vai ser fácil, uma rua afastada da cidade, território de diversos tipos de criminosos.

Novamente volto para meu quarto, sento-me numa cadeira segurando o endereço nas mãos. Sei que não vai ser fácil, mais é o único jeito de salvar minha menina. Olho em volta e sinto um arrependimento terrível, porque as deixei? Hoje vivo em um quarto de pensão barata, um quarto minúsculo, em que guardo as poucas coisas que tenho uma cama, TV, fogão e geladeira, minhas roupas dobradas sobre um velho banquinho só exprimem o tamanho do meu vazio, essas paredes verde desbotadas parecem refletir o meu erro.

Ligo a TV e vejo uma notícia que temia há dias. Revoltosos invadiram a comunidade onde nasci, onde me criei a mesma onde minha família vive. Eles estão alojados por lá, tropas do governo calculam estratégias para invadir. Doze mortos, entre eles três idosos e seis crianças.

De novo meu cérebro parece queimar, será que minha menina está morta? Não, não posso acreditar, preciso vê-la, salva-la. São quase onze da noite e saio em busca da Rua Limot. Meu corpo treme de frio, meus olhos estão secos e só vejo corpos na minha mente.

Meu carro se aproxima do bairro e vejo que não será fácil entrar, homens me param.

– O que quer? Diz um barbudo.

– Estou procurando Stewart, rua Limot, n° 168.

\*\*\*

Mal minha boca pronuncia essas palavras e sinto um objeto metálico pressionar minha costela, sinto a ponta do aço unir-se a minha pele.

– O que quer com Stewart?

– Quero apenas uma passagem– respondo.

Vejo dois homens ao fundo conversarem, me olhando como se eu fosse uma presa prestes a ser abatida. Um deles que me pareceu ter um olho furado, comunica-se com alguém pelo rádio.

Ele pondera, balança a cabeça ao homem com o punhal no meu corpo, sinto a pressão da lâmina me abandonar. Eles me liberam suspiro aliviado, na minha cabeça tudo está resolvido, dou um sorriso nervoso, vou em direção ao meu carro. De repente sinto um golpe na minha nuca, caio sob o chão, um chute, mais um, e outro, sou atacado pelo homem do punhal, ele se afasta e me manda ir embora, tento me levantar ainda cambaleando, meu rosto está quente, minha boca ensanguentada.

Aproximo-me do meu carro e sigo em frente, algumas ruas depois chego a Limot. Casas de aparência desagradável, pessoas estranhas observam em todos os cantos, quando chego ao n° 168 sinto meu coração acelerar, estaciono à frente.

Abro a porta do carro, assim que desço dois homens se aproximam e põem um saco preto na minha cabeça, me arrastam para outro veículo, não consigo enxergar nada, não sei onde estão me levando e para piorar eles nada dizem, pelo movimento do veículo percebo que estamos dando algumas voltas. Como fui ingênuo em acreditar que seria assim tão fácil encontrar o endereço, Limot 168 é falso! Desespero-me ao pensar que posso morrer que fui enganado. Para minha “sorte” depois de cerca de aproximadamente trinta minutos, enfim paramos.

Ainda com o saco na cabeça sou arrastado para dentro de algum local. Esbarro em uma parede, estamos andando por um corredor muito apertado, no final do corredor descemos uma escadaria, acho que Stewart se esconde em algum buraco.

Entramos em uma sala, retiram o saco da minha cabeça. Vejo homens armados com fuzis, uns tipos como o do punhal. A sala em

que estou não possui janelas, imagino que seja uma espécie de porão. Stewart deve ser um criminoso terrível, procurado e ameaçado por muitos para ter de viver assim tão escondido.

Um tapete velho jogado em um canto, uma mesinha na lateral com algumas armas em cima, uma iluminação amarelada, uma poltrona esverdeada e um gato tipo siamês compõem o que sobra do ambiente.

Já estou na sala há uns 15 minutos e ninguém aparece, resolvo me sentar na poltrona e ouço a porta se abrir, levanto-me assustado e vejo uma mulher entrar, ela me olha e se senta na poltrona. O gato se aproxima, enrosca-se em suas pernas e ronrona.

Após alguns segundos me observando ela diz: “Bem-vindo” – diz com um sorriso no rosto, ela olha para meus ferimentos e ignora – “Vejo que foi bem recebido, vamos aos negócios”.

Stewart é uma mulher de aparência bem comum, cabelo castanho, preso em um rabo de cavalo, usa uma roupa simples, jeans e camiseta, parece ser uma mulher do tipo imponente, que faz o que quer, veste-se como quer e pouco se importa com os demais, não deixa transparecer ser uma criminosa, a não ser pelo seu olhar frio.

– Por que me procura? – disse ela.

– Preciso sair desse país.

– Hum, interessante, aqui não me parece um aeroporto – diz em tom de sarcasmo.

– Preciso salvar minha família da guerra.

– Isso não será barato, pelo que sei você só tem um carro medíocre, não poderá pagar!

– Tenho uma quantia no banco – falei quase implorando, ela sorria parecendo estar desfrutando do meu desespero.

– Traga-me essa quantia mais o dinheiro da venda do carro! Um país em guerra custa caro.

Antes de conseguir responder, de novo colocam o saco preto em

minha cabeça. Mais algumas horas andando de carro, de repente percebo o veículo parar. A porta se abre e um sujeito me empurra para fora do carro, caio na calçada dura, tiro o saco da cabeça e vejo que estou na frente da pensão onde moro.

Entro no meu quarto tentando entender como eles descobriram meu endereço, já são cinco da manhã, deito em minha cama e descanso por algumas horas. Acordo assustado e já são onze da manhã, vejo que dormi demais, tomo um banho e vou em direção ao centro. Preciso vender meu carro, ando por várias horas, converso com várias pessoas, mas nenhuma se interessa.

Chego a minha casa já no fim do dia e o desespero me bate, tento ligar para alguns parentes que vivem em meu país. Ninguém sabe de nada, nenhum deles viu minha família, acabo sabendo que amigos meus estão mortos, pessoas com quem vivi minha infância.

Em minha cabeça vêm uma vontade de ligar para uma pessoa que não falo há anos. Um primo que mora perto da comunidade. Através dele fico sabendo de coisas terríveis, sua mãe, uma senhora de 75 anos foi estuprada e morta violentamente. Emociono-me muito, ele ao ouvir meus soluços permanece calado.

– E minha esposa, minha filha? Você por acaso não as viu? Sabe algo delas? – crio coragem e pergunto.

– Primo... Isso é difícil, sair às ruas está cada dia mais raro – Ele desabafa – São corpos mutilados por toda parte, tiros e mais tiros a cada minuto, em nada se parece com aquele bairro que a gente cresceu. As ruas antes enfeitadas, as senhoras cantando em seus quintais e nós correndo e brincando o tempo todo. Hoje meus filhos estão escondidos, se saírem às ruas, sei que serão mortos. Minha mãe morreu de maneira cruel, meus amigos foram mortos por motivos banais, pessoas indefesas que não fizeram nada para sofrerem tanto – Sinto sua voz cada vez mais trêmula – Eu procurei por sua família e não tenho coisas



boas a te dizer, pensei em te ligar, mas meus ouvidos não queriam ouvir sua voz e minha boca não queria pronunciar essas palavras...

– O que? O que quer dizer? – pergunto com o coração batendo violentamente.

– Fui à casa de sua esposa e não a encontrei, na verdade não encontrei sua filha... Estava tudo destruído, tudo jogado, corri com o coração na boca, na cozinha vi sua mulher ainda com vida, estava com as roupas rasgadas, lhe escorria sangue pela boca, suas vestes também estavam ensanguentadas, os dentes quebrados, os moveis da casa todos jogados, pratos, copos quebrados. Ela agonizava, tossia sangue, fui depressa ao seu socorro, mas era tarde demais, não tinha forças para continuar vivendo, pediu-me apenas para encontrar sua filha e morreu ali mesmo em meus braços.

Meu cérebro não conseguia processar o que estava ouvindo, meu coração parecia que explodiria a qualquer momento. Meus ouvidos não queriam mais ouvir, meus olhos de tanto chorar secaram. Cai ao chão gritando com toda voz que tinha em mim, o ar dos meus pulmões se foram, minha garganta fechou-se, só o silêncio vazio ecoava na minha boca, meus dentes rangendo tentando evitar que eu fizesse a pergunta, meus ouvidos fecharam-se, sentia-me em outro mundo. Ouço bater na minha porta, meus vizinhos provavelmente me ouviram gritar, o barulho parece puxar-me do transe, tento me acalmar e respondendo dizendo que estou bem, retorno a ligação.

– O que aconteceu com ela? – enfim, perguntei.

– Depois disso chamei por socorro, ninguém soube informar ao certo, mas o que diziam era que alguns bandidos invadiram a comunidade atirando, entrando nas casas e matando a todos. Sua mulher foi uma guerreira, ela entrou no meio daqueles loucos para defender a filha, ela foi estuprada, espancada, morreu em meus braços... Mas consegui salvar a menina, que deve estar viva em algum lugar.

\*\*\*

Desliguei o telefone e me arrastei para a cama. Estava aterrorizado. Minha esposa estuprada e morta por um louco, minha filha de oito anos perdida em meio a corpos e bombas. Caio no sono sem perceber, em meus sonhos viajo por um mundo que vivi um dia.

“... Vejo-me correndo com meus primos pelas ruas da cidade, sorrisos e gargalhadas nos acompanham. Jogo bolinha de gude chego a ouvi-las se chocando. Sinto a brisa doce bater em meu corpo, depois me vejo no dia do meu casamento, uma celebração ao ar livre, sou tão jovem e já estou construindo minha família.

Minha mãe está tão alegre, dá para ver o orgulho em seus olhos, volto-me ao altar e vejo minha esposa, tão linda, sua pele morena brilha como os últimos raios do sol no fim da tarde. Vem o beijo, seus lábios são mais doces que o mel mais puro.

Vejo nossa casa, tão singela, temos poucos móveis, mas a nossa alegria preenchem o espaço que sobra na casa. Vejo-a grávida e contemplo aquela que me dará o maior amor de minha vida... Nossa menina nasce, pego aquele ser tão indefeso em meus braços e sinto-me o homem mais sortudo do mundo, sua pele rosada, tão pequena e frágil, o amor toma conta do meu ser. Retorno em seu primeiro ano de vida, dando os primeiros passos... Mais tarde as primeiras palavras.

Lembro-me de seus abraços, vêm à imagem do dia que a deixei, era tão pequena, seus cabelos pretos ao vento, seu vestido amarelo e seus olhinhos chorando, posso sentir as suas lágrimas caírem em meus ombros...”

Acordo meio atordoado e com uma ideia fixa na cabeça. Ainda posso salvá-la, três anos sem ver minha menina, não posso mais ficar longe dela.

Assim que os primeiros raios de sol aparecem me preparo para minha jornada. Vou até o banco e saco o que sobrou das minhas eco-

nomias, um dinheiro que pretendia enviar para minha esposa, não é nenhuma fortuna mais vai servir. Tiro do bolso uma foto antiga de minha garotinha, olho-a e me encho de uma coragem que nunca havia sentido antes. Agora mais do que nunca tenho que agir como um pai.

Vou determinado vender o carro, ando por horas e horas, bato porta a porta, tento de tudo, mas nada dá certo, me bate uma frustração, cada dia que passa minha menina sofre mais. Depois de três dias de muita insistência e de ouvir tantos não's, finalmente consigo vender o carro.

Já é tarde da noite, e chove, mas mesmo assim vou novamente a Rua Limot, chego lá e de novo sou recepcionado com o saco preto na cabeça. Stewart está lá imponente como sempre, tiro o dinheiro da mochila e lhe mostro as notas, ela esboça um sorriso sádico, um de seus homens recolhe, e ela as conta uma por uma, longos minutos em silêncio. O suor escorre em minha testa. Seu semblante está rígido, enfim ela fala:

– Bom tudo certo, a quantia que combinamos está correta, que dia quer ir?

Respondo com um sorriso no rosto e o coração disparado:

– O quanto antes!

– Calma, calma – ela diz vendo o meu desespero – Em dois dias temos condições de lhe atravessar, prepare suas coisas e esteja aqui às 03:00 da manhã, não leve nada que não possa carregar nas costas e nem atrasar a todos, retire-se!

Novamente o saco preto, horas andando de carro e meu corpo sendo jogado no chão. Levanto, entro e vou em direção ao meu quarto, me deito e durmo quase instantaneamente.

\*\*\*

Já são sete da noite, tudo o que levarei já está dentro da mochila, separo o que me sobrou do dinheiro e coloco dentro do sapato que estou usando, afinal não posso confiar em criminosos. Faço uma breve refeição e coloco umas garrafas com água na mochila.

Nove da noite. Tomo um banho, olho-me no espelho e vejo o medo em meus olhos, estou suando frio, a ansiedade está me consumindo, deito um pouco para descansar e acabo cochilando, a minha mente cria um pesadelo horrível: “vejo as cenas como se fosse um filme, minha esposa na cozinha, está com o cabelo preso, cortando legumes, no fogão duas panelas no fogo, escuto o barulho da pressão chiar. No quarto minha menina está brincando, alguns livros no chão, está com os cabelos soltos, rodando pelo quarto, abraçada com sua boneca. Dá pra ouvir uma música ao fundo, ela chama minha atenção, sigo o barulho do som tentando entender a letra. Tenho certeza que já ouvi essa música, sigo para a cozinha e vejo que está tocando no rádio, aproximo-me para tentar ouvir melhor, mas o barulho da porta se abrindo me assusta. Dois homens armados invadem nossa casa, minha mulher começa a gritar expulsando eles, de nada adianta, um deles lhe bate no rosto, minha menina sai do quarto assustada, chora e grita vendo a mãe sendo espancada. Um dos homens vai em sua direção, puxa-lhe pelo braço e a joga no sofá, minha esposa grita, minha filha chora, o homem olha para minha menina com malícia, toca lhe o vestido, o cabelo e minha esposa grita, acaricia suas perninhas, minha esposa grita. O medo está nos olhos de minha menina, o homem coloca a arma sob a mesa, desabotoa o cinto, abre o zíper e se aproxima de minha filha, que chora, se debate, o homem tenta levantar-lhe o vestido, ela resiste, o homem criminoso lhe bate no rosto, minha esposa grita, se debate e consegue se soltar, avança sobre o criminoso e empurra-lhe, ela grita para que nossa filha corra, minha menina sai correndo pela

porta. Antes que minha mulher consiga fugir o bandido lhe alcança, agora são dois a agredindo, arrastam-na para o quarto de nossa filha, a jogam sobre a cama onde está a boneca que minha filha a pouco brincava, a música ainda toca ao fundo, as panelas ainda estão no fogão, os legumes esperando para terminar de serem cortados. Um dos bandidos lhe rasga a blusa, a chama de “vadia”, o outro segura seus braços e sorri, sorri tanto que espumas se formam em sua boca, em seus olhos criminosos posso ver as inúmeras vezes que ele já fez isso, o outro que tentou estuprar minha menina abre o zíper da calça e põe seu membro para fora, minha esposa está chorando e eu vejo tudo, vejo ela chutar-lhe o rosto, mas ele não desiste, abre as suas pernas com mais força e empurra-lhe o membro, entrando em sua carne com violência, vejo o movimento do seu quadril, vejo o outro sorrindo, as lágrimas que escorrem nos olhos de minha esposa misturam-se ao sangue que escorre de sua boca, vejo o criminoso força-la sem piedade, arranhar -lhe as coxas, puxar-lhe os cabelos e espumar sua tara pela boca, o quadril não para, seus movimentos aceleram, a violência em que ela a penetra é descomunal, vejo sangue sair do órgão de minha esposa, o mesmo sangue que se mistura com o gozo criminoso, e ao fundo a música já está o final, agora consigo entende-la, é o som, o som do desespero, o som do abandono, o som da morte”.

Vou caminhando, até a Rua Limot deve ser mais ou menos uma hora de caminhada, vai ser bom para eu conseguir me acalmar e organizar minhas ideias. O sonho infelizmente me acompanha. Sigo andando lentamente. Durante meu percurso vejo uma família saindo de um restaurante, pai, mãe e uma filha, por alguns instantes sinto inveja, olho para eles, finjo ser a minha família.

Sinto um aperto no peito, mas não posso me deixar abater, ainda tenho esperanças, vou abraçar minha filha novamente.



# Vanja e as vivandeiras

JOÃO NEWTON VARGAS ALVIM

Em outubro de 1924, Manoel Bragantino sorri diante do sol da manhã. O inverno fora difícil e olhar aquela paisagem sem nuvens lhe dá algum ânimo. A terra vermelha parece nova diante de um grande silêncio que paira sobre os campos abertos do pampa. Seus olhos atentos estão acostumados com aquele cenário, que não deixa de inspirar medo. Ele avista uma nesga de poeira surgir no horizonte.

Franzindo as sobrancelhas, vê pontos escuros na paisagem e entra na cabana. Logo sai, para olhar de novo a estrada poeirenta, desta vez com o velho rifle na mão direita. Três cavaleiros sofrenam as montarias em frente a Manoel. Um deles, com uma cicatriz atravessada no olho direito, diz:

– Buenas, tchê! Só queremos água e algo pra comer. Viemos atrás da revolução.

Manoel coça a barba. Sabe da confusão que ocorre em São Luiz Gonzaga. É lá que as tropas do tal capitão Luiz Carlos Prestes, saindo de Santo Ângelo, se organizam para uma marcha pelo Brasil. Disseram ser uma revolta contra as injustiças e a opressão do governo brasileiro. Acha uma loucura, não quer nada com aquilo. Mas aqueles tipos à sua frente não lhe agradam. Por fim, decide-se:

– Vanja, pode abrir!

Uma mulher ainda jovem, cara indiática, surge na porta. Sem tirar o olho do trio, Manoel pede que ela traga comida e água.

Os três se entreolham. Manoel os observa aparearem das cansadas montarias e não vê alguma arma. A mulher ressurgue com uma moringa de água e um prato com nacos de carne assada e um pão. Entrega o prato para um, de olhar mortiço, e estende a moringa para o segundo, um gordo de longos bigodes. Ao voltar-se, um braço agarra seu pescoço e a faca do homem de olhar mortiço pressiona-lhe a garganta.

– Larga isso! – manda o da cicatriz.

Manoel solta a espingarda no chão, olhando a expressão de pavor da mulher.

O de olhar mortiço pega a carabina e pergunta se há mais armas. Manoel faz que não com a cabeça e o homem entra na cabana. Logo sai, dizendo:

– Só duas facas e alguns cartuchos desta carabina. Lá atrás tem um cavalo.

O cara de olhar mortiço vai levando a mulher para dentro, quando Manoel avança sobre ele. A ação é interrompida por uma faca entrando na sua barriga. É o homem da cicatriz, que aperta fundo a lâmina. Após, agacha-se e limpa a faca na camisa do morto, se levanta e diz:

– Vamos com isso! Depois é nossa vez.

O de olhar mortiço agarra a mulher e dá-lhe puxões. Ela resiste e leva uma bofetada que a tonteia. Adentra na cabana aos tropeções. Jogada no catre, leva um murro no peito, que quase a deixa sem ar. Os gritos vão diminuindo e as pernas resistem menos. O homem tira a guaiaca e abaixa as bombachas.

De repente, o agressor é arrancado de cima dela e jogado contra a parede. Um homem alto e vestido de preto joga as roupas para a mulher, dizendo:

– Te veste e sai daqui!



Num salto, o de olhar mortiço alcança o rifle, mas uma bala o acerta no peito e joga-o para trás, com as bombachas arriadas, o espanto desenhado na cara feia.

Recolocando o revólver no coldre, o homem murmura:

– Esse não incomoda mais. O que está lá fora também não. Um terceiro fugiu.

Vanja corre para fora e vê o corpo de Manoel, ao lado do gordo, que exhibe uma faca na garganta empapada de sangue. O estranho puxa a lâmina, limpa-a nas roupas do gordo e guarda-a na bota. Entre soluços, a mulher consegue dizer:

– Quem matou o Manoel foi esse que fugiu!

– Um covarde, como os outros. Pena eu não ter chegado antes

– Obrigada, moço. Quem és tu?

– Um amigo do Prestes. Estou me juntando ao seu exército. Adeus, moça.

O homem monta no cavalo e se afasta. A mulher fica vendo-o sumir na primeira dobra da estrada. O seu olhar torna-se mais duro, enquanto aperta com força o cabo do velho fuzil.

A vida é um combate que nunca termina, pensa Vanja, ao chegar em São Luiz

Gonzaga, montada no baio, com a carabina e duas facas na cintura. Puxa os cavalos dos mortos pelo estranho sem nome. Foi o que restou, além de algum dinheiro na algibeira. Sepultara o marido e deixara dois cadáveres como repasto para os urubus.

O chapéu do marido lhe assenta bem e os cabelos presos dão-lhe uma aparência indefinida em meio à balbúrdia naquela cidade das Missões do Rio Grande do Sul. Muitos homens de aparência estranha, barbudos e sujos andam pelas ruas de terra. As portas e janelas das lojas e casas estão fechadas. Sente um olhar mais demorado sobre seu rosto, o corpo ereto sob o camisão e as bombachas. Alguns bebem

diante de vendas improvisadas. Ela continua a cruzar a rua, quando uma mão segura as rédeas da sua montaria.

– Ó, mulher, desce pra beber com a gente!

No instante seguinte, ele vê-se diante do cano da carabina.

– Cai fora ou te mato!

O homem se afasta, assustado. Vanja troteia o baio pela rua apinhada de gente e animais, entre vozes, gritos. Manoel lhe falara disso, depois que estivera ali e lhe trouxera a corrente com uma santinha, que usa no pescoço. Que santa era aquela, não sabia. Era uma santa e isso lhe bastava, como proteção. Uma quinquilharia, mas para ela um pequeno tesouro. Era seu único luxo naquela terra sacudida por revoluções.

Após o movimento de homens indo e vindo, vê um descampado, com mulheres se movimentando na sombra de um cinamomo. Aliviada, dirige o baio e os dois cavalos em direção ao grupo. A maioria descansa sobre pelegos e duas dividem um mate e outra cuida do fogo, sobre o qual ferve algo num panelão. Para o baio em frente às mulheres.

– Bom dia! Posso me chegar?

– Isso! Vai apeando! – responde uma delas.

– Sou a Vanja. Posso saber o que fazem aqui?

– Vamos atrás deles.

– Eles quem? – estranha Vanja.

A mulher aponta para a rua cheia de homens e animais, acrescentando:

– Saímos amanhã cedo. Achamos que veio pra isso.

Vanja coça o queixo, enquanto olha para os lados de onde veio. Volta-se para a mulher:

– Como é teu nome? Por que vão com eles?

– Sou a Jurema. Eles estão fazendo uma revolução pra derrubar o governo. Nossos homens estão ali, como o meu marido. É uma lou-

cura, eu sei, mas todas nós temos um motivo, com a fome, a pobreza.

Vanja observa aquelas mulheres de idades indefinidas. Ali há brancas, mulatas, negras e índias. Instantes depois, todas voltam ao que faziam. Pergunta:

– Tem cavalos pra todas?

Jurema ri. É um riso cansado, assim como cansada é sua resposta:

– Só temos três e um jumento, pra carregar as coisas. Vamos a pé, claro!

Vanja nada diz, mesmo querendo perguntar quantos quilômetros vão percorrer e por quanto tempo. Certamente, nem elas sabem. Seguirão aqueles homens como mulheres marcadas pelo destino ingrato, acossadas pela desesperança.

Podem ficar com esses cavalos – diz Vanja.

Jurema sorri, pega os cavalos, dizendo:

– Mais dois para carga.

Do embornal, Vanja tira rapadura, manta de charque e pão e oferece para Jurema, que divide com outras. Comem em silêncio.

O dia 29 de novembro é data esperada pelo povo de São Luiz Gonzaga, em sobressaltos desde que os homens de Prestes se instalaram na cidade. É o dia em que aqueles homens seguirão seu caminho, entre o sonho e a loucura, a guerra e a morte. Um dia que parece atender à prece feita por mulheres rezadeiras da cidade, para erguer uma gruta à Nossa Senhora de Lourdes, no ponto mais alto da cidade. A promessa inclui proteger a cidade de violência e de confronto entre os revoltosos e os federais. Vanja observa aquele amanhecer agitado, enquanto encilha o baio. O da cicatriz deve estar por aí, pensa.

– Vem com a gente? – pergunta Jurema.

– Vamos indo – diz, pegando o mate estendido.

– Agora é esperar eles saírem. Temos de ficar numa boa distância – diz Jurema.

Vanja olha as mulheres se preparando para a jornada, arrumando trouxas, colocando utensílios nos poucos cavalos, e exclama que “isso é coisa de loucos”.

Quando os homens se movem, aquele plano parece ganhar organização. Da confusão se forma uma linha reta, com homens montados à frente, seguidos por centenas de caminhantes, alguns puxando jumentos com carros-pipa, cargas, além de muitos bois. É uma coluna que parece se erguer do nada. Quantos homens naquela empreitada? Uns mil, como dizem as mulheres? Ou bem mais, como espalham pela cidade?

Entre apreensivas e inquietas, as mulheres se colocam em marcha, os longos vestidos esvoaçando. A maioria com alpargatas, algumas com botas surradas ou sapatos estranhos, além de chinelos. Há muita terra pela frente e elas sabem que fazem a aventura de suas vidas.

As mulheres seguem aquela linha de homens e animais em marcha acelerada, não querendo ficar para trás. Vanja conta 12 mulheres saindo da cidade. Mais adiante, outras se juntam ao grupo. Todas estão a pé, com embrulhos, malas de garupa, coisas de serventia na marcha que pode custar a vida.

Após algum tempo de marcha, elas não avistam mais os homens. Receosas, aceleram o passo, com muitas correndo na frente e uma seguindo em disparada, no galope da montaria. É Elisa e sua função é dar direção às companheiras.

Vanja galopa atrás do lenço vermelho de Elisa. Assim, o grupo não se perde naquela ocasião em que os homens de Prestes começam a adotar a chamada “guerra de movimento”. Com o que parece uma corrida desordenada, os rebeldes rompem o cerco de São Luiz Gonzaga e tomam a direção do norte.

Algum tempo depois, vendo-se mais seguros, os homens inter-

rompem a marcha para acampar. As mulheres mal podem esperar por aquilo e sentam, deitam, entre risos nervosos. Elisa se limpa com o lenço vermelho. Vanja acaricia a medalha. O nervosismo diminui entre aquelas caminhantes de infortúnio. À noite surgem cuias, com o mate passando de mão em mão, ao som de grilos e outras sinfonias noturnas. Uma mulata canta baixinho. Todas a chamam de “Ai Jesus”, por exclamar por qualquer coisa a frase que lhe deu o apelido.

É alívio para as mulheres quando as tropas de Prestes alcançam um trecho do rio Uruguai. Cobertas de terra e lama, o que elas mais querem é um banho. Assim, ao alcançarem as águas, tratam de se livrar das roupas, lavando-se apressadamente, como fizeram os homens, momentos antes. A nudez coletiva faz um belo espetáculo naquelas águas. Passam bons momentos ali, com um sabão andando de mão em mão.

Retomam a trilha, com Elisa e Vanja sempre à frente, com seus cavalos, monitorando os revoltosos, até o momento em que acampam mais uma vez. As mulheres observam as fogueiras bruxuleando ao longe. Elas também fazem um fogo e ficam em volta. De repente, surgem dois vultos e Vanja pega a carabina.

– Somos nós! – grita um dos homens.

Os dois se aproximam mais e, à luz da fogueira, são abraçados por suas mulheres. Logo, somem numa volta de mato. Vanja se acomoda no pelego, pensando em Manoel, nos momentos de amor no catre que ele construía. Às vezes se deitavam no meio do campo aberto e os quero-queros faziam rasantes sobre eles, que achavam graça e riam.

– Ei, mulher, acorda! – diz Elisa, sacudindo-a. Vanja olha para ela, se recompõe e desabafa:

– Vocês sabem que estou atrás do cara que matou o meu Manoel. Sei que ele está com o grupo lá na frente. Algum dia pego ele, se essa revolução não o matar antes.

Elisa nada diz. Vanja quer saber o que ela faz ali. Elisa conta:

– Sou mulher da vida. Vendia o corpo por dinheiro. Nada tenho a não ser esse cavalo, que ganhei de um estancieiro. Estou me arriscando, como se a vida fosse só isso.

Elas se abraçam, sob a luz das chamas bruxuleantes. Até que ouvem um “ai, Jesus” e riem. A mulata reencontrara seu homem e desaparece com ele pelas matarias.

Os risos ecoam agora fraquinhos, como a dizer que a pouca alegria que há ali está indo embora para aquelas mulheres calejadas na vida ordinária. Elas procuram dormir em torno da fogueira, que vai se apagando, deixando-as entregues aos seus fantasmas.

No caminho, outras mulheres adentram no grupo, que agora são em torno de 50. Uma delas, a gorda “Chininha”, impressiona pelo fôlego. Corre quando tem de correr, carregando um pequeno machado. Albertina, a mais linda de todas, tem boa pontaria com a pistola. E “Tia Maria” é fazedora de feitiços e mandigas. E outras mais, sem nome ou apelido, no anonimato que as esconde do mundo.

O grupo mantém o jornal do movimento, impresso nas cidades por onde passam que têm gráfica e distribuído pelo caminho. Alguns exemplares são largados pelos homens da Coluna e as mulheres os pegam. Mulheres participam de combates, como Alzira, chamada de “Generala”. Hermínia, enfermeira austríaca, que recolhe os feridos. E Santa Rosa, que teve um filho na travessia e continuou a combater, com a criança às costas. Algumas somem nos embates, outras voltam feridas ou mortas.

As caminhadas se arrastam e algumas mulheres adoecem e são levadas em improvisadas padiolas e nas poucas montarias. Vanja e Elisa cedem as suas e prosseguem a pé. A febre e o impaludismo, além de balas, vão derrubando os homens, além de mulheres. A Coluna sobe para Santa Catarina, atravessa matas fechadas, com todos passando

fome e frio. Cruza o Paraná, Goiás, Mato Grosso e segue em direção ao Nordeste.

A Coluna continua a jornada e algumas mulheres vão diminuindo a distância dos homens. Algumas até marcham com eles, ao lado. A maioria continua na retaguarda, onde são colocados os feridos e os mortos. Elas viram enfermeiras e cozeiras. Umas costuram ferimentos horrendos, sobre os quais colocam as ervas de Tia Maria e rezam. Outras fazem buracos onde possam caber corpos e por eles rezam.

– Somos as vivandeiras – diz Jurema, lendo, mais uma edição do jornal do movimento.

– Como que é? – indaga Vanja.

– É como chamam a gente aqui no jornal: as vivandeiras. Quer dizer mulheres que carregam coisas na guerra, que vão atrás dos soldados.

– Até que é um nome bonito – observa Vanja.

– Tem um trecho da Canção da Vivandeira, que diz: “Quem a vida quiser verdadeira/ É fazer-se uma vez vivandeira/ Só na guerra se matam saudades/ Só na guerra se sente o viver/ Só na guerra se acabam as vaidades/ Só na guerra não custa morrer”.

– Me emocionei! – diz Vanja, olhando em volta e notando que várias mulheres também estavam atentas aos versos que faziam sua vida ter alguma importância.

Os meses passam velozmente e a Coluna atravessa mais cidades. O calor e o frio açoitam homens na frente e as mulheres agora nem tão distantes. Na iminência de novo embate, elas se locomovem para um lado, se entrincheirando nos matos, com alguns feridos. A travessia coloca à prova as esposas, amantes, putas, loucas, escravas, miseráveis e necessitadas, que aprendem a se defender. Arrebanhando despojos a cada combate, se armam como podem e se alimentam com o que surge pelo caminho.

Os homens requisitam cavalos e mantimentos pelo caminho. Os moradores ficam com medo e entregam tudo aos homens de olhares alucinados, maltrapilhos e magros. Entregam tudo, menos as mulheres, que são tomadas entre bofetões, tapas, socos.

A brasa do sol da Bahia alcança os integrantes da Coluna em estado lastimável. Agora são bem menos, mal alimentados, vestindo andrajos, caminhando com dificuldade. Vanja nota que as mulheres também estão sumindo, até Jurema. Muitas vão guerrear na frente e não retornam. Inclusive Elisa, que prometeu ajuda na procura do assassino da cicatriz. Inúmeras vezes, Vanja já andou entre os revoltosos, procurando esse homem.

Dizem que a Coluna vai entrar na Bolívia, mas ocorrem muitas deserções. Dias sob o forte sol da Bahia se sucedem, deixando o movimento mingando. Nas noites há algum descanso, entre sobressaltos de inimigos ocultos, que armam o cerco, como os jagunços do coronel Horácio e cangaceiros de Lampião, além das forças governistas.

Numa noite, dormindo entre três mulheres, Vanja é desperta por dois homens que se acercam da fogueira. À frente, alquebrado e ferido, o homem alto que a salvou do estupro, com o assassino da cicatriz pressionando seu pescoço com uma faca.

– Joga o rifle pra cá ou furo ele!

Vanja obedece, enquanto as outras mulheres fogem. O homem pega a espingarda, guarda a faca e diz:

– Então me procura? Nós três de novo, hein? Agora vou terminar o servicinho!

Quando pega a espingarda, ouve uma voz metálica ao lado que o imobiliza.

– Levanta isso e te enchemos de bala!

O homem da cicatriz mantém o cano do rifle no chão, enquanto olha de onde veio a ameaça. São três cangaceiros, sendo um de óculos,



que apontam revólveres para ele, que parece vacilar. Após instantes enervantes, o homem solta um urro medonho, olha para a assustada Vanja e levanta o rifle. Uma bala o acerta na cabeça e outras duas no peito. Ele tomba ao lado da fogueira. O de óculos olha para Vanja e diz:

– Fica bem. Não matamos mulher. Quem é o outro cabra?

– Meu homem, senhor. Ele tá ferido.

O trio, vestido com roupas de couro, some na escuridão. Vanja corre para o homem de preto, agora mais magro e de barba grisalha.

– Vou te ajudar! – diz, lamentando ver um feio ferimento de bala na barriga.

– Esquece isso e presta atenção... Tira um caderno aqui do bolso de trás...

Vanja pega o caderno. Com dificuldade, ele pede:

– Por favor, entregue isso no jornal Correio do Povo, em Porto Alegre. Eles me conhecem.. Anotei tudo o que vi...

– Sim, eu faço. Mas quem é tu?

– Está no caderno... Foi bom... te conhecer...

Um estertor e a cabeça dele tomba para o lado. Vanja fecha seus olhos e o abraça como a alguém que sempre conheceu. Levanta-se e vê-se na maior solidão, com o coração parecendo sangrar. Olha o caderno e o guarda no embornal. Ali está o papel escrito a lápis por Jurema, com o trecho da Canção da Vivandeira, copiada também pelas outras mulheres.

Espera o amanhecer ao lado do corpo do estranho sem nome, olhando seu rosto, tentando imaginar de onde viera e qual sua história. Ela lê várias vezes os versos e canta baixinho, como a homenagear o morto. Acaricia a santinha, que acredita protegê-la das maldades dos homens. Sela o baio tão estropiado em passagens traiçoeiras, na travessia de várzeas pantanosas, desviando de buracos escondidos entre moitas e macegas. E ainda há uma longa jornada pela frente.

Ama esse cavalo e se demora num abraço no seu pescoço e em acarinhar o focinho. Olha em volta, dá um longo suspiro e afasta-se dali num cadenciado galope, na volta para o Sul, a léguas de saudade do seu chão. Vai entoando os versos da canção, como fizeram as amigas vivandeiras que deram a vida cantando, tentando se livrar das tristezas do mundo.





# Valeu a pena?

ILAN CARLOS SANTOS DE CARVALHO

Já beirava as dez da manhã naquela fazenda do interior de São Paulo, o Sol jazia sem piedade sobre aqueles que ali trabalhavam, entre eles, Seu Juraci tinha destaque, era um senhor bem magro e na cabeça a calvice já aparecia claramente, apesar da meia idade, estava em ótima forma, tanto que quem não o conhecia, não lhe daria mais que 45 anos. Após os anos em que ali empregou suas forças, depois de ter deixado sua terra natal no interior da Bahia para tentar a vida como cortador de cana, ele já carregava consigo um respeito considerável dos outros trabalhadores. O que nenhum destes sabia, era que apesar de sua eficiência, sob as costas arranhadas daquele velho pesava algo muito maior do que um fardo de cana, trazia ali mágoas e ressentimentos de uma vida cheia de arrependimentos.

Seu Juraci ofegava e açoitava ao mesmo tempo, a velocidade e agilidade com que se dispunha ao serviço parecia sobre-humana. Fez ali, então, uma pausa rápida para um gole de café da garrafa térmica que já se fazia uma amiga, sendo carregada dia e noite consigo. E, apesar da dificuldade e esforço que necessitava em seu trabalho, era nessas pausas a parte mais dolorida do serviço, pois enquanto girava o antigo copo reutilizado para esfriar o café, olhava em volta e se perguntava a que custo vivia naquele estado, se realmente vivia ou apenas estava

ali existindo, de que adiantava tudo aquilo, se o que lhe importava de verdade, aqueles que amava estavam do outro lado do país.

Hoje não foi diferente, o pensamento veio com tudo e ainda mais intenso, era o aniversário de 23 anos de sua filha que não via a tanto tempo. O pesar tomou conta de Seu Juraci e com tanto remorso, os olhos então se encheram de lágrimas que continham mais dor que qualquer um poderia carregar. Lágrimas que ele secou rapidamente, não poderia se dar ao luxo de demonstrar tamanha fraqueza na frente dos outros. Ele logo terminou o café, se recompôs e voltou ao trabalho ao lado de seus colegas. O peão tinha uma boa relação com todos ali, mas em especial com Luiz, ou Birimba como era conhecido, o porquê desse apelido nem o próprio sabia, um dia simplesmente viu que todos já o chamavam assim. Ele estava em um meio termo entre um rapaz magro e meio musculoso, possuía um cabelo liso raspado nas laterais e o rosto sempre estava com um sorriso de orelha a orelha, era o mais novo de todos e via em Seu Juraci algo que se assemelhava a figura paterna que nunca teve.

– Sol ta rachando hoje, né Seu Jura – disse Birimba.

– Oh se tá, meus zói chega ta ardendo aqui, tem que beber bastante água num calor desse, viu.

– É, mas eu vi que o senhor tava tomando era café ali, não adianta muita coisa não, heim – respondeu rapidamente.

– Ah, meu filho, meu café das 10 é sagrado, se eu ficar sem tomar, aí que ocê vê o véi aqui passá mal de verdade – disse Seu Juraci rindo com um meio sorriso.

– Tá certo Seu Jura, HA HA – disse o jovem já voltando ao trabalho.

Os dois se davam muito bem apesar da diferença de idade e viviam assim, num companheirismo lindo de se ver, dia após dia naquela vasta plantação de cana eles riam juntos, compartilhavam dos perrengues juntos, sempre um com apoio do outro.

Após mais algumas horas no árduo trabalho, o sol se colocava exatamente acima da cabeça de todos indicando o meio dia e assim a pausa para o almoço. Puseram-se todos rumo a uma grande sombra que havia ali perto com suas marmitas e vasilhas de comida na mão. Se acomodaram e Birimba já guardava o lugar de Seu Juraci ao seu lado.

– Chega mais Seu Juras, vamos comer logo, pra dar tempo de descansar um pouquinho ainda – o calor não o deixava muito animado – Que vida essa nossa, heim? Não tá fácil.

– Não mesmo meu filho, mas ocê ainda ta é novo, ainda pode melhorar de vida. E ainda é sabido que só, tinha mais era que tá estudando pra virar doutô.

– Bem que eu queria ter um luxo desses, antigamente meu sonho era virar um advogado, sabia?

– Pois e veio procurar o que nesse fim de mundo aqui? tinha que correr atrás disso aí rapaz.

Birimba remexia a comida, cabisbaixo.

– Ah! Seu Jura, não tinha pra onde correr, tive que arrumar serviço para ajudar minha mãezinha, ela já é bem de idade e não pode se sustentar.

– Êta menino, e que cabra mole é esse seu pai que não pode fazer isso?

– Mole é pouco, aquilo era um vagabundo, foi embora de casa quando eu era novinho ainda, nunca ajudou em nada.

Os dois agora já tinham terminado o almoço e estavam apenas com o pescoço escorado na árvore que lhes fazia sombra tentando descansar o corpo no tempo que ainda lhes restava.

– Que situação rapaz, e como vocês se viravam?

– Tive que correr atrás né Seu Juras, eu e minha velhinha, ela sim tava comigo pra tudo, eu e ela contra esse mundão – ele esboçava um sorriso ao falar e lembrar desses momentos – Fazia questão de

ir sempre nas reuniões da escola, sabe?, de me acompanhar ao médico quando precisava, senti um ciúme danado quando levei minha primeira namoradina pra ela conhecer, era uma figura viu. Oh! Se o senhor visse então no dia da minha formatura da escola, se arrumou todinha, ficou uma graça.

Seu Juraci parecia refletindo o que o menino falava e apenas escutava em absoluto silêncio enquanto ele continuava.

– A gente não tinha muita coisa né, mas aquela mulher fez de tudo pra estar presente e ainda sim, nunca deixar faltar nada em casa nem me fazer passar vontade. Ao contrário daquele velho sem vergonha – a mudança de expressão rápida ao falar do pai revelava o enorme rancor de Birimba que agora já se levantava para voltar à luta – Na época eu não entendia muito bem, mas hoje vejo que não tem perdão para o que aquele homem fez. Bem que ele poderia ter sido mais como o senhor, Seu Juraci, se o senhor tivesse um filho eu com certeza teria muita inveja dele por ter um pai tão bom quanto o senhor é.

Sem olhar para trás, Luiz já seguia em direção a seus afazeres, e que bom que não olhou, ou teria visto a figura daquele que considera seu exemplo em um dos maiores choques de realidade da vida. Seu Juraci estava de olhos arregalados encarando o chão, olhos que agora já estavam marejados ao perceber algo, o quão próximo ele fora de parecer com o pai daquele garoto? “Se o senhor tivesse um filho..” acontece que ele tinha, tinha uma filha que tão cedo quanto pôde a deixou sozinha sob os cuidados da mãe. As duas sozinhas enfrentando tudo e tendo apenas uma a outra. Ele tinha uma filha sim, uma que mal tinha contato, que não ligava e não a procurava. Teria ela tanta raiva dele quanto Birimba tinha de seu pai? Se tivesse, Seu Juraci não tiraria a sua razão. A quantas reuniões de escola ele deixou de ir? Era uma menina inteligente, sabia disso. E das vezes que esteve doente? Como aquelas duas poderiam se virar sozinhas? Por quantos perrengues as



duas poderiam já ter passado em hospitais? E mais ainda, se algum cabra safado tivesse maltrato ela por aí se passando de namorado? Ele não sabia, não estava lá para se certificar e proteger sua menina de qualquer malandro. Mais comoção tomou conta daquele velho então, a formatura, ela tinha a algum tempo entrado pra uma faculdade pública da região e logo se formaria, logo teria um dos dias mais felizes da sua vida e ele não ia estar lá para entrar de braços dados a ela na cerimônia, até imaginou a cena na cabeça, os dois muito bem vestidos e ele todo orgulhoso.

Talvez não, talvez ela entendesse que ele precisava estar ali pois não tinha condição de criar aquela criança e precisou disso. Mas precisou mesmo? Ou usou isso como desculpa todo esse tempo para aliviar a culpa que sentia por ter abandonado as duas coisas que mais lhe importavam na vida? Talvez se tivesse permanecido com ela conseguiria um trabalho que desse pra mantê-las, ele era conhecido na região e com certeza alguém lhe arrumaria o serviço. Eram tantos talvez que aquele homem já não se conhecia mais.

E o pobre menino Birimba, mal sabia ele o homem horrível que tinha como exemplo, se soubesse... com certeza pensaria duas vezes antes de querer que seu pai se parecesse com ele.

“Se o senhor tivesse um filho” nem imaginava o jovem mas aquilo foi como se tivesse lhe acertado no peito com um facão, não conhecia a dor de se ter uma parte do corpo arrancada, mas com certeza a dor que sentia agora era dez vezes mais forte, aquela pontada no peito não era coisa da sua cabeça, e a dor tomou conta do velho Juraci que já se encontrava sozinho, todos voltaram ao corte e ele permanecera ali, abismado com a pancada que lhe acertara. A boca aberta que permanecia assim desde que ouviu as palavras do menino agora sentia um gosto salgado, um sal amargo das lágrimas que ele derramou enquanto pensava e refletia no que aconteceu. O gosto então o fez retornar a

realidade e finalmente perceber que já estava sozinho, precisava se recompor e voltar ao que tem de fazer. Pois assim o fez, passando a mão nos olhos e no rosto para secar qualquer vestígio de choro ou comoção e seguiu seu caminho de volta.

Seguindo para seu posto, ele desembainhou o facão e se pôs a açoitar, em dias normais, fazer aquilo lhe distraía a cabeça e não pensava tanto nos pesares. Hoje não, não estava sendo um bom dia e sob aquele imenso calor ele pôde descontar sua frustração, colocava ali o ódio, o rancor e o ressentimento que vinha sentindo cortando a cana como uma máquina. Seus colegas que estavam por perto pararam para olhar pois nunca o tinham visto daquele jeito, parecia possuído por algo do além, tinha fogo nos olhos segundo eles. Birimba se aproximou e não conteve o comentário.

- Se continuar assim, não vai sobrar cana nenhuma pra mim.
- Deixe de leseira menino, a gente num é pago é pra isso?
- Se o senhor considera aquela mixaria que a gente recebe digna de tanto esforço assim, quem sou eu pra julgar né.

Os outros agora já voltavam a se concentrar em seus próprios montes enquanto Luiz se pôs ao trabalho mais próximo do velho.

- Tá tudo bem com o senhor, Seu Juraci? Fiquei preocupado te vendo ali de longe, eu e todo mundo aliás, ao mesmo tempo que tô percebendo o senhor meio avoadado tá mais produtivo, eu diria até demais, a cana te fez alguma coisa pra tá com tanta raiva dela assim?

- Eu to avoadado e você cheio de gracinha né moleque, pois esse velho aqui não tá precisando nem merecendo pena de ninguém não, pode sossegar e focar no seu serviço aí que daqui eu cuido sozinho.

A expressão vazia e severa no rosto dele fez Birimba se recolher para sua obrigação e o deixar em paz, apesar de não ficar menos preocupado, seu amigo estava esquisito demais e isso o deixava aflito.

Assim seguiram os dois por mais algumas horas, nenhum falou

mais, o único som que se ouvia era o do facão batendo forte contra as canas de açúcar, e apesar do aviso do amigo, Seu Juraci não diminuiu o ritmo, estava exausto e completamente molhado de suor, mas não fraquejou, freneticamente movido por ódio ele não parava nenhuma segundo, nem mesmo para um gole de água. Não era ódio de Birimba, nem de ninguém, tinha sido um pouco grosso com o menino mais cedo, é verdade, mas seu orgulho falava mais alto que qualquer coisa, não iria se retratar mais, não àquela altura, o ódio que corria nas suas veias era de si mesmo, e encontrou naquele ato uma forma de se punir por todos os erros que vinha cometendo, punir seu corpo com cansaço e exaustão era o mínimo que poderia fazer depois de tudo.

Por volta das 15h30 da tarde todos ouviram uma voz chamar de longe, uma moça que em uma das mãos segurava uma garrafa térmica e na outra uma vasilha de bolo de mandioca apoiada na cintura. Era Lúcia, a filha de uma das mulheres que trabalhava na casa do patrão que vinha anunciando uma pausa para tomar o café da tarde. Tinha cerca de 23 anos, cabelo encaracolado e dona de uma beleza sem igual, a voz da moça não tinha nada de especial, mas foi música para os ouvidos de todos que agora respiravam com alívio ao ver que tinha um lanche esperando por eles. Todos menos um, Seu Juraci não parou para comer, continuou na sua batalha contra a cana.

Enquanto comiam, Lúcia em um canto afastado com Birimba comentava sobre o velho.

– Que deu nesse homem hoje? Endoidou de vez foi?

– Também queria saber, ele tem agido estranho o dia todo, parece que tem que fazer o trabalho de uma vida toda em um dia só, agora o porquê disso eu não faço a mínima ideia.

– Era só o que me faltava, e ainda nessa idade fazendo essas estripulias, tá achando que é ferro, só pode.

– Ainda mais cedo tentei ver o que estava acontecendo mas levei

foi uma resposta bem dada dele – comentava enquanto comia e fitava de longe o pobre coitado sozinho no meio da plantação – só sei que tô com um mau pressentimento.

– Pois deixe ele, não é nenhuma criança. Um homem feito já des-ses fazendo birra? Ora tenha santa paciência.

– É que ele não é disso, né? não deixo de me preocupar, Lu.

– Pois se estiver querendo chamar atenção, não vai ganhar de mim Sem dar muito interesse, Lúcia seguiu seu caminho de volta para a casa do patrão.

Terminados todos de comer, Birimba se dirigiu até onde Seu Juraci persistia no seu desafio.

– Guardei um pedaço de bolo pro senhor, tá lá na vasilha debaixo da sombra, fica sem comer nada não, homem.

– Muito obrigado meu filho, mas hoje tô sem apetite pra nada.

Mas ele não estava sem fome, seu estômago além de doer, se re-virava, como se tudo que estivesse preso e guardado por sete chaves dentro de si tivesse vindo a tona, como se a caixa de pandora que vivia dentro de si tivesse sido destroçada e todo tipo de pensamento e sentimento ruim que sempre esteve seguro e bem preso, agora girasse e lutasse dentro dele. Entretanto, não foi isso que fez Seu Juraci parar, nem mesmo para respirar, parecia que a cada momento que a dor aumentava, ele transmitia isso para o facão que cortava ferozmente em sua mão.

E assim ele continuou a medida que o dia passava, não parou, não hesitou e nem mesmo vacilou um minuto sequer, ele precisava daquilo, ele merecia aquilo, aquela dor não era nada perto da dor que fez sua família passar a vida toda, precisava assumir finalmente a batalha que tentou evitar e esconder, sem mais fugir da culpa ou de arrumar desculpas esfarrapadas que nem mesmo a ele convenciam.

Chegada a tardezinha, todos agora se colocavam a guardar suas

ferramentas e se preparar para ir embora, como já escurecia, Seu Juraci finalmente parou. Ofegava como um louco e agora já não sentia mais o braço, parecia que um rolo compressor havia passado por cima do seu corpo duas vezes, e apesar do gosto de sangue que já sentia na boca, ele sabia que aquilo não terminava ali, apesar do cansaço, aquele velho ainda tinha um trabalho para fazer naquele dia que não poderia em hipótese alguma ficar para depois.

Não teve tempo de descansar, e nem podia, partiu então em disparada na direção da casa do patrão, o mato em volta naquele caminho de terra que lhe arranhava as pernas já quase não era percebido visto que nem sentia suas pernas direito, correu como nunca naquele dia e só parou frente a porta dos fundos que dava para a cozinha da casa. Naquele recinto se encontrava apenas Lúcia que se assustou com a chegada inesperada daquela figura ali.

– Enlouqueceu de vez, homem? Que carreira é essa?

– Oh menina, perdão pelo susto, é que preciso usar o telefone da casa urgente – ele mal falava direito em razão da respiração acelerada.

– Ai Seu Juraci, o senhor sabe que o patrão não gosta que vocês fiquem aqui pela casa.

– É um caso que não pode esperar, Lucinha.

– Sorte sua é que não tem ninguém mais em casa, foi todo mundo pra cidade e ainda não voltaram, entre lá mas seja rápido.

E ele não pensou duas vezes ao seguir rumo ao telefone da casa que ficava preso numa das paredes. A mão trêmula quase não conseguia discar o número. Ficou ali enquanto chamava até que uma voz atendeu do outro lado da linha.

– Alô?

– Oi Zefa, quanto tempo tempo né minha velha?

– Juraci? Ocê ligando pra cá? e não venha com “minha velha” pra cima de mim mais por favor, já passamos disso a muito tempo.

– Ta bem, ta bem. Só queria falar com minha menina um pouquinho, tenho tanto pra dizer a ela.

Uma pausa se fez na linha até que Jozefa respondesse.

– Vou chamar ela.

E ele esperou ali em pé com o telefone na orelha, esperou mais e mais. Então finalmente alguém apareceu do outro lado. Para a tristeza de Seu Juraci, infelizmente não era sua filha.

– Olha Juraci, ela disse que não tá querendo falar com você não. Nem tiro a razão dela viu, você só dá as caras agora no aniversário dela, eu também não iria querer – Ele percebeu o pesar na voz calma de Jozefa.

Por mais que achasse que estivesse, o velho não estava preparado para aquela resposta, ele tinha a esperança de que poderia pedir perdão para sua filha, não que mudasse algo em tudo que ele já tinha feito, mas lhe tiraria um peso enorme de suas costas poder fazer isso.

– Tudo certo, Zefa. Manda lembrança pra ela por mim, por favor, diz que eu amo muito ela, ela e ocê.

– Até mais, Juraci.

O bip da linha se encerrando soou e não parou mesmo depois de ter colocado o aparelho no gancho, continuou como um zumbido no seu ouvido enquanto ele saía de cabeça baixa daquela casa. Tudo que tinha sentido no decorrer do dia, no passar de todos esses anos, nada daquilo se comparou ao que ele sentia naquele momento sendo rejeitado pela própria filha. Ele achava que a caixa de pandora dentro de si já havia sido destruída, mas não, era na verdade uma boneca russa, aquilo tudo havia sido apenas uma das caixas. Agora, todas dentro de si quebraram de verdade, ele próprio quebrou de verdade e a dor em seu peito aumentou como nunca, tomou conta de seu corpo todo que já não aguentava se manter de pé.

Enquanto ele seguia o caminho de volta, Seu Juraci chorou, dessa vez de verdade e sem se importar com o que qualquer um pensaria o vendo naquele estado. Não se importou pois sabia que era a última vez que choraria. A meio caminho de onde estavam seus colegas reunidos, seus joelhos cederam enquanto aquelas lágrimas de anos finalmente puderam sair, ele não limpou nenhuma delas, pois, mesmo que quisesse, caído ali naquela terra vermelha já não conseguia mais.

Depois desse dia, o pobre finalmente encontrou paz, reconheceu todos os erros, entendeu aquilo que estava e o que não estava ao seu alcance, e o melhor, depois de todo esse tempo pôde finalmente fazer o que não conseguiu em toda a sua vida, de onde está agora, a todo momento olha e protege aquelas que ama, e dá o seu melhor nisso.





# O próximo herdeiro

ALYSSA YASMIN DA ROCHA FERREIRA

Em um dia como outro qualquer, os passarinhos cantavam junto a aurora que emergia sobre as serras de uma cidade interiorana da Bahia, onde jovens aventureiros e idosos com seus familiares chegavam no ponto de embarque da rodoviária, dentre eles o velho senhor José. O homem, apesar de sua sonolência, cumprimentou educadamente cada um, puxava um assunto sem importância com aqueles de igual idade ao mesmo tempo em que avaliava os rostos de todos que estavam no local.

O ônibus não demorou para chegar e seus passageiros entraram afoitos, empurrando-se, buscando seus assentos. José, pelo contrário da maioria, esperou sentado em sua mala e logo depois comprou um jornal antes de embarcar. Guardou sua bolsa debaixo de seus pés, deitou-se confortavelmente em seu leito, e pôs-se a ler as notícias do dia, no entanto, estava inquieto.

Chamou a atenção das pessoas que se distraíam minimamente de seus próprios problemas pelo balançar de suas pernas e inquietação de seus dedos, essas que agora o reconheciam associando sua aparência e boa educação a uma família antiga e muito bem falada nas cidades da região, os Machado, supuseram sobre sua ansiedade estar relacionada a pensamentos intrusivos que lhe atormentavam o retornando

aos infortúnios de seu passado. Elas não estavam completamente enganadas, José se desconcentrava daquela leitura recordando de um acontecimento específico que mudaria o rumo da sua vida.

Pensava ele naquela época, que teve início em meio um almoço de domingo, em que aproveitaria para apresentar sua namorada, Maria, uma moça sorridente de boa família que distribuía calmamente os pratos pela mesa e expressava sua elegância e graciosidade ao andar da sala para cozinha. José não ficava alheio a esse trabalho, pelo contrário, ele ajudava com muita eficiência e organização.

Os Machado, que eram um exemplo naquela cidade, compartilhavam sorrisos, falavam das tendências da mais alta sociedade e sobre o fato da velha Lúcia, vizinha deles, estar tendo um estranho caso com o marido da jovem Antônia. Apesar de envolvidos naquela calorosa conversa, estranharam a demora de Elisa - avó de José, dona da casa e matriarca da família.

José, mesmo muito cuidadoso em seu serviço, não tirava os olhos de Maria. Almejava o toque dela, mas não iria se submeter aos julgamentos dos parentes. Quando ouviram o som do carro no portão, todos os presentes na sala foram averiguar se tudo ocorria bem, incluindo Maria, mas ela foi impedida por esse que viu, naquela ocasião, uma bela oportunidade.

- O que houve? Não deveríamos os acompanhar? - Perguntou a moça.

- Apenas, isto - José retira cuidadosamente os fios castanhos dos seus olhos de mesma cor e os coloca atrás da orelha.

José estudava os traços da mulher, não rompeu aquele estado de fruição por um instante de segundo. Entorpecia sua mente ao momento, transgredia agora seus sentimentos juvenis a um complexo de reações que mal poderia explicar, ou poderia. Ele a pegou delicadamente pela cintura, e ela em reciprocidade umedeceu os lábios se preparando

para um beijo. Mas aquele afeto foi interrompido por Henrique, irmão de José, que agarrou a mulher pelo pulso e a puxou para fora da casa dizendo:

– Vamos, apressem-se, não estão curiosos para saber o que aconteceu? – Henrique olha nos olhos dele rindo maliciosamente.

José ficou furioso pela ousadia do irmão em interromper este pequeno, mas íntimo, contato com sua namorada. No entanto, acabou cedendo e acompanhou os dois.

Chegando lá, eles viram Elisa descer do carro aos prantos acompanhada de seu marido Vicente que lhe segurava pelo braço impedindo-a de cair por tropeçar em seus próprios pés. A senhora trazia más notícias, mas não se esperava por diferente, afinal, o pavor lhe era explícito nos olhos e o tremor, em seus braços. Foi diagnosticada com um tumor maligno e que provavelmente o tratamento tendia a não ser funcional, já que estava em estágio quase avançado e uma cirurgia provavelmente seria fatal.

José, em primeiro momento, ficou paralisado, não estava conseguindo assimilar os fatos. Mas, quando interpretou a realidade, negou, gritou em meios às lágrimas que era mentira, gritou tanto que desfalecia por causa da sua própria voz. Perderia aquela que na infância, além de fazer o papel de mãe, foi quem lhe salvou da solidão por anos. Ora, não seria diferente a interpretação da família sobre sua reação, Maria até o acolheu em seus braços. Ao contrário de Henrique, que mal deu atenção ao que estava ocorrendo, escorado em um canto qualquer da parede importunando uma das suas primas distantes.

A tarde seguiu quente e chuvosa para abafar o clima que ficara na família, alguns tristes, outros insistentes em levar Elisa para a capital dizendo que haveria uma cura, que esses hospitais de interior eram precários assim mesmo, que o governo isso e que o governo aquilo. Mas a mulher já não queria dar ouvidos a eles.

Ela sabia haver uma chance maior se voltasse para sua antiga casa na região metropolitana de São Paulo, mas foi claramente informada por um médico insensível que sua expectativa de vida não mudaria significativamente de modo que valesse a pena todo esse transtorno. Elisa também foi informada de haver chances de padecer enquanto fazia o tratamento longe de sua família. Por fim, não quis arriscar seus últimos momentos por uma coisa que não mudaria em nada.

A velha senhora, sabendo que não estava desamparada, limitou-se a usar de sua triste e inaudível oratória para confortar a família através da religião, da promessa que se cuidaria para estender sua vida ao máximo possível, e no próximo mês logo chamaria o advogado para resolver o caso da herança. O último assunto era o de maior interesse da maioria dos familiares, esses que se questionavam sobre a possível decisão, pois suspeitavam por resquícios de conversas ouvidas por detrás das portas que alguém já estava predestinado a ser o maior herdeiro.

Os dias passaram rapidamente, Elisa, aceitando seu destino, pôs-se a fazer constantes visitas àquele mesmo médico e a passar horas realizando os mais lindos bordados que lhe foram ensinados pela mãe. José, por outro lado, apesar dos primeiros dias ter se trancado no quarto e não saído nem para comer, não suportava mais de saudade da bela Maria, já se encontrava em estado de abstinência pelo seu amor e carisma. Não pensou duas vezes na sua primeira descarga de energia, mandou um telefonema e pediu para que fosse na praça durante o final da tarde, imaginou ele que o tempo fresco e o silêncio criariam um ambiente romântico e reconfortante.

Maria não demorou para chegar, como sempre, estava deslumbrante com seu lindo vestido branco que parecia ter sido costurado sob medida, os cabelos ondulados lhe caíam ao busto ressaltando a beleza de seu rosto e trazia consigo seu velho violino. José se encantava cada dia mais por ela, não pela aparência, esta que a fazia ter

metade dos homens da cidade aos seus pés, mas pela forma em que a mulher lhe trazia paz.

Maria pôs-se ao centro da praça em cima de uma mesa para tocar seu violino, era tão majestosa quanto uma escultura. Os raios de sol que incidiam sobre o horizonte a banhava por trás, criando um jogo de luz e sombra que incendiava seus cabelos e ressaltava suas curvas. Se houvesse alguém ali além deles dois, com certeza pararia para admirá-la. José extasiava-se pela composição, esqueceu até do motivo pelo qual tinha marcado aquele encontro. Nunca ouvira algo tão melodioso e doce quanto aquela música, então sentou-se para a admirar plenamente.

O homem, longe do desconforto que sentia perto de seus familiares, ao final de sua apresentação particular, tomou-a em seu colo para que ela descesse, olhou-a entre olhos e lábios, e desejara. Estava, naquele momento, livre de ambições, ansiava somente ela. Abraçou-a e sussurrou bem perto de seu ouvido:

– Amada, seja minha por inteira, case-se comigo – Falava enquanto colocava um anel em seu dedo.

Maria paralisou, tremeu desacreditada. Chorando de felicidade, puxou sua mão para si e se afastou um pouco, olhou nos olhos de José cobrindo a boca, e instantes depois pulou sobre o homem abraçando seu pescoço e distribuindo vários beijos em seu rosto. Ele entregou uma grande caixa para sua noiva como forma de comemorar aquela ocasião, e ela alargou um grande sorriso ao perceber que ganhou um lindo cachorrinho com um enorme laço vermelho em seu pescoço.

Após semanas em renúncia de seu amor, tiveram finalmente essa oportunidade a sós de contato, mas que foi novamente atrapalhada por Henrique. O irmão de José passava por eles ostentando um carro vermelho, recentemente comprado, esfriando aquela felicidade.

Henrique, após comprar o carro, o qual ele chamava de investi-

mento, passou a viver como um capitalista, gabando-se do dinheiro que nem tinha. Muitos na cidade acreditaram em suas mentiras, outros espalhavam que enriquecera de forma criminosa. Mas a família de Maria, crente na moral de Henrique, aplaudia de pé suas falsas conquistas e começaram a olhar com outros olhos.

O advogado chegou semanas depois para mostrar como ficaria o testamento de Elisa, dona de uma gorda fortuna, lendo cuidadosamente que esta deixaria a maior parte de sua fortuna para o neto mais velho. Não foi necessariamente por escolha, mas porque ela seguia fielmente a promessa que fez a seu avô no leito de morte de que faria a sua futura geração o mesmo que ele fez a ela. Henrique nascera primeiro.

Uma das primas ouviu a leitura por detrás da porta e espalhou a notícia entre os familiares.

Chegando aos ouvidos dos pais de Maria a informação de que Henrique elevaria ainda mais seus padrões de vida, forçaram sua filha ao matrimônio com ele. “Negue o seu sobrenome ou case-se” era o que diziam. A moça aos prantos foi pedir consolo ao seu noivo José, e este lhe acolhia com todo cuidado em seu colo, dizendo que faria de tudo para intervir e até o cãozinho, que a tinha acompanhado aquele dia, lambia o rosto dela como forma de consolo. Os dias se passaram e cada vez mais o homem era tomado pela raiva, a fúria de ver sua amada ser arrancada à força de seus braços. A esperança se esvaía de seus sonhos.

Mas, em meio a tantos infortúnios, José teve sua fé revigorada com uma excelente notícia, Elisa não estava doente. Aquele médico, incapaz de exercer com eficiência sua profissão, enganou-se na leitura dos exames. A família festejou, José pôs-se de joelhos e começou a chorar de alegria. Enganam-se aqueles que pensavam que o homem chorava apenas pela avó, na verdade, pensava também na possibilidade de ter Maria de volta para si.

Não poderia estar mais enganado.

Maria, ao chegar em casa, foi solicitada às pressas pela empregada, esta que já ia chamá-la para ir ao escritório de seu padrasto Fernando ter uma reunião com ele e sua mãe Juliana. A moça ficou receosa sobre o assunto, pois tinha uma vaga ideia do que se tratava, no entanto, ergueu a cabeça e foi conversar com eles.

Quando ela entrou no escritório, viu sua mãe aos prantos no sofá e Fernando olhou para Maria com desgosto, mas aqueles olhos furiosos e reveladores de sua verdadeira alma já lhe eram comuns, preocupava-se na verdade com Juliana.

– Mamãe – a moça correu para se juntar à mulher.

– Vê agora, Juliana – falou Fernando andando de um lado para outro apontando o dedo sobre Maria – O quão tola é essa garota!

– Não fale assim dela!

– Quieta! – Fernando corta a fala de sua esposa – Se você tivesse me permitido cuidar da educação dela, tudo seria bem diferente!

– Mamãe, não dê ouvidos a ele – sussurrou a moça com os olhos trêmulos.

– Como pode, minha filha, escolher logo o pior dos homens daquela família? Afinal, para que as lágrimas? Continuarão sendo parentes – Sua mãe fala sentada ao seu lado no sofá ainda segurando sua mão.

– NÃO – gritou Maria levantando-se de súbito – Vocês querem que eu me separe do meu noivo e mandam eu me acalmar? – Alternava os fêrvidos olhos entre Juliana e Fernando, sofá e janela.

– CRIANÇA INSOLENTE! – disse o Fernando avançando contra ela, segurando seu braço à força e tomando-lhe o anel de noivado – ERA ISSO QUE QUERIA JULIANA? ERA ISSO QUE DESEJAVA PARA SUA FILHA? ELA TEM SE ENCONTRADO ÀS ESCONDIDAS COM AQUELE RAPAÍ! – ele joga o anel bem próximo da lareira.

– Nã-ão – gaguejava a mulher chorosa, explicitando dor em seu rosto.

Fernando segurou com força Maria e olhou no fundo de seus olhos.

– Você carrega o MEU sobrenome, não o de seu pai, o MEU! E EU que irei escolher com quem irá se casar, no caso com Henrique, por bem ou por mal – o homem jogou a enteada no chão e puxou Juliana para acompanhá-lo, deixando a moça sozinha, imersa em sua própria dor.

Não consegui se levantar, rastejou até o anel, colocando ele próximo de seu peito e desabou em lágrimas. Foi quando ela olhou para a lareira e estranhou um carvão diferente que havia ali. Seus olhos se arregalaram quando percebeu que não se tratava de um carvão e sim do corpo do cãozinho carbonizado.

A mulher adoecia com o passar dos dias, foi limitada ao seu quarto, escutava apenas o som de seu violino, sentia como se já não existisse mais. Não teve mais notícias de José, ao entrar em contato com a família Machado disseram-lhe que ele fugiu assim que soube da confirmação do casamento dela com seu irmão. Maria não sentia nada, ficou indiferente com a situação assim como estava indiferente a si mesma.

Maria, um dia antes do matrimônio, estava sentada em frente ao espelho, observava o vazio de seus próprios olhos e sentia as mãos quentes de sua mãe tocando seus cabelos com a escova. Juliana o coloca de um lado e se aproxima lentamente de seu ouvido sussurrando:

– Tenho certeza que me dará muito orgulho hoje, meu amor.

A mãe de Maria dá um beijo em sua bochecha e sai do quarto para a sala aonde receberia os convidados da festa de noivado, deixando sua filha para que se trocasse. A jovem moça olhou para o vestido em cima da cama, analisando cuidadosamente o tecido com seus dedos longos, passeando sobre os três pontos que lhe foram dados para que coubesse novamente. Pegou, colocou sobre o corpo e olhou no espelho. Pela primeira vez em semanas ela sentiu algo, dor.

Aquele vestido lhe lembrava do momento em que colocou seu ou-



vido no peito de José, lembrava do som das batidas de seu coração e lembrava também do momento no qual ele tomou sua mão e colocou o anel em seu dedo. Aquele era o vestido que usou quando foi pedida em casamento. Chorou, desabou em lágrimas, quando olhou para a barra onde estavam inscritas, quase de forma invisível, as duas patinhas do seu cachorro.

Maria, em um momento de fúria, amassando seu vestido com os punhos, lançou um vaso de flores que estava na mesa ao lado da cama contra o espelho, estilhaçando parte dele. Por fim, arrependida, caiu sobre os próprios joelhos.

– Querida, posso entrar? – pergunta a empregada batendo na porta – Você tem visita.

– Pode sim – disse vestindo-se rapidamente.

Foi quando Maria paralisou, viu a empregada permitir a entrada de Henrique.

– Meu amor! – Henrique se aproxima selando um leve beijo em Maria deixando-a enojada – Como está?

– Ótima, até agora – respondeu tentando sair daquela situação constrangedora

– Bem, não é de sua saúde que estou interessado, precisava te ver a sós – Aproximou-se ainda mais, sorrindo.

– Henrique, deixarei uma coisa clara, serei sua esposa apenas no papel, mas meu coração sempre pertencerá a uma pessoa bem melhor que você, e se me der licença – a mulher fala tentando sair do quarto.

– Ah! Maria, não faça de difícil, posso ser muito bem capaz de fazê-la mudar de ideia – dizia Henrique abruptamente agarrando seu pulso quase impedindo o sangue de suas veias circularem.

Maria, temendo pelo que lhe aconteceria, paralisou sob o contato com Henrique. Seu coração acelerado foi o único que respondeu ao momento, seus pés descalços eram incapazes de sentir a dor pelo contato

entre vidro e pele e seu corpo perdia a força da qual nem possuía mais.

– NÃO ENCOSTE EM MIM! – tentou puxar o braço gritando tão alto que sua voz arranhava sua garganta, no entanto, qualquer esforço lhe era inútil, pois, Henrique, que não tinha soltado seu pulso, abafou os gritos pressionando seus lábios contra os dela.

Ele segurava também suas bochechas deixando marcas vermelhas de seus dedos, forçando sua língua para dentro dela. Maria mal conseguia chorar direito, sentia o gosto salgado de suas lágrimas e vazio em seu estômago. Sua cabeça doía ao pensar que seria subjugada àquela situação dia após dia.

Maria queria gritar, ela gritava, mas ninguém queria lhe ouvir. Sua alma morreu naquele dia, menos seu corpo que foi obrigado a sentir o gosto que não fosse o seu.

Era novamente dia, Maria estava novamente em frente ao espelho, este que transparecia seu estado fúnebre, estava igualmente estilhaçada. Já não tinha mais lágrimas para chorar e nem pernas para se manter em pé. Já não tinha voz para fala, mas qual diferença faria? Ninguém lhe escutava, e já não era mais dona de si. Seria enterrada de véu branco e vestido cuidadosamente bordado, seria para ela a morte uma melhor opção. Foi quando ouviram os sinos da Igreja, anunciando sua condenação. Fernando veio levá-la para o carro, mas não sem antes sussurrar próximo ao seu ouvido:

– Sem gracinhas.

Chegaram à igreja, as ruas da cidade estavam cheias, anunciavam o casamento mais esperado do ano. Parecia mais uma discussão política, debates intermináveis contra e a favor de Henrique. Maria, dentro do carro, tornava seu mundo inaudível. O único som que podia escutar naquele momento era o do canto dos pássaros, livres, que usufruíam de suas próprias asas. Como ela os invejava.

Toda sua melancolia se foi de súbito quando a felicidade nas pra-

ças deu lugar aos gritos desesperados, quando o branco deu lugar ao vermelho e quando a multidão saiu das ruas. Fernando deixou Maria sozinha no carro e foi averiguar o que havia ocorrido. Aqueles que permaneceram no local, afastando-se de sua própria humanidade, deram plateia a uma das piores cenas que ocorreria.

Henrique chegava à Igreja, com roupas bem passadas e um sorriso vitorioso. Quando estava para entrar ao lado de sua avó, um tiro repentinamente lhe atravessou o peito acertando também Elisa. Alarmando a população local, todos corriam para longe. Fernando não demorou para chegar às portas da catedral, expondo seus pecados interiores, ficou indiferente aos corpos ali caídos, preocupava-se apenas com quem casaria sua enteada. Voltou correndo para o carro, mas esse também havia desaparecido.

Passaram-se anos até aquela manhã em que José lia ansiosamente seu jornal, sendo observado pelos conhecidos de sua cidade natal. A ansiedade que as pessoas supunham cessou quando sua companhia do banco ao lado, Maria, chegou de lenço, óculos escuros e o corpo completamente coberto lhe disfarçando a identidade. Ela segurou o braço dele e por meio de olhares alertava sobre estarem chamando atenção, “seja discreto” ele interpretou a mensagem.

Estudaram a situação externa pela janela do ônibus, policiais chegavam ao local interrogando um por um. O ônibus já estava saindo.

– Acha que descobriram? – pergunta Maria

– De que importa, estaremos bem longe daqui – ele responde à sua esposa fechando a cortina da janela.

E aquelas pessoas, convictas na sua própria ignorância, afastavam-se da verdade pelos bons modos do homem. José, em seu senso de justiça e fúria ao saber o que aconteceu no dia anterior ao casamento, planejou a morte de seu irmão para fugir com sua noiva e de sua vó para herdar a sua fortuna. Afinal, ele era o próximo herdeiro.



# Um dia de trabalho

JEANLUCAS FRANK ESCOBAR GOMES

No quarto de um indivíduo qualquer, em uma madrugada qualquer, o despertador toca de forma cansativa e quase fisicamente dolorosa. Seu nome é Eduardo, ele se levanta cansado e desanimado, desliga o despertador e se dirige para sua rotina. Primeiro vem um banho com olhos vazios e piscadas longas, depois um vestir apressado, um café da manhã básico, com foco especial na parte do café. Eduardo tranca sua casa, relativamente confortável, não que ele tenha muito tempo para apreciar isso. Ele liga o carro e se direciona ao trabalho. Esse homem totalmente normal trabalha em um escritório de advocacia. Ao chegar no trabalho, Eduardo sobe as escadas, ele não gosta de elevadores, se sente mais isolado naquele silêncio cúbico deles. Ele abre a porta do segundo andar e chega à sua mesa.

Uma voz familiar logo ao lado lhe cumprimenta. Trata-se de Carlos, seu melhor amigo e ainda colega de trabalho, uma década mais velho que Eduardo. Carlos é casado com Amélia, gosta do emprego, mas tem uma aparência tão cansada como Eduardo ou até mais pela idade. Carlos começa a puxar assunto:

- Já terminou tudo para essa semana?
- Não estou nem perto.
- Eu também não.

Um silêncio temporário se entoa até que dessa vez Eduardo começa uma nova tentativa de emplacar um diálogo:

– Saiu com sua esposa no final de semana?

– Felizmente, não.

– Nossa, já está nesse nível?

– Não suporto mais as reclamações dela a todo momento.

– Então, por que não se divorcia?

– Pelo amor de Deus, Eduardo, não é tão simples.

– Claro, claro, não deve ser simples sair de um casamento triste e tedioso como o seu, deve ser preciso um esforço imenso.

– Olha quem fala, você é solteiro. E saiba que ‘casamento’ e ‘triste e tedioso’ na mesma frase é quase um pleonasmo.

– Sou solteiro, mas sem ninguém me enchendo o saco nos finais de semana. E, Carlos, se o casamento é tão ruim, por que acha que as pessoas se casam?

– Se eu fosse um sociólogo, diria que é por convenção social. Mas, como vítima desse processo, acredito ser por muitos outros motivos. No início é amor, na minha idade já pode ser medo de ficar sozinho.

– Na sua idade? O que quer dizer com isso? Você só tem 35...

– Isso já é muito, não o suficiente para me preocupar com a falta de saúde, mas o suficiente para me preocupar com ficar sozinho, não sou tão jovem como você, não seria simples arrumar alguém.

– Acho que você tem um pouco de razão, mas é estranho chamar isso de amor.

– Eduardo, o amor no início é sempre uma maravilha, até chegar o casamento e a vida de duas pessoas em um mesmo local. Você descobre que aquela pessoa amada não é tão amável assim.

– Então, não acho que era amor. Eu gosto de diferenciar amor de paixão. A paixão envolve mais a atração e esse ‘deslumbramento’ que você quer dizer. O amor é algo mais forte, não surge do nada, ele se

constrói.

– Você fala como um jovem romântico.  
– Com toda certeza, o que seria do homem sem a capacidade de amar?

– Mais feliz, no meu caso.  
– Carlos, há felicidade sem amor?  
– Calma lá, Sócrates contemporâneo.  
– Você não respondeu...  
– Tudo bem, não há felicidade sem amor, mas não seria ele a causa de todas as tristezas?

Nesse momento, uma moça passa na frente das mesas de Eduardo e Carlos. Seu nome é Nicole. Eduardo se perde da conversa e volta seus olhares para ela discretamente – ou, pelo menos, ele achava que estava sendo discreto.

– Quer um paninho, Edu?  
– O quê?  
– Para se limpar já que está babando tanto.  
– Carlos, você poderia seguir na carreira de Stand Up, sabia?  
– Acha que tenho talento?  
– Não, é exatamente por isso.  
– Não fale assim, existem ótimos comediantes.  
– Não são maioria e senso de humor é algo relativo.  
– Acho que você bem que gostaria de ter a liberdade deles.  
– Qual liberdade? A de não ter vínculo empregatício ou aposentadoria?

– A de fazer o que gosta, independente das condições financeiras.  
– Você realmente tem talento para ser comediante, Carlos.  
– Deixa disso, mas vamos ao que interessa, por que não chama a Nicole para sair?

– Não tenho tanta intimidade com ela. Fora isso, não acho que da-

ríamos certo, ela é muito extrovertida, eu sou mais na minha.

– Não dizem que os opostos se atraem?

– Isso é coisa de novela. Na realidade os opostos se destroem mutuamente ou ficam presos em um casamento destruído.

– Isso foi uma indireta?

– Não, imagine...

– Gosto da sua franqueza e também da sua ironia, Edu. Sinceridade é algo raro nos dias atuais, Nicole pode gostar disso também.

– Sério? Acha mesmo isso?

– Gostaria de responder que não apenas para ver sua reação, mas é verdade.

– Obrigado. Bom, talvez eu chame ela para sair.

– Pelo amor de Deus! Eu te elogiei, foi quase um discurso motivacional, tudo isso para um ‘talvez’?!

– Seus elogios foram escassos.

– Ah, tá. Na próxima vez vou interpretar um coach motivacional.

– Poderia ser bom, mais motivador.

– Quero ver falar isso quando eu enfiar um curso na sua goela no fim da palestra.

– Dependendo do nível de motivação, eu compraria, mesmo sabendo que é um estelionato disfarçado.

– Se faz isso por motivação, não quero nem saber o que a Nicole conseguiria fazer contigo com outras coisas.

– Carlos, você é um pervertido.

– E qual homem não é?

– Ainda sim, é um bom amigo.

– Fico feliz em ouvir isso, ainda mais feliz se a amizade me rendesse dinheiro.

– E o que faria com ele? Gastaria no seu casamento? Quem sabe refazer a cerimônia para ver se as coisas mudam.



– Isso sim é coisa de novela, o único jeito de algo mudar entre mim e Amélia é se batêssemos a cabeça, perdêssemos a memória e começássemos de novo. Mas eu gostaria de usar o dinheiro para viajar, quem sabe largar Amélia e me mudar.

– Não tente se enganar, Carlos. Se quisesse fazer isso, já teria feito com o dinheiro que tem. Você não é tão pobre assim. Mas, afinal, Amélia é mesmo assim tão ruim? Você também tem seus defeitos.

– Você está certo nisso. Amélia não é má pessoa, ela tem defeitos comuns como qualquer um, incluindo você e eu. O problema não é algum defeito insuportável, o problema é que apenas não nos damos bem como no início. A chama do amor esfriou.

– Não tem medo de ocorrer uma traição já que estão desse jeito?

– Às vezes me pego pensando que uma traição dela seria libertadora...

– Você é um corno diferente, Carlos.

– Estou falando sério! Uma traição seria uma boa desculpa para eu largá-la.

– Se precisa de tudo isso, é sinal que não tem motivos suficientes para largá-la, tirando a sua própria constante infelicidade. Então, se já chegou nesse ponto, por que você mesmo não trai? Vai enganar sua consciência limpa ao torná-la suja e terá um ótimo motivo para o divórcio. Amélia terá um motivo ainda maior. Vocês se divorciariam e seguiriam seus caminhos sem arrependimento do término, se ela não matar você, é claro.

– Eu jamais trairia Amélia!

– Olha só... é isso que eu queria escutar. Será mesmo que a chama do amor esfriou como você disse?

– Não se trata de amor, mas de ética e respeito pelo que vivemos.

– Será isso mesmo ou apenas uma desculpa para não aceitar que você é infeliz com ela, mas gosta dela o suficiente para tolerar a pró-

pria infelicidade?

– Sou infeliz o suficiente para querer terminar meu casamento, mas valorizo ele o suficiente para tolerar minha desgraça? Isso é um paradoxo, Eduardo.

– Sim, é um paradoxo. Eu realmente não queria ser você

– Eduardo, você tem seus próprios paradoxos de infelicidade para lidar.

– Como assim?

– Todos os dias você chega cabisbaixo e cansado. Além disso, sai ainda pior. Está na cara que você não gosta desse emprego.

– Muito observador da sua parte, mas quase ninguém gosta do próprio emprego.

– Certo, mas a maioria das pessoas tem afinidade suficiente para tolerar o trabalho que escolheram.

– Discordo. A maioria das pessoas nem escolhe o próprio trabalho, elas são empurradas para isso pela falta de oportunidades para o que realmente queriam. Não temos afinidade com o trabalho, temos afinidade com o dinheiro que recebemos ao final do mês.

– Esse dinheiro vale a infelicidade de passar a vida toda dedicando seu tempo a algo que você despreza?

– Carlos, eu não diria que desprezo o Direito, apenas odeio a burocracia.

– Logo, você também odeia o Direito ou ele existe na atualidade sem burocracia?

– É, você tem um ponto... Acontece que eu cursei Direito para fazer Justiça, não para ficar preso em um escritório.

– Justiça? Por meio do Direito? No Brasil? Quem é o comediante agora?

– Eu sei, eu sei, foi um delírio da juventude que estou pagando agora.

– Mas o que te prende aqui? Por que não muda de área?

Nesse momento, Eduardo encara uma porta atrás das mesas, no fim daquele andar. Não se tratava de um local bem iluminado, muito pelo contrário, era um tanto quanto escuro em comparação com o resto do escritório. A porta era de madeira com lindas janelas de vidro ao redor. Havia uma placa na porta com o dizer ‘Recursos Humanos’. Carlos percebe o olhar de Eduardo para a porta e diz:

– Por que não entra lá? Seria tão fácil, bastaria pedir demissão.

– E como eu viveria, Carlos?

– Você já trabalha há um bom tempo, mora sozinho e não tem vida social. Certamente tem uma boa poupança guardada para um tempo considerável.

– Sua capacidade de notar essas coisas é assustadora.

– Vamos lá, o que te impede?

– E a nossa amizade?

– Ela não acabaria apenas por não compartilharmos o mesmo local de trabalho.

– E a Nicole?

– Você pode sair com ela mesmo não trabalhando aqui, seria até melhor, mais profissional, não que você se importe com profissionalismo.

– E para onde eu iria? O que eu poderia fazer?

– Aí já é com você,

– Não tenho certeza. O escritório me paga bem...

– É mesmo? Qual seria o valor da sua felicidade?

– Não sei, talvez uns oito mil por mês...

– Não precisava responder. E você ganha oito mil?! Eu só ganho quinhentos a mais e estou aqui cinco anos a mais que você!

– Sério? Então, vá nos Recursos Humanos, peça demissão, vá em busca da sua ‘felicidade’ também. Siga sua filosofia, Carlos.

– Boa dose de ironia, Eduardo. Mas estou satisfeito com meu trabalho e meu salário. Ainda sim, não sei por que você tem tanto medo de trocar de área. Direito não foi minha primeira formação, sabe? Mas foi a que me encontrei. E dizem que você consegue ganhar muito mais se trabalhar com o que gosta.

– Carlos, isso é apenas ficção. Seu salário não é ditado por quanto você gosta do seu trabalho, nem por quanto se dedica a ele, muito menos se teve que estudar bastante para fazê-lo. Seu salário é ditado por uma simples lei de oferta e demanda. Ora, em Universidades temos doutores e mais doutores que dedicaram décadas de vida aos estudos, mas ainda recebendo menos e trabalhando mais do que pessoas que estudaram bem menos ou mesmo nada.

– Está bem, tudo isso que você disse faz muito sentido, mas ainda não é o suficiente para te impedir de largar o emprego e procurar algo que te faça feliz. Um dia você envelhecerá e morrerá, não tem medo de se arrepender?

– Todos temos medo de nos arrependermos de algo, mas isso não nos faz tomar decisões precipitadas ou gerar grandes mudanças. Fora isso, se eu estiver muito arrependido antes de morrer, me converto a alguma religião e espero a próxima reencarnação.

– Edu, você pode até brincar com isso, mas a morte é certa, só temos uma chance. Falando sério, não tem medo da morte?

– “Não temo a morte. Já estive morto por bilhões de anos, antes de nascer, e isso não me causou o menor incômodo”. Acho que é de Mark Twain.

– É um lindo ditado, mas mesmo a racionalização da morte não nos impede de temê-la. Mais do que isso, não precisa temer a morte, apenas tema o fim da vida, são coisas distintas.

– São?

– Sim. A morte é a plena inexistência. O que não existe, nada sen-

te, nada o deixa feliz, por nada se entristece, por nada se arrepende. Mas o fim da vida, esse é aquele momento tão curto de transição, onde recapitulamos tudo o que fomos e choramos pelo que não fomos. Veja os rostos da maioria dos idosos, está estampado neles o mais puro arrependimento.

– Nossa, e ainda dizia que eu era o Sócrates contemporâneo...

– Nada que a vida não nos ensine, meu caro amigo.

– Disse o idoso de 35 anos...

– Idade é um detalhe. Mas se tem uma coisa que não pretendo me arrepender é da minha escolha de trabalho. É um terço do meu dia, um terço do seu também, quase um terço da sua vida descontando-se os anos da aposentadoria e a juventude.

– Carlos, você vê infelicidade no meu rosto todos os dias que venho para cá, mas talvez não seja só isso, talvez seja apenas a normalidade: acordar todos os dias nem triste demais para ser depressivo, nem feliz demais para parecer louco.

– Se esse vazio de sentido é normalidade, você quer realmente ser normal mesmo podendo tentar mudar tudo isso?

– É claro que não quero...

– Pois bem, Eduardo, você sabe o que fazer.

– Por que não fazemos um trato, então?

– Como assim?

– Eu peço demissão do escritório, chamo a Nicole para sair e você se divorcia da sua esposa.

– Ora, por que eu aceitaria esse trato? O que ganho com isso?

– Você ganha sua liberdade e a chance de buscar novamente a felicidade. Se não gostar de enxergar isso como um trato, pode ver como um desafio.

– Está falando sério?

– Totalmente.

Carlos reflete um pouco sobre o assunto, olha para os lados, se encontra visivelmente incomodado, ansioso. Passado um breve período que pareceu eterno em sua cabeça, Carlos responde:

– Tudo bem, eu aceito.

– Caramba, não imaginei que aceitaria tão fácil.

– Olha quem fala, bastou umas palavras bonitas para te fazer largar o emprego e ganhar confiança para chamar sua paixão para sair.

– Pode até ser, mas hoje será o dia em que nossas vidas mudarão definitivamente!

Eduardo e Carlos voltam a trabalhar para que o dia passe habitualmente de sua maneira mais entediante possível. Começa a escurecer, Eduardo decide que é o momento ideal para conversar com Nicole e se dirige até ela, falando com nervosismo:

– Oi!!!!, Nicole.

Nicole estava digitando algumas coisas. Ela para e exhibe uma feição surpresa ao olhar para Eduardo. Logo ela responde:

– Oi, Eduardo.

Se torna extremamente evidente como Eduardo fica surpreso ao perceber que ela sabe seu nome. Logo, Nicole continua:

– Você não conversa muito comigo, o que aconteceu?

– É que não costumamos ter tanto tempo assim no escritório. Mas eu queria te perguntar há um tempo: quer sair algum dia desses? Se não quiser, está tudo bem, sei como todos estamos bem ocupados.

– Hummm, não sei, tenho que fazer algumas petições ainda, mas de noite eu te respondo, você tem meu número?

– Não, não tenho.

Eduardo e Nicole trocam seus números e se despedem. Nicole vai embora. Eduardo retorna à sua mesa e logo Carlos questiona:

– E aí, como foi?!

– Não sei, um tanto quanto indefinido, ela parecia bem ocupada.

- Mas ocupada de verdade ou ocupada para você?!
- Não sei, não sei!
- De toda forma, ainda não foi um não, então você ainda tem chances.
- É, o resultado ainda está indefinido.
- Vou para casa agora cumprir minha parte. Não vou te esperar, mas não se esqueça de passar nos recursos humanos e cumprir a segunda parte do seu ‘desafio’.
- Por que eu tinha que ter dois desafios? Não me parece justo.
- A proposta foi sua.
- Tudo bem, tudo bem. Até amanhã.
- Na verdade, se tudo der certo, espero que você não esteja aqui amanhã. Então, até mais.
- É verdade, até mais.

Carlos vai embora e Eduardo se dirige para a sala de recursos humanos. O dia já escureceu totalmente. A anteriormente mal iluminada frente daquela sala se torna ainda mais escura. O nervoso rosto de Eduardo é iluminado levemente por uma fraca luz que atravessa as janelas do andar. Ele já se encontra exatamente na frente da linda porta de madeira, olhando-a fixamente. Eduardo então decide pegar o celular e verificar no aplicativo de mensagens se Nicole já respondeu sobre o convite. Ele encara o aplicativo por um bom tempo, esperando a mensagem. Um frio entra pelas janelas do escritório que, somado ao ar condicionado, faz Eduardo ter um arrepio por todo o corpo. Suas mãos se encontram geladas. Ele passa mais alguns minutos aguardando a mensagem. Após um tempo considerável, Eduardo guarda o celular e encara mais uma vez a porta de madeira com suas texturas luxuosas. Eduardo dá um passo em falso para frente, mas olha novamente ao celular em seu bolso. Logo, ele dá meia volta, começa a andar, chega nas escadas do escritório, mas as ignora. Chega ao elevador

e toca no botão para chamá-lo. O elevador chega e Eduardo entra nele rumo ao térreo. Já no carro, Eduardo sai da garagem do escritório, seu celular se encontra no porta-luvas. Os olhos de Eduardo estão mais mortos do que nunca, sua feição é de plena tristeza e decepção. É possível sentir uma pequena vibração no porta-luvas, Eduardo prestaria atenção nisso se não estivesse tão cabisbaixo. E, se Eduardo pudesse ver a tela do celular naquele momento, veria um simples e breve “estou disponível, quando e onde podemos ir?”.

No outro lado da cidade, vemos Carlos, chegando em frente a sua casa. No portão está sua esposa que também parece ter acabado de chegar. Carlos a encara por um instante. O luar se reflete sobre o rosto de Amélia, mostrando as feições de alguém que teve um dia normal, mas ainda cansativo. Carlos volta sua visão para o anel de casamento em seu dedo. Toca nele com a outra mão e tenta sentir a textura das letras que ali estão gravadas. Seu nervosismo se torna extremamente perceptível, suas pernas tremem mesmo estando sentado no banco do carro. Ele sente o suor na testa e acha estranho, pois se trata de uma noite fria. Ele olha mais uma vez para o anel e depois para a esposa. Ele respira fundo e finalmente sai do carro em direção a ela. Amélia vê Carlos e logo diz:

- Nossa, como você demorou.
- Foi o trânsito, amor.
- Tudo bem, eu já pedi o jantar, vamos entrar.
- Vamos, não vejo a hora de comer, estou morrendo de fome...

É possível notar que as palavras de Carlos não coincidem com sua tristonha expressão, mas Amélia nem nota, pois está acostumada com essa face há algum tempo. Os dois entram na casa e fecham o portão. O frio daquela noite se torna mais intenso e um silêncio atormentador se constrói naquela rua.







# Um Tormento Viral

LAYANE MOURA SILVA

Sussurros permeiam minha nuca enquanto abro os meus olhos. Em meus passos, sinto meu peso se esvaindo, como se eu flutuasse em um vão desconhecido. As minhas pisadas caminham desnorteadas, seguindo trajetos por dentro de corredores obscuros e à medida que as luzes piscam a minha respiração fica mais acelerada.

– Onde eu estou? – me questiono em voz alta, mas as minhas palavras se perdem no vazio rapidamente.

– Tem alguém aí? – pergunto novamente, esperando em vão uma resposta.

Por um momento, cesso os meus passos e fecho os meus olhos, numa tentativa de lembrar como eu vim parar aqui. No entanto, não encontro nenhum lapso de memória sequer que me mostre o que aconteceu. A frustração e o desespero ficam estampados no meu rosto ao abrir novamente os olhos, à medida que volto a andar. Dessa vez, caminho com mais agonia, sintonizando com o restante do meu corpo, o qual fica em alerta em resposta ao desconhecido.

– Será que morri? – sussurro enquanto a minha voz vai se perdendo, apertada pelo medo.

Em seguida, a iluminação oscila algumas vezes, até que as luzes se acalmam, mantendo-se acesas e estáveis, revelando onde estou. Meus olhos percorrem de um canto a outro e vejo macas ao longo do corredor à minha frente, enquanto ao lado tem um balcão sucateado, com folhas dispostas no chão com a frase “não há vagas”. No entanto, apesar do ambiente estar inundado no caos, reconheço este lugar: é o hospital universitário. Mas não é apenas o ambiente conturbado que incomoda as minhas entranhas, é também o vazio. Não vejo ninguém além de mim, o que destoia do que é comum para este lugar. Consequentemente, um nó se forma na minha garganta, pois agora tenho certeza que estou sozinha aqui.

– Onde estão todos? – falo mais uma vez para o vazio – Será que todos desistiram? – questiono novamente, agora com a voz trêmula, enquanto meus pensamentos passeiam pelo último ano, em que vi muitos colegas trancando o curso.

Então, cresce ainda mais o aperto no meu peito por desconhecer como vim parar aqui e o medo alcança os meus pés, os quais começam a correr para o mais longe possível. Na aflição, vou seguindo sem raciocinar onde é a saída, e adentro em corredores cada vez mais distantes. Porém, algo chama a minha atenção e paro subitamente, e para evitar que eu caia, pouse as minhas mãos no balcão sucateado para sustentar meu corpo que pendeu para frente. Com os olhos incrédulos, observo o balcão... É o mesmo balcão de onde eu estava! Observo ao redor e constato as mesmas macas e os mesmos papéis no chão.

– Como vim parar aqui novamente? – minha voz ofegante denuncia minha confusão.

Angustiada, corro novamente, dessa vez indo mais longe e, para a minha surpresa, encontro a porta que leva às escadas. Assim, desço os degraus sem olhar para trás, fugindo de todo esse caos. Ao chegar no térreo, saio porta a fora rumo à saída, mas ao olhar para o que está a minha frente me fez perder as forças. Vejo novamente o mesmo balcão, o mesmo corredor, os mesmos papéis. Então, a agonia caminha pelo meu corpo e a ficha cai sobre o meu rosto. Será essa a minha vida daqui para frente? Que não importa por onde eu ande, o quanto eu corra, nunca sairei do lugar. A minha vida estagnou? Talvez o mundo não seja mais o mesmo, visto que não existe mais o “normal”, e a perspectiva de chegar onde almejava é uma esperança sem fundamentos.

Repentinamente, o chão treme abaixo dos meus pés, ao passo que ouço o caminho ensurdecido das rachaduras se formando nas janelas, até que todos os vidros se estilhaçam de vez e, como um reflexo de defesa, me encolho no chão com as mãos protegendo o meu rosto. Escapa da minha boca um grito, um grito de socorro. Em seguida, sinto a minha estrutura se desfazendo, instalando-se a instabilidade, assim como o chão. Sinto também o controle dos meus sonhos e da minha vida escapando de minhas mãos, assim como os vidros se dispersaram.

– Isso tudo é um retrato da minha vida – observo – O mundo está se desfazendo e eu junto a ele.

Ao me levantar, sinto algo gelado em minhas mãos e ao olhar para elas eu vejo um estetoscópio. O meu estetoscópio. E, antes que eu consiga entender o porquê ele surgiu, ouço batimentos cardíacos ecoando

nos meus ouvidos. Os batimentos se tornam cada vez mais irregulares e frenéticos, me fazendo olhar para todos os lados buscando a sua origem. Até que então solto o estetoscópio e, à medida que ele cai no chão, um monitor surge na minha frente, desenhando os batimentos em sua tela, até que o estetoscópio repousa finalmente no piso e a linha no monitor se torna reta, em sincronia com o barulho que cessa.

– Não existe mais sonho – sussurro. – Ele morreu? – questiono, porém, mais uma vez não ouço respostas.

– Eu quero sair daqui! – grito num último ato de esperança.

Ao piscar os olhos, sinto uma brisa percorrer pelos meus membros e noto que estou em outro lugar. Logo em seguida, uma sensação de alívio me abraça gentilmente, me trazendo paz por não estar mais no hospital universitário, onde acreditei que nunca mais iria sair. No entanto, o sentimento de liberdade vai sendo diluído à medida que as imagens do local onde estou vão sendo processadas no meu cérebro. Percebo uma pista extensa, tendo nas calçadas lojas e mais lojas, todas vazias e sem qualquer sinal de vida, as quais estão ornamentadas com letreiros escrito “pandemia”.

Os letreiros são de LED, com cores vivas, as quais destoam do ambiente apagado dos manequins das vitrines, porquanto estão despidos de roupa e de brilho, com membros quebrados e alguns caídos no chão, caracterizando um ambiente tão caótico quanto o hospital universitário. E, ao observar as fachadas desbotadas de algumas lojas, reconheço que esse é o centro da cidade. Percebo, então, que continuo sozinha, acompanhada apenas do medo.

– Alguém me fala o que está acontecendo! – grito já quase em meio a lágrimas – por favor! – imploro.

Segundos se passam e o céu vai se fechando com nuvens escuras, obliterando a luz do sol. Inesperadamente, começa a trovejar forte, antecedendo o barulho ensurdecido da chuva. Em resposta, cubro-me com o meu casaco, mas algo não está certo: eu não estou me molhando. Então, ao olhar para o meu corpo seco e, em seguida, para o céu, vejo máscaras caindo no lugar da chuva e elas vão revestindo o chão, até que ele desaparece. Porém, antes que eu tente fugir desse lugar, noto o horizonte embaçado à minha frente, distorcido, porquanto reflete a minha perspectiva sobre futuro, traduzindo os meus medos e incertezas sobre o amanhã. O amanhã que desconheço, que me aflige.

Em seguida, sinto a minha ansiedade se materializando como uma sombra abstrata avançando sobre mim, enquanto vou me encolhendo e descendo ao chão, como uma criança indefesa sufocada pelos seus próprios receios.

– Desista! – a sombra grita em minha direção, com um tom que abala o chão.

– Não! – retruco, mesmo sem voz.

Por um instante, a sombra se mantém imóvel a uma distância de um metro dos meus olhos. Sem opção, permaneço onde estou, encarando-a sem piscar, até que o meu coração começa acelerar novamente. No entanto, antes que eu pudesse perceber, a sombra se desloca, vindo até a mim. Em resposta, me arrasto para trás ainda caída no chão, me atrapalhando com as inúmeras máscaras ali repousadas, até que levanto e corro o mais rápido que consigo para longe do perigo. Porém, num ato súbito, sinto um aperto no meu tornozelo direito e, ao olhar para os meus pés, vejo a sombra me puxando, até que abraço novamente o asfalto, com o rosto sobre as máscaras. Sem pensar duas

vezes, giro o meu corpo e a avisto outra vez. Logo em seguida, a chuto com o pé que está preso, mas ela não me larga.

- Me solta! – grito em sua direção.
- Desista! – insiste a sombra.
- Não – retruco mais uma vez, agora ofegante.

Incessantemente, a chuto com toda força que tenho, até que consigo me soltar, o que faz com que eu me levante outra vez e corra sem olhar para trás. Todavia, minhas esperanças se esvaem ao passo que vejo um muro de concreto nascer do asfalto logo à frente. A parede se ergue tão rapidamente que logo a alcanço, cessando os meus passos bruscamente. Em seguida, volto o corpo para a sombra, me rendendo ao caos, porquanto não avisto nenhuma outra saída.

- Eu desisto – falo com uma lágrima descendo do olho, ecoando a minha rendição.

A sombra, então, se joga sobre mim, cobrindo qualquer vestígio do céu, mas antes que ela me sufoque, o chão se desfaz sob meus pés e caio, sendo puxada com força pela gravidade, ao mesmo tempo que sinto os medos e a ansiedade se distanciando de mim. Finalmente, alcanço o chão firme, o qual reconheço quase que de imediato, o que me traz ainda mais alívio ao meu coração.

É o meu quarto.

Todavia, os meus olhos se espantam ao notar uma versão duplicada de mim sentada junto à mesa de estudos, mexendo no celular. Sem saber como reagir, me aproximo, mas ela não aparenta notar a minha presença. Um instante se passa e ouço batidas na porta do quarto e, numa resposta regida pelo hábito, vou em direção à maçaneta, mas a



minha outra versão passa a frente e abre a porta, revelando a minha mãe que aguarda impaciente do lado de fora.

– Filha, sua aula é agora ou mais tarde?

– É agora, mãe. Já vou ligar o notebook – ela responde com a voz desanimada.

– Tudo bem, então daqui a pouco trago um lanchinho pra você. Pode ser?

– Não precisa, mãe. Estou sem fome agora.

– Tem certeza? – pergunta ela com a feição preocupada.

– Tenho sim.

– Então tá bom. Mas você está bem, querida? – questiona ela, ainda preocupada.

– Sim, mãe – ela responde, mas tanto eu quanto minha mãe percebemos que não há sinceridade em sua resposta.

Ainda assim, ela sai deixando a minha outra versão sozinha no quarto, porquanto conhece a sua filha muito bem e sabe que ela quer ficar sozinha nesse momento, mesmo que doa no seu peito fazer isso.

Em seguida, a outra de mim senta-se novamente na cadeira da sua mesa de estudos e abre a aula pelo notebook, fazendo cada passo com desânimo e lentidão. Os minutos vão se passando e a observo, vendo de fora o meu sofrimento pela primeira vez. Além disso, apesar da aula, ela me parece distraída, perdida num mundo virtual, que em vez de tornar o conhecimento mais acessível, o torna cada vez mais distante. De repente, o vídeo desaparece da tela do notebook, sendo substituído por palavras aleatórias, que vão surgindo e se sobrepondo umas às outras, que no final não trazem sentido algum. Logo após, observo ela colocando as mãos sobre a cabeça e os cotovelos apoiados na mesa, num gesto de desespero e desesperança. Seus ombros sobem e descem, acompa-

nhando as lágrimas que começam a surgir do seu rosto cansado. Então, ela fecha a tela do notebook e segue até a cama, onde se deita e encontra o seu único refúgio. Os seus olhos vão ficando cada vez mais pesados, numa fusão entre o choro e o sono e a sua consciência vai se esvaindo.

Alguns segundos se passam, até que avisto no teto de gesso a sombra se formando outra vez. Meus olhos incrédulos não acreditam que vai começar aquela tortura novamente, ao passo que sinto a boca secar em reflexo ao perigo acima de mim. Então, a sombra desce sem pressa e de maneira traiçoeira, imitando uma folha seca caindo de uma árvore, pronta para dar o bote a qualquer momento. No entanto, ela não se aproxima de mim, porquanto parece nem notar a minha presença. Em vez disso, ela vai repousando lentamente sobre a versão duplicada de mim, em contrapartida do meu desespero que cresce rapidamente.

– Sai daí! – tento espantá-la com as minhas mãos, mas a sombra continua a me ignorar.

Minha angústia vai aumentando à medida que emerge da sombra várias ramificações, assim como braços, que vai enlaçando de pouco a pouco o meu outro corpo deitado na cama.

– Acorda! – grito com todas as minhas forças, mas ela não desperta.

– Acorda! – exclamo mais uma vez, mas agora a voz que ecoou no quarto não saiu da minha boca. Em seguida, franzo a minha testa, sem entender o que está acontecendo.

– Acorda! – o grito me traz de volta a realidade de forma abrupta, e sinto o meu corpo sendo arrancado de um pesadelo.

– O que está acontecendo? – pergunto sem pensar.

– Você parecia estar em coma! – responde uma voz familiar.

Então eu pisco várias vezes e reconheço onde estou, é uma sala de aula da minha universidade. Olho para o lado e vejo a minha amiga com a feição preocupada, esperando eu dizer mais alguma coisa. Em seguida, percebo que a sala está cheia de alunos e um professor leciona à minha frente. Além disso, uma sensação estranha passeia pelo corpo, enquanto percebo que somente agora estou vivendo a realidade. “Tudo aquilo foi um sonho?” penso.

– Ei, você está bem? – minha amiga questiona, me tirando do transe mais uma vez.

– Sim – digo e olho para ela. – Só estava distraída – “muito distraída, por sinal” completo mentalmente.

– Na verdade, acho que você estava dormindo num sono bem pesado. Quase que não acorda! – ela retruca.

– Sim – falo em meio a um riso – acho que não dormi muito bem ontem à noite, eu estava ansiosa por essa primeira aula presencial depois de anos – as palavras vão saindo da minha boca ao passo que minhas memórias retornam, o que me traz alívio ao entender o que aconteceu e a certeza que não enlouqueci.

O sinal toca, o qual me assusta, e, logo em seguida, o professor dispensa a classe. Subitamente, uma onda de alegria ascende no corpo e sinto a adrenalina fluir no meu sangue. Então, me levanto da cadeira com leveza, pego as minhas coisas e permeio entre as pessoas para poder sair da sala o mais rápido possível.

– Onde você está indo? – minha amiga grita lá do fundo do cômodo.

– Eu preciso ver uma coisa! – respondo sem nem sequer olhar para trás.

Meus pés percorrem os corredores que conheço tão bem e só se aquietam após sair do prédio. A seguir, as minhas pupilas se adaptam à luz forte do dia ensolarado e, sem pensar duas vezes, abaixo a máscara que está no meu rosto e respiro profundamente, deixando que o ar da liberdade adentre nos meus pulmões.

Olho o que está a minha frente e sinto meus músculos relaxarem, despindo-se de toda a tensão que os limitavam. Vejo pessoas fazendo caminhada e exercícios físicos, vejo idosos jogando baralho numa mesa dispersa na praça, observo crianças brincando no parquinho enquanto os pais partilham histórias, observo colegas meus passando por mim e conversando entre si, sorrindo e se divertindo.

Perdida nos meus próprios devaneios, abro a minha mochila e pego o meu estetoscópio. Em seguida, o coloco nos meus ouvidos e ausculto o meu coração. O som dos batimentos regulares e rítmicos me acalma, pois, ainda há vida e se há vida, há um porquê não desistir.

– O que você está fazendo? – minha amiga surge e sua expressão revela estranhamento.

– Nada – respondo e rio ao mesmo tempo, desconcertada e sem saber explicar. No entanto, ela não parece muito convencida com a minha resposta, o que é de se esperar.

– Mas as coisas mudaram, não é? – pergunto, mudando totalmente de assunto e tentando fugir da sua pergunta anterior, enquanto guardo o estetoscópio na mochila.

– Como assim? O que mudou? – retruca, ainda mais confusa que antes.

– As coisas estão voltando ao normal – respondo sem esconder o sorriso no rosto – as aulas estão sendo presenciais, as pessoas estão nas ruas, têm crianças brincando no parque – completo.

– Ah, sim! – ela sorri – Finalmente está voltando, eu não aguenta-

va mais! – ela confessa.

– Nem eu! – digo e solto uma risada, a qual reflete o alívio que estou sentindo mais do que qualquer outra coisa em não estar presa no pesadelo de outrora.

– É por isso que você está estranha hoje? – pergunta, interrompendo os meus pensamentos.

– Digamos que sim – respondo vagamente, mesmo sabendo que a sua vontade é que eu destrincha mais, para que ela entenda o que está acontecendo. No entanto, têm coisas, assim como o pesadelo passado, que devem ser deixadas para trás.

Em seguida, coloco o braço nos ombros dela e andamos juntas em direção ao ponto de ônibus. Agora, eu posso ver o horizonte à nossa frente, dessa vez cheio de vida e repleto de oportunidades.



# A identidade Napolitano

**SAMUEL SANTOS**

Na Antiguidade, o nome era a própria identidade de uma pessoa, segundo minhas pesquisas. Ele representava tudo que a pessoa tinha sido, mesmo desde antes de seu nascimento. Era a sua expressão existencial, seu espírito e sua memória. Alguns faraós egípcios – não me lembro ao certo, talvez Marcos Costa, do Departamento de Ciências Humanas e Sociais, pudesse ser mais específico que eu neste sentido – tiveram seus nomes apagados. Esse fato, que não sei se aconteceu (e sobre o qual eu li ou se imaginei ter lido), depois de minha incessante pesquisa sobre esse assunto que me perturbou tanto depois de dezembro de 2020, me fez pensar o quanto poderia ser desonroso para um monarca em uma sociedade como a egípcia ser completamente esquecido pelos seus, até mesmo depois de talvez ter realizado obras tão grandiosas, que também podem muito bem ter sido demolidas, remodeladas, sobrepostas novas inscrições, com outros nomes, criando outras memórias.

Em um calhamaço que me causou anipnia por algumas noites, descobri que existia toda uma cultura sobre apagar uma ficha, como nós modernos podemos nos afeiçoar mais nesse quesito. Eu sou professor de Psicopatologia na Universidade Osório Castro e um dos professores que compõem a comissão editorial da revista de Psicanálise

da mesma universidade. Me tornei psicólogo muito novo, terminei meus estudos antes dos dezoito anos, nasci em 1981. Logo em seguida, iniciei minha formação em psicanálise; tive a oportunidade de ouvir alguns nomes imponentes desse campo em outros países. Passei uma temporada na França, tendo contato com pessoas que estudaram com o próprio Lacan. Aproveitei e fiz meu mestrado e doutorado na Sorbonne. Mas não tinha vaidades, estava em uma espiral de apatia que consumiu minha vontade de me dedicar a projetos grandiosos. Eu não nasci em Porto Matronal; aliás, me considero alguém sem pátria, sem terra natal – sem um lugar, como professava Jesus Cristo, para repousar a minha cabeça.

Em agosto de 2007, iniciei uma série de pesquisas que acabaram sendo introduzidas depois no meu ofício de professor universitário na Osório Castro. Alguns de meus alunos, que não esperava – uma vez que vejo sempre nos jovens um desassossego que não sou capaz de rememorar em mim mesmo –, findaram também participando desses empreendimentos. Depois de relutar por algum tempo, me afeiçoei à docência, não me importando com outros sonhos que um dia me foram tão caros.

Entretanto, apesar de eu não me preocupar com os rumos que a minha vida tomava, sabia que nenhuma felicidade é capaz de perdurar. Em junho de 2018, a Universidade Osório Castro iniciou um corte de investimentos destinados às pesquisas na universidade. Uma parte significativa do meu trabalho, e do que estava tentando fazer lá no campo da Psicopatologia da vida cotidiana, foi afetado por isso – o que não me surpreendeu, embora tenha me decepcionado muito. Pensei que talvez nunca devesse ter regressado da França, que devia ter consumido meus dias em Paris, com um consultório improvisado em algum casebre em Montmartre, que talvez devesse ter passado mais tempo contemplando o Sena e caminhando por aqueles bulevares, em



uma dedicação enfadonha à clínica. Talvez fosse melhor que se aventurar pelo magistério em uma nação que desdenha da educação de forma tão categórica, como eu já sabia desde muito jovem.

Há um ditado, mas talvez seja apenas eu lembrando de alguns dos postulados que chamam com certa jocosidade de Leis de Murphy, que diz que não há nada de ruim que não possa piorar. E de fato piorou, os cortes se intensificaram em janeiro de 2019, me fazendo praticamente sepultar a maioria esmagadora de minhas pesquisas, inclusive uma que terminaria na escrita de um livro sobre sociopatologia, um tema que estava obsessivamente renascendo em mim a cada temporada de solidão mais amedrontadora. Em um primeiro impulso, pensei em me desligar da universidade e procurar refúgio no Paraguai. Depois, calculei que seria muito penoso para alguém sem muito vigor emocional se entregar a profundas cisões. O melhor seria encontrar alguma saída para os meus problemas e não tentar resolvê-los fugindo deles como um endemoninhado fugia daquele que o libertaria de sua condição maldita.

Daniel Castanheda era professor da Escola de Medicina da Universidade Osório Castro e não aprovava a política da instituição, tendo me confessado que se isso se intensificasse, tencionava protestar de forma mais agressiva. Uma vez que ele era um desses espécimes quase anarcossindicalistas – se não era de todo, nunca tive muito traquejo para doutrinas sociais – imaginei que sua manifestação traria sérios prejuízos para a universidade; se o reitor sequer imaginasse isso, teria uma longa conversa com Daniel para demovê-lo de seus intentos brutais, como certamente os consideraria. Em uma conversa que tivemos em uma das salas de aula, depois de um aborrecedor congresso que nenhum de nós desejara participar naquele ano tão insípido, ele me propôs a realização de um jantar com a elite social de Porto Matronal para tentar angariar fundos para as minhas pesquisas; o seu

maior intento era, de fato, uma vez que não se absteve de deixar claro, assegurar a publicação do meu livro, que acreditava ser um trabalho necessário para aguçar a reflexão de nossa época. Cumpre dizer que ignoro por completo o significado de suas palavras, mas fiquei empolgado com sua proposta e pedi que fizesse aquela caridade, certamente seria muito grato e tentaria retribuí-la assim que possível.

O jantar foi organizado quase que inteiramente por ele, com minha ajuda muito tímida; eu nunca tinha feito algo similar, sequer tinha um único nome para acrescentar à lista de convidados. Minha quase famigerada misantropia, embora eu não achasse que chegasse a tanto, me fazia uma pessoa de quase nenhuma relação social. Não conhecia muitas pessoas além das que tinha contato por meio da universidade, e mesmo assim eram contatos muito superficiais, que não nos fazia grandes amigos. É muito fácil concluir que eu era quase um recluso, aquela pessoa de quem quase ninguém tinha vontade de se aproximar, talvez por me julgarem presunçoso, quando não me julgassem esquisito. Alguns de meus alunos chegaram a me confidenciar que tinham um leve temor ao saber que seria seu professor, todos sabiam de minha formação na França e isso parecia assustador. Embora eu não fosse o único professor que tinha estudado na Europa, era o único que tinha frequentado a Sorbonne, isso em si parecia para quase todos um fato extraordinário. Eu não considerava algo corriqueiro, mas julgava tais ideias um tanto exageradas; a meu ver, tanto Coimbra quanto Salamanca eram universidades tão extraordinárias quanto a Sorbonne.

No dia do jantar, pedi a ajuda de uma amiga para me entrosar com os convidados. Daniel naturalmente me apresentaria a todos eles, ou tentaria fazer isso com aqueles que estivessem inclinados a esse contato. Eram todos supostamente filantropos, mecenas ou qualquer coisa entre uma coisa e outra. Eu não sabia ao certo, estava muito temeroso que tudo fosse um fracasso e eu ainda me expusesse a uma

situação ridícula. Helena Vasconcelos, que era também do Departamento de Psicologia, tentou me convencer que tudo sairia bem, que minhas preocupações eram um despropósito. Assim que entrei no saguão – o jantar fora organizado no auditório da universidade –, me senti um ser estranho em uma terra estranha, aquele definitivamente não era o meu mundo. Tanto Helena como Daniel me tomaram pelo braço e me conduziram aos comensais. Aquele não parecia nem de perto o banquete de Platão; eu, de minha parte vergonhosa, estava me sentindo um inútil. Não conseguia ser simpático, era sempre muito tosco, até mesmo na forma de me comunicar com aquelas pessoas. Ali tinha comerciantes, empresários, políticos, altos funcionários públicos, magistrados, pessoas com as quais eu não sabia entrar em contato sem cometer alguma gafe.

Helena me entregou uma taça de vinho e deixou-me perto da enorme mesa, na qual seria servido o jantar. Disse que voltaria logo e que eu não fizesse mais nenhuma sandice. Perguntei-lhe o que devia fazer, então, uma vez que desde que entrara naquele lugar só tinha cometido erros grosseiros. Ela sorriu-me e disse que eu devia tentar fingir que estava tudo na mais perfeita normalidade, inclusive que eu não precisava ser tão artificial. Naturalidade não deve ser um produto difícil para um psicanalista, gracejou ela. Beberiquei o vinho e contemplei as pessoas, observei Daniel se movimentar entre elas, com tanta destreza, com tanta soberba espontânea. Traquejo para contato social era o que me faltava, assenti para mim mesmo que talvez isso nunca viesse a acontecer. Foi então que ela se aproximou, Minerva Napolitano. Era uma matrona que se vestia com o mais apurado requinte, com um ar imponente e nobre, um olhar esquivo e ao mesmo tempo condescendente. Seus lábios eram finos e tinham um desenho muito preciso, quase como uma arte final oriental. Não era possível acompanhar seus trejeitos, ela era muito movediça, e seus gestos eram coesos

que se confundiam com todo o conjunto; sua fala era graciosa e seu léxico parecia que estávamos diante de um fenotexto.

– Salvador Campos, presumo – ela disse.

– Sim, sou eu – respondi, tacanho.

– Posso lhe acompanhar em mais uma taça desse Bordeaux?

– É um Bordeaux? – foi minha desastrosa resposta.

Nunca responda uma pergunta com outra pergunta. Não só é descortês como muito deselegante. Parece que eu ouvia minha instrutora de etiqueta me sussurrar ao pé do ouvido. Agora era tarde demais, o que poderia fazer era não cometer mais algum solecismo.

– Para quem viveu em Paris, conhece muito pouco sobre vinhos. O que certamente impõe outras distrações naquela cidade falsamente burguesa – disse-me sorrindo.

Tentei retribuir o sorriso, talvez tenha sido um tanto exagerado.

– Acho que Paris não é mesmo burguesa. É o berço de um mar infinito de revoluções – disse.

– A primeira dessas grandes revoluções, a de 1789, era burguesa – ela disse, tranquila e pensativa.

Enrubesci de vergonha, não conseguia lembrar de detalhes bobos que tinha aprendido nas aulas de História quando ainda cursava o ginásio. Eu era de fato um belo desastre. Logo Daniel se aproximou de nós e se interpôs naquela conversa desajeitada, ao menos de minha parte. Não tardou muito para que Minerva se encaminhasse a outras pessoas presentes no jantar. Tentei não me aventurar em mais nenhuma conversa com aquelas pessoas; eram, apesar de meu talento para análise, indecifráveis para mim naquele ambiente. Não sei dizer exatamente o que me perturbava, talvez aquela iluminação muito tênue, aquela música – que me pareceu muito agitada para um evento daquela natureza –, ou até mesmo a decoração – que não me soava muito delicada, como eu imaginava que deveria ser em um jantar que tinha

a intenção despudorada de pedir dinheiro a pessoas muito abastadas para que um estranho continuasse sua pesquisa (quase incompreensível para todos ali) e publicasse em seguida um livro que certamente nenhum deles leria. Troquei algumas poucas palavras, tomei mais algumas doses de vinho, uns sorrisinhos, apertos de mão, gestos comedidos. E isso foi tudo naquela noite, nada mais de especial; em minha avaliação, tinha sido uma catástrofe.

Aproximadamente uma semana depois, recebi Daniel em minha sala na universidade. Eu estava debruçado sobre uns ensaios que tinha solicitado de meus alunos, com algumas leituras tímidas que pedira sobre livros de Freud e Lacan, para apenas me decepcionar com o resultado. Ele chegou muito sorridente e humorado, logo eu soube que tinha boas notícias para me dar sobre o jantar. Disse-me então que tudo tinha corrido bem, até mais do que o esperado. De uma forma geral, tinha arrecadado capital para muitos anos de pesquisa, ao que não acreditei de pronto. Pedi-lhe explicações sobre o fato; ele assegurou-me que não havia engano, mas talvez eu devesse visitar uma pessoa em especial para lhe agradecer. Todos os comensais doaram uma quantia até razoável, mas Minerva Napolitano fez a doação de uma soma altíssima, sem qualquer exigência de contrapartida, acrescentou de imediato. Sim, isso me deixou muito perturbado no mesmo instante, eu não sabia sequer o que dizer, tampouco o que pensar. Eu não conhecia Minerva Napolitano e quase ninguém em Porto Matronal. Ela estava na cidade supostamente a passeio, mas não tinha nenhum vínculo familiar ali. O que uma viúva bilionária estava fazendo em uma cidade provinciana? Talvez as pessoas não fizessem uma pergunta dessa natureza, mas isso não me escapou. Que mistérios poderiam estar ali ocultos? Não parava de pensar sobre a questão e disse a Daniel que marcaria uma visita para agradecê-la por sua generosidade, o que não chegava nem perto de expressar o

que fizera, dada a enorme cifra doada, como ele me exibiu no relatório do jantar.

O próprio Daniel me ajudou entrar em contato com o secretário de Minerva Napolitano, que disse que ela estava indisposta e só poderia me receber para uma entrevista depois de uma semana. Não fazíamos ideia de que pretendia permanecer tanto tempo em Porto Matronal, agradecemos a gentileza dela se dispor a me receber e desejamos que ela logo estivesse bem. Por alguns minutos, Daniel me forneceu mais informações sobre aquela mulher, eu já tinha me adiantado e lido alguns artigos que encontrara na internet, sempre faziam menção ao seu falecido marido, que segundo a imprensa era um sujeito muito hábil nos negócios, embora fosse um espécime extremamente arrogante. Não perdi o meu tempo pesquisando um sujeito que não estava mais entre nós, quem de fato me interessava era essa senhora do mundo dos vivos, que trazia certos mistérios. Viajava muito, fazia aquisições incomuns, criava empreendimentos que sempre lhe asseguravam lucros exorbitantes, e, com uma precisão matemática, sempre desaparecia sem deixar vestígios, retornando ao universo empresarial algum tempo depois, com algo ainda mais fabuloso, grandioso, eloquente. Eu não sabia como avaliar aquela mulher, estava cada vez mais curioso sobre ela. O que mais me intrigava é que sua doação permitiria que minha pesquisa se prolongasse por muitas gerações, e ela fez questão de destacar isso por meio de um documento que protocolava o processo de transferência dos recursos financeiros para a universidade.

Minerva, quando pôde me receber, enviou alguém para me levar até ela. Estava hospedada em uma mansão que alugara especificamente para o tempo em que permaneceria em Porto Matronal. Eu conhecia a propriedade, pertencia a um dos sujeitos mais fanfarrões da cidade, que lá tinha promovido muitas festas e alguns eventos que eu participara, grande parte deles ligados à universidade. Quando che-

guei, fui logo conduzido a uma sala em que estava servido um chá com alguns doces e salgados. Informaram-me que ela estaria em alguns instantes comigo; que a aguardasse, pois não demoraria. Fiquei de pé, esperando que minha anfitriã chegasse e me convidasse a sentar-me à sua mesa para compartilhar do seu chá da tarde. A prataria, as iguarias, o horário, nada me fez duvidar que ela não fosse uma de nós. O interesse pelo chá à tarde pode parecer um costume estrangeiro, mas em Porto Matronal e nas imediações não era tão estranho, o que não significava que ela fosse de nosso círculo, apenas que tinha assimilado um traço esquivo da nossa cultura local.

– Oh, Sr. Campos, estava ansiosa por revê-lo – disse-me assim que entrou na sala.

Estava metida em trajes informais, despenteada e com uma expressão muito abatida. Não fiz nenhum comentário sobre sua indisposição anterior, apenas agradeci por ter me recebido. Estava um pouco perturbado, notara nela algo familiar que não sabia explicar.

– Foi muita gentileza me receber em sua casa – disse, acanhado.

– Não foi nada, eu precisava mesmo lhe narrar uma historieta. Por favor, sirva-se. Se desejar café ou suco, peço ao Aroldo que prepare. O senhor deseja?

– Não, Sra. Napolitano, o chá está ótimo... Obrigado – apressei-me a responder. – Disse uma historieta?

– Oh, sim. Uma trama muito curta, de fato. E muito singular. Esta minha estadia em Porto Matronal foi tão somente para isso, desta vez. Eu tive de me certificar de algumas coisas antes, não poderia ter lhe narrado o que narrarei antes disso – disse-me, com um olhar vago que não se detinha em nada diante de si.

Então, ela pôs-se, depois de tomar um gole de chá, a narrar:

Damon e Pítias se tornaram amigos desde que um deles foi atacado por garotos perversos, que quase o mutilaram a pancadas. Pí-

tias era mais novo, mas tinha uma força sobrecomum, bem como um porte de destemido cavaleiro, e sua honradez e destemor não eram inferiores à de um nobre. Seguiram juntos por toda a infância, sempre compartilhando seus medos, suas angústias, seus sonhos e desejos. Estavam sempre próximos, estudaram na mesma escola, a única do lugar onde viviam, e exploraram o universo do qual faziam parte com muito afinco, com muita paixão. Entretanto, Damon tinha um espírito revoltado, também uma sede por se desgarrar daquele mundo, de sua família, de sua gente, daquela terra que não o acolhera como ele desejava ser acolhido. Seus ressentimentos, sua amargura e sua dor só cresciam à medida que se tornavam mais velhos. Mas o que dois jovens plebeus poderiam fazer em um mundo dominado pela nobreza? Uma nobreza de sangue que era excludente, uma aristocracia que zombava das tentativas de pessoas de espírito intrépido seguir seus sonhos. Um dia, sentados debaixo de uma terminália, Damon fez um pedido a Pítias. Na noite anterior tinha sido surrado até sangrar por seu pai, que sempre se entregava à bebedeira e a cada dia atormentava ainda mais a esposa e o filho. Ele queria que Pítias lhe ajudasse a destruir todos os vestígios de sua existência naquele lugar. Seu amigo quis saber como fariam isso, a resposta foi muito simples e direta, incendiando tanto a escola na qual estudavam quanto o cartório da cidade. Nem um histórico escolar, nem um livro de registro, nenhuma alusão a Damon. Pítias explicou que isso não poria um fim à sua memória, de uma forma ou de outra ele seria encontrado em outros documentos e registros. Damon disse que aquele seria um começo, um incêndio purificador, que apagaria seu nome e criaria para a ela a história de um fim trágico. Um pai bêbado que tocou fogo na casa, seu filho se tornou vítima de sua insanidade. Mas e quanto ao corpo, que nunca seria encontrado? Em uma cidadezinha qualquer, alguns detalhes podem passar despercebidos. Quem se importa com a morte trágica de



um miserável? Pítias ajudou seu amigo e o fogo consumiu seu nome e sua memória. Damon desapareceu sem dizer nem mesmo a Pítias para onde iria, ao passo que Pítias prometeu nunca mais mencionar o seu nome ou sua memória. Uma fidelidade não na morte, mas na própria vida renegada, sujeita à condenação.

Ouvi com atenção sua narrativa, sem dizer palavra terminamos o chá. Ela tentava deter seu olhar em mim, tentando extrair algo, que eu talvez ignorasse. Eu evitava encará-la, mas aproveitava o chá e as iguarias que estavam ali servidas. Quando terminamos o chá, agradei-lhe pela hospitalidade. Ela me desejou um excelente resultado em minha pesquisa, afirmou que leria o meu livro, assim que ele fosse publicado, e desejava sinceramente que eu encontrasse, de alguma maneira, a felicidade que um dia eu proporcionara a tantas outras pessoas. Um aperto de mãos selou nossa despedida, o seu chofer me trouxe para casa. Tomei um banho quente enquanto pensava em Damon e Pítias. Há muitos anos – tantos que não consigo sequer contar – eu fui Pítias; a memória de Damon existia em algum lugar dentro de mim. Agora eu entendia a doação de Minerva Napolitano, era um agradecimento pela vida que eu proporcionara ao seu falecido esposo, Damon, que tinha conseguido um segundo nome e construído outras memórias. Quando recordamos algo, trazemos isso à existência. Dessa maneira, tratei de esquecer a historietta de Minerva Napolitano, de esquecer tudo que lera sobre ela, de esquecer a fábula de Damon e Pítias, de esquecer que tinha ajudado a apagar um nome, de destruir uma vida. Nem todo nome apagado é uma desonra, em alguns casos se torna uma glória que não podemos propagar. Em janeiro de 2021, meu livro, resultado da minha pesquisa, foi publicado pela editora da Universidade de Porto Matronal.



# Mão tácita

ANTONIO OLIVEIRA DE SOUZA

Os últimos raios de Sol haviam caído sobre o povoado Lagoa do Timóteo. As águas do Tanque Grande, ladeando o cemitério Mamed Vargas, o abandonado Colégio Municipal Joviano Martins de Oliveira – terceira escolinha de sala única construída no local – e a Igreja Bíblica Congregacional com um inclinado Campinho de terra ao fundo, deixavam registrados os reflexos finais do crepúsculo, enquanto nas estradas estreitas passavam motos apressadas, guiadas por trabalhadores rurais famintos e esfalfados. Naquele 15 de dezembro de 2021, as nuvens carregadas agregavam-se na atmosfera, anunciando probabilidade de chuvas torrenciais à noite.

Dona Ana, mulher preta de 40 aniversários e fisionomia com mais de cinquenta anos sofridos, chegava da fábrica de farinha do povoado da Estiva, onde garantia o saboroso pão diário dela e dos três filhos. Nesse dia, a mãe solo não encontrou o fifó e nem o fogo do fogão à lenha acessos, porque Jonas de 14 anos, o incumbido dessa tarefa, estava deitado no sofá desnudo com queixa de dores nas pernas. Como todas as tardes o filho mais velho ia pescar no Tanque Grande e brincar de bola no Campinho de terra com seu irmão Daniel de 12 anos em companhia de outros garotos, naturalmente, a mãe inferiu que a dor seria mais uma colisão costumeira com algum colega. À noite penum-

brosa e aguacenta naquele lar foi equivalente a um dia de fome; as horas não passavam. Ouvia-se o galo cantar três vezes e ninguém havia colado os cílios. Os gritos do adolescente se fundiam aos estrondos dos trovões. Não foi possível vindicar socorro à ambulância comunitária, porque naquela casa não tinha rede elétrica, conseqüentemente, nenhum recurso tecnológico.

Somente às 6h, o motorista estacionava a ambulância em frente à cerca torta de acesso à moradia, no Morrão, uma extensão da Avenida dos Ferreiras. No semblante de Dona Ana percebia-se um misto de desespero e dor ao anunciar para a vizinha, Tonha de Zé Ferreira, a tutela provisória dos filhinhos naquele dia. Daniel e a caçula Taís não resistiram ao peso da noite e se encontravam adormecidos. Entre lama e buracos, devido às fortes chuvas, o motorista rolou o carro com muita dificuldade para a sede Cândidos Sales, levando a progenitora e Jonas, que suava frio de tanta dor. No Hospital Municipal foi feita a triagem para regulação, mas com os recursos tecnológicos disponíveis para enfermidades de baixa complexidade não foi possível internar o paciente. Na tarde daquele dia extenso mãe e filho foram conduzidos às carreiras para o Hospital Geral de Vitória da Conquista, onde o adolescente foi internado incontinenti. O motorista voltou para o povoado com uma série de solicitações de Dona Ana, dentre elas, que a vizinha levasse os dois filhinhos para a casa de sua irmã, residente na outra extremidade do local. O médico plantonista indicou uma série de exames a serem feitos, mas por cautela não quis deduzir sobre o caso. No escorrer de cinco dias da entrada, Jonas não sentia mais dor, mas também não sentia as pernas. Dona Ana entrou em desespero. O que seria dela com um filho deficiente? Onde estaria o infeliz do Jossué que saiu de casa à véspera do nascimento da pequena com o pretexto de ir buscar melhores condições de vidas para a família, mas que nunca mais botou os pés em casa? O Natal passou sem que os resultados dos

exames preliminares estivessem prontos.

Em 31 de dezembro daquele ano, a manhã enfeitava-se de muita alegria externa e de sol, mas as ruas ao redor do Hospital estavam quase desertas. No jardim gracejava as mesmas brisas perfumadas, que beijavam as flores diversas; entretanto, não se observava, na fisionomia carrancuda do médico que adentrava ao leito, o sorriso de uma criança despreocupada. Dona Ana levantando de sua cadeira-cama, com uma palidez indizível, logo indaga:

– Doutor, e os resultados dos exames?

– Mãe, vamos conversar com a senhora – antecipou a amável enfermeira que acompanhava o médico.

Com naturalidade e profissionalismo o médico fala:

– Os exames indicaram uma bactéria na coluna vertebral do paciente, acreditamos que sua paraplegia, em tese, parece ser irreversível.

Dona Ana rasgou o ar ambiente com um grito superior ao de Jill Drake e o corpo frágil organicamente desmaiou sobre a enfermeira. Após deitá-la sobre uma maca, o médico tomou o pulso e os batimentos da nova paciente, deduzindo não passar de excesso de emoção.

Dona Ana pareceu desprender-se dos sofrimentos terrenos. Seu corpo estava em êxtase. Seu espírito envolto em ar balsamado, sente uma brisa fresca e suave, trazendo um cheiro de flores exóticas para confortar seu ser. Percebe-se andando em sítio familiar, mas desconhecido, com muitas árvores, flores, serras douradas e casarões distantes, guarnecidas por portões possantes. A paisagem era formada de cores múltiplas, numa região indefinível na linguagem humana. Deixou que o movimento do ar inebriante conduzisse seus passos absortamente. Naquele lugar maravilhoso a relatividade do tempo não poderia aceitar uma simultaneidade do paraíso-terra. Ali estava em paz. Ultrapassou muitos passos, sem perceber, o portão de um com-

plexo de prédios reluzentes, mas, ouviu um grito suave e amoroso:

– Ana, volte! – falou uma mulher com vestes branquíssima de gaze que a fitava de seu posto ao lado do portão.

Dona Ana vagueou seu olhar em qualquer direção buscando a voz afetuosa, mirou-a também, era pessoa de uns 34 anos e desconhecida na Terra. A mulher insistiu no pedido por mais duas vezes, mas ela seguiu andando em frente porque não queria deixar aquele lugar mágico. Quando Dona Ana olhou para o portão o mesmo estava fechando automaticamente, foi nesse momento que avistou, do lado de fora, Jonas em uma cadeira de rodas em companhia de Daniel e Taís, ambos chorando desesperadamente. Ana voltou correndo com todas as suas forças para sair pelo portão. Ainda ouviu a voz feminina afável pela última vez:

– Ana, volte rápido, se o portão fechar você não conseguirá sair!

Dona Ana ultrapassou o portão como um raio de sol através de uma fresta de porta, que teima em impedi-lo, para se juntar aos seus amores. Aquele transe foi interrompido pelo impacto da situação desesperadora. Seus olhos físicos voltaram a vislumbrar a dura realidade do Hospital onde a enfermeira fazia um carinho em sua frente.

No dia seguinte, o motorista da ambulância comunitária levava Jonas nos braços até sua caminha simples, enfim, de volta para casa. Era uma choupana, mas para aquela família tinha ares de palacete. A situação de Jonas passou a ser o assunto principal em Lagoa do Timóteo. A casinha simples oculta aos olhos das pessoas anos a fio, agora um soco na frente do poder público e dos moradores daquele lugar. Em suas reflexões solitárias, a mãe solo deduzia que a situação que já era penosa agora chegava ao fundo do Tanque Grande. Não conseguiu ver nem a luz de um fifó ao longe. Comeram e beberam naquele primeiro dia do ano novo pelas mãos bondosas dos vizinhos.

Dois dias depois, vamos encontrar o silêncio mórbido de nossas personagens no quarto dos filhos. Jonas estava absorto sentado

na cama. Seu pensamento olhava para o azul extraordinário das flores de sete sangrias na estrada que divisava seu lar e os principais locais de acesso diário. Contemplava as ondas formadas pelos saltos dos peixes no Tanque Grande. Sua fértil imaginação pescava tilápia na beira do extenso lago. Depois deslocou uns duzentos metros até o campinho de terra, vendo com os olhos da alma, o sorriso inocente dos amigos ao brincarem. Concluiu que era muito feliz naquela vida simples e acessível. Nunca havia observado com tanta atenção o cemitério que ficava atrás dos eucaliptos frondosos na lateral do campinho e que fazia sombra em ambos. Lembrou das inúmeras vezes em que a bola ia parar no meio das pessoas que haviam descido ao túmulo e que lhe chamava atenção uma lápide: Vovó Filismina Maria de Jesus, faleceu no dia 15/12/1992. Recordou que essa data coincidiu com a sua entrada ao hospital e teve medo. Deixou a negatividade invadir sua essência. Deduziu que a morte física seria um bálsamo para aquele corpo restrito. Na sua concepção, errônea, pensou que o estilete escolar poderia ser um aliado para abreviar o sofrimento. Agora não poderia jogar bola. Com a paralisia das pernas não poderia ir pescar e nem tomar banho no Tanque Grande, como sempre fazia com os irmãos e amigos. Recordou que os resultados da pescaria garantiam um pouco de carne na mesa e já era uma forma de ajudar que o pão não falhe, contribuindo com o esforço diário materno. Se esforçou e afastou a imaginação inferior. Teve lembranças das aulas com os professores dedicados e da alegria espontânea na hora do recreio. Naquele estado não seria possível ir à escola, além de ser longe ainda tinha a subida dos Ferreiras que parecia intransponível, mesmo a um cadeirante auxiliado. Os irmãos ainda eram pequenos e não teriam forças para rolar uma possível cadeira de rodas nas estradas de chão, com barrocas, areia, cascalho e outras intempéries naturais. A gravidade lhe rolou uma lágrima até o chão batido de seu quarto, que se uniu à água das

inúmeras goteiras. Lá fora a chuva fina e constante havia cessado. O surdo silêncio foi obstado pelo som de um automóvel estacionando em frente à choupana. Desceram três homens e uma mulher. A mulher era Diana, a esposa do condutor do veículo. O motorista, um homem pardo de 36 anos e estatura mediana, gritou ao lado da cerca com olhar fixo para a porta da frente:

– Dona Ana! – para chamar mais atenção bateu palmas em acompanhamento ao grito.

Todos no quarto se entreolharam, mas somente a matriarca foi atender a voz média que a chamava pelo nome. Como todos se conheciam naquele vilarejo, com pouco mais de mil habitantes, não foi difícil identificar os quatro visitantes. Todos foram convidados a entrarem no casebre. Naquela manhã fazia muito frio, majorado pelas rajadas fortes de um vento que soprava úmido e resistente, registrando no ambiente uma vaga impressão de doloroso lamento. Aquele lar imprimia uma expressão triste, de luta diária pela manutenção orgânica da vida deficitária de nutrientes necessários à dignidade humana, com sacrifício uniforme e constante a penas ingratas. O homem que bateu palmas era Zé de Hélio, o técnico de futebol do time Alecrim, pertencente à primeira divisão municipal. Estava ali com sua esposa e seus dois cunhados para informar que se sensibilizaram com a situação penosa da família. Também disse que haviam tomado iniciativa de promoverem uma arrecadação de alimentos no povoado e arredores para a família e que estavam levando o resultado do trabalho generoso. O técnico informou à dona da casa que todos os jogadores do time quando souberam da paralisia do adolescente iniciaram outra campanha para arrecadar fundos no intuito de adquirir uma cadeira de rodas. A alegria de Dona Ana não cabia na salinha. Seu ar de tristeza sofreu modificação considerável; de seus olhos cansados escorriam lágrimas copiosas felizes. A luz de um fífo brilhou ao longe



e vinha ao encontro de seu olhar passivo. Uma cadeira de rodas poderia dar um pouco de liberdade ao filhinho do coração. Mas no fundo sabia de todas as situações ingratas que estavam esperando por ele; dificuldade de se locomover dentro da própria casa inacessível; o olhar maldoso das pessoas incompreensíveis e o insulamento do garoto. A chuva torrencial e os olhos daquela família acompanharam o veículo até sumir de vista nas curvas lamacentas da estrada, levando todos os agradecimentos amorosos. A família ficou maravilhada com a generosidade e empatia daquela gente conhecida, mas distante. A comida entregue garantiria o provimento do núcleo familiar por algumas dezenas de dias.

Vinte dias foram coados na rapidez tecnológica inexistente no lar de Dona Ana. Também rolaram nos morros as volumosas enxurradas das águas de janeiro. Foram águas nunca vistas pela parteira Maria de Natalino, de 106 anos, mais idosa do povoado. As estradas ruins ficaram piores, muitas inundadas ou até destruídas. Em Estiva, Pedra Redonda, Bandola e Quaraçu, as barragens se arrebentaram com o volume excessivo das águas. O Tanque Grande quase entrou para a estatística, seu ladrão não deu a vazão necessária e as águas transbordaram sobre a tapagem. Para não acontecer o pior, as mãos habilidosas dos moradores alargaram rapidamente o sangrador, permitindo o fluxo da correnteza. Não intimidadas com as constantes chuvas, muitas pessoas do povo visitaram a casinha simples, vendo microscopicamente a vida penosa dos residentes. Houve interrupção nos trabalhos na fábrica de farinha onde Dona Ana laborava, porque uma barragem do governo inundou a única estrada que unia os povoados do Timóteo e Estiva. Era preciso abrir outra estrada, mas só após a estiagem. Mesmo com a ajuda alheia, o coração de Dona Ana não palpitava em paz, ela julgava que o estômago não sobrevive de fogo-fátuo e de bolsa alheia.

Na rara estiagem da tarde do penúltimo domingo de janeiro, Zé de Hélio estacionou o veículo na frente daquele lar ático. Estavam com ele, Diana e a professora aposentada Joana Lacerda.

– Jonas! – gritou o técnico fazendo palmas ressoar simultaneamente.

Quem apareceu na janela tosca foi Daniel, que logo acolheu todos na saleta. Dona Ana e Taís estavam lavando os pratos na cozinha, enquanto Jonas se deliciava na ambígua leitura de Dom Casmurro, exemplar emprestado da escola. As mulheres interromperam suas atividades, foram até a sala cumprimentar os visitantes. Foi Zé de Hélio quem puxou o diálogo:

– Dona Ana, temos algumas notícias para toda a família. Nós, do time Alecrim, tivemos muitas dificuldades nas arrecadações para a cadeira de rodas. Quando se trata de dinheiro é mais difícil pela situação de vulnerabilidade socioeconômica da grande maioria das pessoas. Ampliamos as redes de divulgação e solicitamos apoio das igrejas dos diversos matizes. A ideia era comprar um equipamento simples, mas, com uma rede maior, as doações foram generosas e foi possível comprar uma Cadeira de Rodas com motor elétrico. Sabemos que sua casa ainda não é guarneçada com energia elétrica, mas precisamos encontrar uma saída.

– Seu Zé – falou Dona Ana com os olhos rasos de lágrimas, a ponto de não poder falar de pronto, tal a comoção que lhe estrangulava a voz no recôndito do peito ressentido –, não sei o que fazer para lhe pagar.

– A senhora não vai pagar, essa aquisição foi o resultado de rifas e doações de pessoas desinteressadas. A cadeira está no carro, você pode pegar comigo Daniel? – o filho mais novo de Dona Ana não respondeu, dominado pela emoção do momento, apenas meneou positivamente a cabeça.

Todos os rostos desditosos daquele lar mostraram um sorriso

gratuito. Não demorou muito para Jonas dar os primeiros comandos naquela estrutura robusta que seria suas pernas, seu deslocar, sua condição de acessibilidade, sua independência, não obstante, a gama de barreiras. Os olhos de Jonas pareciam dois faróis em noite sem Lua. Desde a paralisia de suas pernas, Jonas sempre necessitou de alguém para levá-lo do quarto ao banheiro e vice-versa. Agora não precisaria recorrer ao trabalho alheio, ao menos até a porta estreita do banheiro. Dona Ana alisava os cabelos do primogênito, comovidamente, como se o fizesse a um filho exilado em país distante após longo período farto de melancolia, exclamando em arremate:

– Meu filho – abraçando-o maternalmente –, estarei ao lado do seu coração de menino independente de qualquer sacrifício!

A professora Joana, que apenas observava os fatos sem intervenção, expressou mansamente em tom suave e encantador:

– Dona Ana, estou aqui em companhia de Diana e Zé para participar a senhora de uma ideia que temos compartilhado. Como a senhora sabe, essa sua casa não tem as condições de acessibilidade para uma pessoa com deficiência. Para diminuir seu esforço e de toda a família é preciso que o Jonas se locomova dentro de casa sem barreiras. Estamos pensando em uma campanha ousada, onde pretendemos construir uma casa acessível para vocês. Observando seu quintal, temos muito espaço aqui na frente da casa, que pode ser utilizado facilmente para agasalhar nova morada. Isso pode acontecer em meses, mas pode levar anos, porque vai depender da contribuição das pessoas. Eu não tenho habilidades com redes sociais, nem com os recursos tecnológicos avançados, mas a Diana domina tudo isso. Queremos lançar a campanha Todos por Jonas. Eu me comprometo a ir nas rádios de Cândido Sales e Belo Campo buscar apoio dos ouvintes. Além da Diana e do Zé, já temos um pequeno grupo que vai tomar as rédeas da campanha.

– Isso Joana, estive falando com a filha de Batista, que diplomou em arquitetura, ela se ofereceu a fazer o projeto arquitetônico com desenho universal – completou a esposa de Zé de Hélio.

– Eu tenho um colega professor de Quaraçu que vai disponibilizar o engenheiro que acompanha sua obra para ser o responsável técnico da construção – continuou Joana –, caso tenhamos sucesso nas arrecadações e doações de trabalho. Isso porque pretendemos seguir em algumas frentes como arrecadar dinheiro, materiais de construção, doações do próprio trabalho, móveis, entre outros.

Dona Ana parecia ter chegado naquele mesmo lugar visitado durante o desfalecimento no Hospital, só que dessa vez o ar fresco entrava rasgando pelas janelas e traspassava suas narinas em sentido aos pulmões ofegantes em compasso binário. Sentiu na professora Joana um padrão de paz do Cristo. Verdadeiramente era umas dessas pessoas que emitem luzes do coração. Não à luz de um fifó, mas de um possante farol de milha. Após suas digressões surdas, se dirigiu à professora:

– Dona Joana, só Deus pode pagar sua bondade, não sei nem o que dizer.

A dona daquele lar simples concordou com tudo que Joana Lacerda falou, desde o lançamento da campanha até a utilização do terreno da frente da choupana para erguer um ninho confortável. O pequeno grupo deixou todos ali com uma alegria que não cabia no povoado. Os dias escoaram na rapidez rotacional do globo. Zé de Hélio e seu grupo Corrente do Bem trabalharam na identidade visual das redes sociais, na idealização do projeto da casa, na planilha dinâmica com todos os cálculos, as informações de arrecadação, os gastos, os dias a serem doados, materiais a serem utilizados, móveis, entre outros. Dona Joana percorreu ponta a ponta a localidade para buscar o apoio das lideranças do povoado. A professora tinha o dom de unir cristãos das

diversas interpretações evangélicas. Para ela não importava o matiz, mas a empatia e a boa intenção. Acreditava que só existe um caminho para a paz que é o caminho do amor. Sempre repetia: “O mesmo solo nos alimenta, o mesmo Sol nos vitaliza e as mesmas fontes nos matam a sede”. Ela tinha o brilho da felicidade imorredoura no semblante de seis décadas. Deu vasta contribuição à educação, criou dignamente seus três filhos e sempre estendeu as mãos generosas às mães desamparadas. Agora estava diante de um grande desafio porque conhecia a realidade financeira daquele povo, não seria fácil angariar quantia vultuosa. No entanto, sua positividade não abria um espaço atômico à negatividade.

A campanha Todos por Jonas foi posta nas ruas e no espaço sideral. Inicialmente, na região e, aos poucos, foi propagando para outros terrenos. Muitos se disponibilizaram a doar mão de obra e materiais, mas os recursos financeiros estavam modestos para o pleito. Zé de Hélio reuniu o grupo para buscar estratégias efetivas para a campanha. Como encaminhamento, ficou acordado as entrevistas em rádios e que cada membro do grupo solicitasse apoio aos amigos próximos de qualquer lugar. Com vinte dias de trabalho árduo o grupo contabilizou-se algumas dezenas de diárias de trabalho voluntário, blocos e algumas centenas de reais. Os primeiros recursos foram suficientes para comprar os materiais iniciais. Entre as pessoas voluntárias estava o pedreiro João de Deus, homem muito respeitado pela perfeição das construções erguidas, designado para liderança da obra. Sob seu comando no último sábado de fevereiro a nova casa de Dona Ana saía da planta baixa para a realidade, foi um dia radiante para todos. A cadeira de Jonas foi posta para fora da casa para ele acompanhar o trabalho voluntário de dezenas de pessoas. As duas mangueiras frondosas ao lado da casinha serviam de guarida aos trabalhadores. Ao sabor de muitas histórias e gargalhadas inocentes o primeiro mês evaporou na

rapidez do som do ar atmosférico, consumindo os materiais e recursos doados. A campanha esfria no calor do verão de março. A casa acessível com três quartos – sendo uma suíte –, sala, cozinha, banheiro social, lavanderia ainda se encontrava no respaldo da alvenaria. Todo o planejamento estratégico foi executado e sorveu vaporoso. Os principais integrantes da campanha não vislumbravam nada vultuoso pela frente. As fontes de doações, em espécie, secaram, impondo a mesma tristeza de Baruch Espinosa, onde a realidade diminuiu a capacidade de ação, com uma sensação de impotência.

No meio da manhã do primeiro sábado de abril, o líder da ação foi até o local da construção participar a família da situação penosa. Chegando não teve forças para articular um grito direcionado ao nome de nenhum morador, foi para as mangueiras, como se ali fosse uma fonte de energia para morigeração do seu organismo. Ondas de inquietação marulhavam seu corpo com foco na realidade profunda. Seu corpo fruído de resignação parecia deficitário de forças orgânicas. Zé de Hélio, pai de um filho de dez anos com deficiência, estava com a cabeça pululando debaixo de uma das mangueiras frondosas, não sabia onde encontrar um raio de luz para acender as doações escassas. Seu coração altruísta enxergava além do alcance da visão óptica e tentava insuflar-lhe um pouco de oxigênio em seu cérebro sopesado. Buscando consolidar um desdobramento refinado, a sua imaginação viajou algumas ordens de grandezas acima da rapidez do relâmpago. Na ânsia humana de descortinar um mundo equânime, o seu olhar se dilatou para os infantários siderais, como se munido de supertelescópio, percorreu vastíssimo corredor histórico de Sócrates a Francisco de Assis. Seu corpo inclinado para a árvore benfazeja dispunha das mãos acariciando o tronco áspero, como a decifrar mensagem em braille que fosse factível devassar o segredo dos homens de bem que transcenderam as barreiras materiais e imaginárias. O som ambiente

na vegetação nativa vizinha era um misto de cacarejos de galinhas e cantos de pássaros comuns. Em seu estado absorto Zé não daria atenção nem a sutileza e naturalidade das notas eruditas de Paganini em seu andante romano, nos harmônicos artificiais misteriosos, trazendo em si a novidade do mundo oculto das inspirações artísticas, aquele mesmo que todos nós já vivemos certa vez. Mas, tal foi o susto ao despertar daquele transe ao ouvir dois silvos de uma buzina corneta de um grande caminhão que estacionava em frente à casa de Dona Ana. Desceram três homens desconhecidos.

– É aqui que mora Jonas de Dona Joana? – indagou o condutor do caminhão, se dirigindo a Zé de Hélio.

– Sim senhor, vou chamar Dona Ana.

Não precisou Zé se deslocar um milímetro, como é natural em povoados, todos naquela casa se colocaram nas janelas e porta frontal para verem a novidade. O motorista se aproximou até a janela cumprimentando a dona da casa em viva voz:

– Bom dia, Dona Ana! Estamos aqui por ordem de nosso patrão, a senhora pode me dizer onde podemos descarregar os materiais e móveis?

– Quem é seu patrão e quem é você? Eu não comprei nada, acho que foi Zé de Hélio, né Zé? – falou Dona Ana dirigindo o olhar ao amigo do coração.

– Não foi ninguém daqui que comprou os materiais e os móveis básicos que vimos entregar. Nosso nome não tem importância alguma e nosso patrão nos ordenou a não falar o nome dele, nem o nome de seu estabelecimento comercial. – Dona Ana ouvia-lhe a voz anasalada, enquanto uma lágrima de felicidade gratuita rolava dos seus olhos tristes e cansados.

O evento inesperado envolveu nossas personagens em uma atmosfera de emoção indescritível. A empatia do benfeitor tácito foi

como clarão de um farol iluminando os corações aflitos e desafortunados. A luz projetada pela doação vultuosa iluminou o núcleo de cada coração de Lagoa do Timóteo, fazendo a equipe liderada por João de Deus quase triplicar. Joana Lacerda e Zé de Hélio, rememorando todos os dias que antecederam, sonho e realidade, chegaram à conclusão de que o altruísmo é uma luz que ilumina quem o pratica. A felicidade de Dona Ana e Jonas não cabia na casa, nem no mundo. Um mês depois as redes sociais da campanha estavam efervescentes com um cartão inscrito Convite Especial para a entrega da casa de Jonas, no dia 7 de maio, às 16h.









